UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
PATRIMÔNIO CULTURAL

IDENTIDADE E IMAGINÁRIA JESUÍTICO-MISSIONEIRA DA REDUÇÃO DE SÃO FRANCISCO DE BORJA: ALTARES PARTICULARES, DA IDOLATRIA AO FOGO.

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

José Fernando Corrêa Rodrigues

Santa Maria, RS, Brasil
2019

IDENTIDADE E IMAGINÁRIA JESUÍTICO-MISSIONEIRA DA REDUÇÃO DE SÃO FRANCISCO DE BORJA: ALTARES PARTICULARES, DA IDOLATRIA AO FOGO.

José Fernando Corrêa Rodrigues

Dissertação apresentado ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Área de Concentração em História e Patrimônio Cultural, Linha de Pesquisa em História e Patrimônio Cultural, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito para obtenção do grau de
Mestre em Patrimônio Cultural

Orientador: Prof. Dr. Flavi Ferreira Lisboa Filho

Santa Maria, RS, Brasil
2019

Rodrigues, José Fernando Corrêa
IDENTIDADE E IMAGINÁRIA JESUÍTICO-MISSIONEIRA DA REDUÇÃO DE SÃO FRANCISCO DE BORJA: ALTARES PARTICULARES, DA IDOLATRIA AO FOGO / José Fernando Corrêa Rodrigues.- 2019.
152 p.; 30 cm

Orientador: Flavi Ferreira Lisboa Filho
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, RS, 2019

1. Identidade 2. Imaginária 3. Patrimônio Cultural 4. Missões 5. São Borja I. Filho, Flavi Ferreira Lisboa II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
PATRIMÔNIO CULTURAL

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
Aprova a Dissertação de Mestrado

Título:

IDENTIDADE E IMAGINÁRIA JESUÍTICO-MISSIONEIRA DA REDUÇÃO DE SÃO FRANCISCO DE BORJA: ALTARES PARTICULARES, DA IDOLATRIA AO FOGO.

Elaborado por:
José Fernando Corrêa Rodrigues

Como requisito para obtenção do grau de
Mestre em Patrimônio Cultural

COMISSÃO ORGANIZADORA:

Prof. Dr. Flavi Ferreira Lisboa Filho
(Presidente/Orientador – UFSM)

Prof. Dr.Marcelo Ribeiro
(UFSM)

Drª Raquel Machado Rech
(IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional)

Santa Maria, 22 de fevereiro de 2019.

AGRADECIMENTOS

Inicio meus agradecimentos por DEUS, por explicar o inexplicável, por eu estar aqui, por tudo.

Mais que um orientador, um amigo, Prof. Dr. Flavi Ferreira Lisboa Filho, um ser humano fantástico, agradeço sua dedicação com a pesquisa, valendo-se sempre das palavras certas nas horas precisas, pelo seu apoio e confiança.

À Universidade Federal de Santa Maria por abrirem as portas para que eu pudesse realizar este sonho. Agradeço à Coordenadoria de Ações Regionais e Inovação da Pró-Reitoria de Extensão da UFSM, pelo auxilio financeiro para a execução do produto resultante da pesquisa.

Gigante foi o conhecimento disseminado pelos professores do Mestrado Profissionalizante em Patrimônio Cultural, pois me trouxeram os conhecimentos necessários acerca das questões patrimoniais.

In memoriam a meus pais Jesus Rodrigues e Doralina Corrêa Rodrigues, por todo amor, e instrução dispensado durante suas existências.

No amparo da família, que sempre esteve ao meu lado durante toda esta trajetória, suportando ausências, suprindo necessidades e anseios, encorajando e acompanhando cada passo, pois somos companheiros e partilhamos este sonho, ao melhor de mim Lucas e Larissa.

A minha esposa Cristina, por ser tão importante na minha vida, sempre ao meu lado, me pondo para cima e me fazendo acreditar que posso mais que imagino.

Registros compartilhados, esta foi a tônica da busca pelos materiais e só foi possível graças as pessoas que nos receberam em suas residências, ou que de alguma forma contribuíram para a pesquisa, especialmente os amigos são-borjenses Clóvis Benevenuto e Rossini Rodrigues pelo apoio e compartilhamento de informações.

Ilustres amigos do mestrado, vivemos momentos memoráveis de troca de conhecimento, dividindo angustias que aos poucos foram sendo sanadas no despertar do conhecimento, um forte abraço missioneiro aos amigos do centro do Estado, especialmente ao Ricardo Mayer e Eloi Scapin, que tornaram mais leve meu trabalho. Obrigado! Foi bom poder contar com vocês!

A todas as outras pessoas que me ajudaram, o meu sincero agradecimento. Ninguém vence sozinho... OBRIGADO A TODOS!

“Não importa que o Museu esteja em seu início: toda longa jornada começa com um primeiro passo, importante justamente por ser o primeiro. Não importa que proximamente exista outro museu opulento, especializado em história e arte das Missões: é a própria UNESCO, órgão cultural da ONU, que aconselha a descentralização e regionalização dos museus”.

(**Carlos Galvão Krebs, 1973**)

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural Universidade Federal de Santa Maria

IDENTIDADE E IMAGINÁRIA JESUÍTICO-MISSIONEIRA DA REDUÇÃO DE SÃO FRANCISCO DE BORJA: ALTARES PARTICULARES, DA IDOLATRIA AO FOGO.

AUTORIA: JOSÉ FERNANDO CORRÊA RODRIGUES
ORIENTADOR: FLAVI FERREIRA LISBOA FILHO
Data e local: Santa Maria, 22 de fevereiro de 2019

Esta pesquisa teve como objetivo analisar as imaginárias jesuítico-missioneiras oriundas da antiga Redução de São Francisco de Borja, comparando fotograficamente alguns exemplares de imaginárias de posse de particulares catalogados em 1989/1992, cujos inventários originais encontram-se de posse do IPHAN, para desenvolver uma exposição itinerante com o resultado da pesquisa. Buscamos interpretar o patrimônio cultural remanescente do período Reducional existente em São Borja - RS, e relacionamos os conceitos de identidade e patrimônio cultural com a história de resistência da imaginária existente no referido município. Almejamos ampliar o conhecimento da comunidade são-borjense sobre sua origem e seu patrimônio cultural, buscando uma maior identificação dos habitantes com a origem da própria cidade. Como produto resultante da pesquisa, propomos uma exposição itinerante composta de quinze banners, e que será inaugurada no Museu Municipal Apparício Silva Rillo, na cidade de São Borja, em 2019.

Palavras-Chave: Identidade; Imaginária; Patrimônio Cultural; Missões; São Borja.

ABSTRACT

Master's Degree Dissertation
Post-graduation Program in Cultural Heritage
Federal University of Santa Maria

THE JESUITIC-MISSIONARY IDENTITY AND RELIGIOUS IMAGINARY OF THE SÃO FRANCISCO DE BORJA JESUIT REDUCTION: PRIVATE ALTARS, FROM WORSHIP TO FIRE.

AUTHOR: JOSÉ FERNANDO CORRÊA RODRIGUES
ADVISOR: FLAVI FERREIRA LISBOA FILHO
Date and place: Santa Maria – February 22, 2019

This research aimed to analyze the jesuitic-missionary imaginary from the old São Francisco de Borja Reduction, comparing photographically some examples of religious imaginaries by private owners catalogued in 1989/1992, for which original inventories are kept by IPHAN (National Historic and Artistic Heritage Institute), in order to develop a traveling exhibition with the findings of the research. We sought to interpret the remaining cultural heritage from the Reductions period found in São Borja, and we relate the concepts of identity and cultural heritage to the history of imaginary resistance existing in the mentioned municipality. We purpose to amplify the local community knowledge regarding their own origin and cultural heritage, with the history of imaginary resistance existing in the said municipality, we propose to broaden the knowledge of the São-Borja community. As resulting product of this research, we developed a traveling exhibition composed by fifteen banners which will be inaugurated in Apparício Silva Rillo Municipal Museum, in the city of São Borja, in 2019.

Keywords: Identity; Imaginary; Cultural Heritage; Jesuit Reductions; São Borja.

LISTA DE ABREVEATURAS E SIGLAS

IPHAN Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
ARENA Aliança Renovadora Nacional
BID Banco Interamericano de Desenvolvimento
CNSA Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos
FURG Universidade Federal do Rio Grande
IFFAR Instituto Federal farroupilha
IPHAE Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado
PUCRS Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
SPHAN Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
UFPEL Universidade federal de Pelotas
UFRGS Universidade federal do rio Grande do Sul
UFSM Universidade Federal de Santa Maria
UNESCO Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura.
UNIPAMPA Universidade Federal do Pampa
UNISINOS Universidade do Vale do Rio dos Sinos
UPF Universidade de passo Fundo
USP Universidade de São Paulo

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Mapa das Missões dos índios Guarani do Pe. Joseph Cardiel. Ano de 1770. Ilustra a localização dos 30 povoados Guarani cristianizados entre os rios Paraguai e Uruguai.....36
Figura 02 – Imaginária jesuítico-missioneira de São Francisco de Borja obra atribuída a José Brasanelli –Século XVII/XVIII – Inventário da imaginária missioneira nº RS89.0001.0031.....40
Figura 03 – Planta da Redução de São Francisco de Borja, datada de 1784, elaborada por José Maria Cabrer.....41
Figura 04 – Dr. Bozidar DarKo Sustersic, no momento da identificação da estatuária no Museu Municipal Apparício Silva Rillo, em São Borja.....45
Figura 05 – Pintura Nossa Senhora do Socorro – Século XVII/XVIII - Inventário da estatuária Missioneira RS/91-0001-0054.....47
Figura 06 – Escultura de São Miguel Arcanjo – Século XVII/XVIII – Inventário da Imaginária Missioneira nº RS/89-0001-0009.....51
Figura 07 – Altar da igreja matriz São Francisco de Borja.....57
Figura 08 – Escultura indígena produzida por indígenas de São Borja doada ao Museu Histórico Nacional em 1964 – Século XVII/XVIII.....59
Figura 09 – Foto Família Ayala Chagas junto ao Altar Jesuítico-missioneiro.....63
Figura 10 – Foto do fragmento queimado do senhor Morto (RS/91-0001- 0053)....64
Figura 11 – Detalhe do retábulo Missioneiro.....83
Figura 12 – São Joãozinho Batista no andor.....104
Figura 13 - Foto São Miguel Arcanjo.....107
Figura 14 – Foto da imaginária de um Senhor Morto.....111
Figura 15 – Foto da declaração de origem do São Jorge Missioneiro.....113
Figura 16 – Foto de diversas imaginárias missioneiras.....115
Figura 17 – Foto banner de abertura da exposição.....124
Figura 18 – Foto banner 30 Povos Missioneiros.....125
Figura 19 – Foto banner Redução de São Francisco de Borja.....126
Figura 20 – Foto banner escultor Brasanelli.....127
Figura 21 – Foto banner Arte Jesuítico-Charrua.....128
Figura 22 – Foto banner Imaginária virou notícia.....129
Figura 23 – Foto banner Inventário da Imaginária Missioneira.....130
Figura 24 – Foto banner Retábulo Missioneiro.....131
Figura 25 – Foto banner São Francisco de Borja.....132
Figura 26 – Foto banner Menino Jesus.....133
Figura 27 – Foto banner Santo Antônio de Pádua.....134
Figura 28 – Foto banner São João.....135
Figura 29 – Foto banner São Joãozinho Batista.....136
Figura 30 – Foto banner Imaginárias não inventariadas - Idolatria.....137
Figura 31 – Foto banner Reflexão identitária – Ao fogo.....138
Figura 32 – Foto representativa do folder da exposição frente.....139
Figura 33 – Foto representativa do folder da exposição verso.....140
Figura 34 – Foto representativa do folder da exposição completo.....141

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Quadro da Imaginária jesuítica Inventariada da Redução de São Francisco de Borja.....71
Quadro 02 – Quadro da Imaginária jesuítica Inventariada da Redução de São Francisco de Borja de posse de particulares.....72
Quadro 03 – Quadro atual da Imaginária jesuítica Inventariada da Redução de São Francisco de Borja.....77
Quadro 04 – Atualização de dados de identificação da estatuária de São Francisco de Borja.....79
Quadro 05 – Atualização de dados de localização da estatuária de São Francisco de Borja.....79
Quadro 06 – Atualização de dados de característica da estatuária de São Francisco de Borja.....80
Quadro 07 – Atualização de dados das dimensões da estatuária de São Francisco de Borja.....81
Quadro 08 – Atualização de dados de identificação da imaginária Pia Batismal. 81
Quadro 09 – Atualização de dados de localização da imaginária Pia Batismal.....81
Quadro 10 – Atualização de dados de característica da estatuária de São Francisco de Borja.....82
Quadro 11 – Atualização de dados das dimensões da imaginária Pia Batismal.....83
Quadro 12 – Atualização de dados de identificação do Retábulo Missioneiro.....84
Quadro 13 – Atualização de dados de localização do Retábulo Missioneiro.....84
Quadro 14 – Atualização de dados de característica do Retábulo Missioneiro.....85
Quadro 15 – Atualização de dados das dimensões do Retábulo Missioneiro 86
Quadro 16 – Atualização de dados de identificação da Figura infantil.....87
Quadro 17 – Atualização de dados de localização da figura infantil.....87
Quadro 18 – Atualização de dados de característica da figura infantil.....88
Quadro 19 – Atualização de dados das dimensões da Figura infantil.....89
Quadro 20 – Atualização de dados de identificação da imaginária de Nossa Senhora da Conceição.....89
Quadro 21 – Atualização de dados de localização da imaginária de Nossa Senhora da Conceição.....90
Quadro 22 – Atualização de dados de característica da imaginária de Nossa Senhora da Conceição.....90
Quadro 23 – Atualização de dados das dimensões da imaginária de Nossa Senhora da Conceição.....91
Quadro 24 – Atualização de dados de identificação da imaginária de Santo Antônio de Pádua.....92

Quadro 25 – Atualização de dados de localização da imaginária de Santo Antônio de Pádua.....92
Quadro 26 – Atualização de dados de característica da imaginária de Santo Antônio de Pádua.....93
Quadro 27 – Atualização de dados das dimensões da imaginária de Santo Antônio de Pádua.....,.....94
Quadro 28 – Atualização de dados de identificação da imaginária de uma figura infantil.....94
Quadro 29 – Atualização de dados de localização da imaginária de uma figura infantil.....95
Quadro 30 – Atualização de dados de característica de uma figura infantil.....95
Quadro 31 – Atualização de dados das dimensões da imaginária de uma figura infantil 96
Quadro 32 – Atualização de dados de identificação do anjo do Retábulo Missioneiro.....96
Quadro 33 – Atualização de dados de localização do anjo do Retábulo Missioneiro.....97
Quadro 34 – Atualização de dados de característica do anjo do Retábulo Missioneiro.....97
Quadro 35 – Atualização de dados das dimensões do Anjo do Retábulo Missioneiro.....98
Quadro 36 – Atualização de dados de identificação do anjo do Retábulo Missioneiro.....99
Quadro 37 – Atualização de dados de localização do anjo do Retábulo Missioneiro.....99
Quadro 38 – Atualização de dados de característica do anjo do Retábulo Missioneiro.....100
Quadro 39 – Atualização de dados das dimensões do Anjo do Retábulo Missioneiro.....101
Quadro 40 – Atualização de dados de identificação da imaginária de São João.....101
Quadro 41 – Atualização de dados de localização da imaginária de São João.....102
Quadro 42 – Atualização de dados de característica da imaginária de São João. 102
Quadro 43 – Atualização de dados das dimensões da imaginária de São João 103
Quadro 44 – Atualização de dados de identificação da Figura infantil.....104
Quadro 45 – Atualização de dados de localização da Figura infantil.....105
Quadro 46 – Atualização de dados de característica da Figura infantil.....105
Quadro 47 – Atualização de dados das dimensões da Figura infantil.....106
Quadro 48 – Fotos de Nossa Senhora imaculada Conceição antes do restauro.....108
Quadro 49 – Fotos de Nossa Senhora imaculada Conceição depois do restauro.....109

Quadro 50 – Fotos da imaginária de São Francisco de Borja.....110
Quadro 51 – Fotos da imaginária de um São Jorge Missioneiro.....112
Quadro 52 – Fotos de um São Francisco de Borja 114
Quadro 53 – Fotos de diversas imaginárias e pratarias eclesiásticas 114
Quadro 54 – Cronograma da exposição.....121

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 15

2 IDENTIDADE E PATRIMONIO CULTURAL 20
2.1 ESTUDOS CULTURAIS, CULTURA E IDENTIDADE 20
2.2 PATRIMÔNIO CULTURAL, MEMÓRIA E HERANÇA CULTURAL 28

3 REDUÇÕES E BARROCO MISSIONEIRO 35
3.1 A PROVÍNCIA JESUÍTICA DO PARAGUAI E A REDUÇÃO DE SÃO FRANCISCO DE BORJA 35
3.1.1 Redução de São Francisco de Borja 39
3.2 BARROCO MISSIONEIRO OU BARROCO CRIOULO 50
3.3 PECULIARIDADES DA IDENTIDADE SÃO-BORJENSE.....66

4 METODOLOGIA 69

5 RESULTADOS 77
5.1 IMAGINÁRIAS INVENTARIADAS.....78
5.1.1 Imaginária “São Francisco de Borja” - RS/89.0001.0031.....78
5.1.2 Imaginária “Pia Batismal” - RS/89.0001.0032.....81
5.1.3 Imaginária “Retábulo Missioneiro” – RS/89.0001.0036.....83
5.1.4 Imaginária “Figura infantil” – RS/89.0001.0034.....86
5.1.5 Imaginária “Nossa Senhora da Conceição” – RS/89.0001.0028.....89
5.1.6 Imaginária “Santo Antônio de Pádua” – RS/89.0001.0062.....91
5.1.7 Imaginária “Figura infantil” – RS/89.0001.0048.....94
5.1.8 Imaginária “Anjo” – RS/89.0001.0037.....96
5.1.9 Imaginária “Anjo” – RS/89.0001.0038.....98
5.1.10 Imaginária “São João” – RS/89.0001.0046.....101
5.1.11 Imaginária “Figura infantil” – RS/89.0001.0041.....103
5.2 IMAGINÁRIAS JESUÍTICAS NÃO INVENTARIADAS DE POSSE DE PARTICULARES.....107
5.2.1 Imaginária de São Miguel Arcanjo.....107
5.2.2 Imaginária Nossa Senhora imaculada Conceição.....108
5.2.3 Imaginária de São Francisco de Borja.....109
5.2.4 Imaginária Senhor Morto.....110
5.2.5 Imaginária São Jorge Missioneiro.....111
5.2.6 Diversas Imaginárias da Família Caillar.....113
5.2.7 Diversas Imaginárias do Acervo de Iberê Teixeira.....115
5.3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES A TÍTULO DE ANÁLISE.....115
5.4 O PRODUTO: A EXPOSIÇÃO ITINERANTE.....119
5.4.1 Apresentação do produto.....120
5.4.2 Produção da exposição.....121
5.4.3 Proposta de ação paradidática.....141

6 CONCLUSÕES..... 143

REFERÊNCIAS 14**7**

1 INTRODUÇÃO

Este estudo expressa o desejo de dar continuidade às pesquisas realizadas na Pós-Graduação Lato Sensu do Curso de Especialização em Imagem, História e Memória das Missões: Educação para o Patrimônio, realizadas na Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, em São Borja-RS, o trabalho versou sobre Resquícios Jesuítico-Missioneiros na Terra dos Presidentes e a potencialização para o desenvolvimento do Turismo. Assim, os resquícios jesuíticos da Redução de São Francisco de Borja sempre se fizeram presente, despertando o interesse em seu descortinamento.

Ao ingressar no Mestrado em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria, em 2017, tal preocupação persistiu, especialmente, no que tange às estatuárias de particulares da referida Redução. Motivado por um caso que acompanhei[1] no ano de 2006, quando um Pastor da Igreja Universal do Reino de Deus, queimou em um culto, na cidade, duas estatuárias inventariadas. Este fato chamou a atenção, pois estas obras que eram idolatradas por antepassados desta família, há mais de cinco gerações, acabaram consumidas pelo fogo. Diante da ignorância do religioso, fico imaginando quantos casos poderiam ser evitados se o conhecimento sobre este patrimônio cultural obtiver maior divulgação e conhecimento pela população local.

Neste sentido, a presente pesquisa tem como propósito, ampliar o conhecimento da comunidade são-borjense sobre sua origem e seu patrimônio cultural, objetivando uma maior identificação dos habitantes com a origem da própria cidade.

Após diversas reuniões e discussões com o orientador, definimos o projeto a ser executado, iniciamos desenvolvendo o estado da arte. As pesquisas realizadas sobre publicações que relacionam ao tema da estatuária missioneira, são bastante escassas. Iniciamos a busca pela plataforma de Catálogos de teses e dissertações da Capes, posteriormente, partimos para os repositórios de universidades como: UFPEL, UFSM, UFRGS, PUCRS, UPF, FURG, USP e Unisinos. Para todas as pesquisas utilizamos o mesmo padrão, as palavras “estatuária/ missioneira/ imaginária”. Localizamos algumas dissertações e teses que abordaram o assunto,

[1] Utilizo a primeira pessoa do singular para falar de motivações de ordem pessoal que mobilizam a pesquisa.

entre eles Claudete Boff (2002), Andréia Lacerda Bachettini (2003), Letícia Brandt Bauer (2007), Jacqueline Ahlert, (2008 e 2012) e Natalia Thielke (2014).

Após os textos confrontados, constatamos que nenhum destes trabalhos tematizou as imaginárias de posse de particulares da redução de São Francisco de Borja a luz do Patrimônio Cultural, proposta desta pesquisa.

Em seu trabalho de Mestrado em História, intitulado “A imaginária guarani: o acervo do Museu das Missões” Claudete Boff (2002), examinou o acervo do Museu das Missões de São Miguel das Missões, refletiu sobre o que se denomina como “barroco jesuítico-guarani” e tratou da iconografia e da imagem como estratégia de evangelização.

Andréa Lacerda Bachettini (2003), em sua dissertação de Mestrado em História, intitulada “A Imaginária Missioneira do Rio Grande do Sul: estudo sobre o acervo escultórico do Museu das Missões”, abordou reflexões sobre a produção de imaginária nas missões, a técnica empregada em sua confecção, assim como a criação do Museu e a formação do seu acervo.

Já Letícia Brandt Bauer (2007), que trabalhou no Museu das Missões como museóloga, em sua pesquisa de Mestrado em Educação, intitulado “Patrimônio Cultural, história e memória: o arquiteto e o zelador. São Miguel das Missões (1937-1960)”. Tratou das relações do zelador Hugo Machado responsável por cuidar das Ruínas de São Miguel das Missões antes da investida do IPHAN na sua preservação e de Lucio Costa, arquiteto encarregado da criação do Museu das Missões e responsável pelas primeiras intervenções no sítio. Foi abordado o caminho da construção do acervo, inclusive as coletas intempestivas de imaginárias em residências pela região das Missões, cumprindo ordens do então Presidente Getúlio Vargas.

De Jaqueline Ahlert (2008), analisamos dois trabalhos de pesquisa uma dissertação de mestrado em História intitulada “As miniaturas na imaginária missioneira – O acervo do Museu Monsenhor Estanislau Wolski”, que versou sobre as miniaturas remanescentes da cultura material das Missões jesuítico-guaranis em exposição no museu localizado na cidade de Santo Antônio das Missões, antiga Vila 13, distrito de São Borja - RS. Ela analisou a origem das imaginárias em miniaturas que evidenciam a transposição do ambiente sagrado da Igreja para o espaço individual do culto doméstico.

Em sua tese de doutoramento Ahlert (2012) tratou das “Estátuas Andarilhas. As Miniaturas na Imaginária Missioneira: Sentidos e Remanescências**”**, sobre os remanescentes da produção escultórica das doutrinas jesuíticas da Província paraguaia, analisou as miniaturas e as imagens de médio porte, sob as perspectivas histórica, antropológica e estética.

Natalia Thielke (2014) em sua dissertação de Mestrado em Educação intitulado, “O percurso das imagens: a estatuária missioneira no Museu Júlio de Castilhos e no Museu das Missões (1903 - 1940)”, estudou a origem das estatuárias que compõe o acervo do Museu Júlio de Castilho e também fez análise e descrição histórica do Museu das Missões em São Miguel.

Após considerar o que já foi pesquisado por outros investigadores temos consciência da importância do tema e de responsabilidade diante da preservação do Patrimônio Cultural.

A antiga redução de São Francisco de Borja, parece invisibilizar ou não valorizar a sua primeira identidade. Atualmente, a cidade de São Borja é conhecida nacionalmente como “Terra dos Presidentes” por ser terra natal dos ex-presidentes Getúlio Dornelles Vargas e João Belchior Marques Goulart, embora toda sua importância no seu passado jesuítico-missioneiro.

São Borja é palco do surgimento dos Sete Povos das Missões, mantendo ainda hoje muitos resquícios jesuíticos, tanto no subsolo inexplorado como na estatuária das igrejas, do museu ou em coleções de particulares, assim como, no imaginário da população local. Possui diversos museus, prédios históricos, bustos, placas, fontes, túmulos de personalidades e monumentos espalhados por suas ruas, avenidas e praças. No entanto, pouco ou praticamente nada é conhecido sobre os mesmos, muitos moradores da cidade nem sabem da sua existência.

Uma das questões primordiais na preservação do patrimônio histórico são-borjense passa pela preservação das imaginárias de particulares. De acordo com o inventário da estatuária missioneira existiam 50 peças catalogadas de posse de particulares em São Borja, no final da década de 1980.

Desconhecida da maioria da população as imaginárias precisam ser reveladas, ao mesmo tempo que estudadas, e nada melhor que um comparativo fotográfico para identificarmos qual o seu real estado de conservação. Para difundir a história e o patrimônio cultural de São Borja de uma forma atraente para a população, objetivamos criar uma exposição fotográfica itinerante, como produto

final do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural.

Dessa forma, pretendemos com esse estudo, desenvolver uma mostra fotográfica, através de uma exposição itinerante que circule pelas cidades missioneiras, divulgando e registrando as histórias jesuítico-guaranis da redução de São Francisco de Borja, e que contribuam com o conhecimento e consequente conscientização por parte da população, da importância do Patrimônio Cultural de uma cidade, não só como forma de identidade e pertencimento, mas também como atrativo turístico.

Ainda cabe dizer que a cidade de São Borja é considerada pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul “Cidade Histórica” conforme Decreto 35.580 de 11 de outubro de 1994. Ao longo dos seus mais de 300 anos de história, têm sido palco de importantes episódios da formação territorial, social e política da nacionalidade. Sofreu influência da cultura espanhola e portuguesa o que constituiu um Patrimônio Cultural diversificado e rico, porém pouco preservado. Ainda existem muitos remanescentes do período reducional de posse de particulares espalhados pela cidade e interior. Partindo desse pressuposto, a questão central se volta em investigar o inventário da estatuária missioneiro realizado na década de 1989/1992 na região, e assim descortinar qual o real estado de conservação destas imaginárias de particulares na cidade de São Borja e seus sentidos identitários.

Temos como premissa que a disseminação de conhecimento sobre o legado histórico e o Patrimônio Cultural de São Borja ocasionará uma maior valorização, por parte da comunidade local, em relação à cidade, sua história e seu patrimônio, o que poderá fomentar um maior zelo pela imaginária jesuítica existente na cidade.

O objetivo geral que norteia este estudo é analisar as imaginárias jesuítico-missioneiras oriundas da antiga Redução de São Francisco de Borja, comparando fotograficamente alguns exemplares de imaginárias de posse de particulares catalogados em 1989/1992, cujos inventários originais encontram-se de posse do IPHAN, para desenvolver uma exposição itinerante com o resultado da pesquisa.

Como objetivos específicos pretendemos:

- desenvolver como produto cultural uma exposição itinerante, de modo que apresente o resultado da pesquisa executada;

- averiguar quais são as imaginárias que poderão ser consideradas para a exposição de forma a contribuir com a fixação do conhecimento;

- proporcionar, através da exposição itinerante uma maior conscientização da

importância deste patrimônio cultural para a humanidade;

- fomentar ações de preservação para a municipalidade no sentido de salvaguardar as estatuárias de particulares de São Borja.

O trabalho foi estruturado em capítulos. No Capítulo I, a INTRODUÇÃO, ressalta-se a importância do tema, o problema de pesquisa e a relevância do projeto, bem como seu objetivo geral e objetivos específicos.

No Capítulo II, “IDENTIDADE E PATRIMÔNIO CULTURAL”, apresenta-se a revisão bibliográfica. Na primeira subseção estão os conceitos de cultura e identidade pela perspectiva dos estudos culturais. O segundo aborda os conceitos de patrimônio cultural e monumento histórico com noções de herança cultural e memória.

No que tange o Capítulo III, “REDUÇÕES E BARROCO MISSIONEIRO”, realiza-se a aproximação com o objeto da pesquisa disposto em três subcapítulos. O primeiro trata da formação das Reduções da Província Jesuítica do Paraguai e a Redução de São Francisco de Borja, sua evolução histórica e elementos constituintes. O segundo aborda o barroco missioneiro, a produção de imaginárias, e a luta pela sobrevivência nestes últimos três séculos. No terceiro aborda uma reflexão sobre as peculiaridades da identidade são-borjense, apresenta uma discussão sobre a invisibilidade da identidade primitiva na cidade e suas influências na atualidade.

O Capítulo IV, METODOLÓGICO, apresenta-se a análise da cultura registrada como base metodológica, seguida do inventário da estatuária jesuítica-missioneira de posse de particulares existente no município e o patrimônio remanescente da Redução de São Francisco de Borja para definir os parâmetros de seleção de imaginárias que serão apresentados na exposição.

No Capítulo V, OS RESULTADOS, demonstram-se as discussões, reflexões e propostas, as quais aparecem ao longo do trabalho e fomentaram a criação da exposição itinerante. Aqui descrevem-se os processos e os materiais utilizados, a partir do que foi proposto enquanto objeto do trabalho. Por fim, virá a conclusão, seguida das referências.

2 IDENTIDADE E PATRIMÔNIO CULTURAL

Neste capítulo objetivamos apresentamos os conceitos de cultura, identidade, memória, herança cultural e patrimônio, a luz dos estudos culturais. Neste contexto amplamente rico em aspectos e elementos culturais visíveis até hoje, através da imaginária missioneira oriunda da Redução de São Francisco de Borja, nosso estudo centra-se na perspectiva sociocultural.

2.1 Estudos Culturais, Cultura e Identidade

Inicialmente, cabe compreender que os estudos culturais se fazem pertinentes a esta pesquisa devido a sua característica interdisciplinar, ou seja, que não se restringem a um campo fechado de estudos, com fronteiras rigidamente marcadas, mas, que devido ao seu amplo entendimento de cultura, podem receber e dar contribuições das mais variadas áreas de conhecimento.

Nesse sentido, o campo, que tem surgimento no final da década de 1950, na Inglaterra, através dos trabalhos iniciais de Richard Hoggart, Raymond Williams e Edward Thompson, busca de acordo com Baptista (2009, p. 552) dar ênfase à produção contextual e multidimensional do conhecimento cultural, “procurando refletir nos resultados da sua investigação a complexidade e o carácter dinâmico e até, frequentemente, paradoxal do objeto cultural que abordam”. Stuart Hall (2013, p. 211) assim define: “Os estudos culturais abarcam discursos múltiplos, bem como numerosas histórias distintas. Compreendem um conjunto de formações, com as suas diferentes conjunturas e momentos no passado”.

É com base nesse pensamento que os pesquisadores dessa área entendem como culturais aqueles elementos da vida “comum e ordinária”, ou seja, todos os aspectos da vida humana, de formas variadas, expressas nos meios de comunicação, educação, instituições, artes, arquitetura e etc. E é a partir desse enquadramento cultural amplo que se buscam os elementos que irão constituir as identidades. O conceito de cultura é uma das categorias que mais significados possuem, e quase sempre discutíveis que compõem um conjunto de conceitos no campo das ciências humanas. Desde que começou a aparecer nos empreendimentos teóricos de pensadores clássicos das ciências humanas, o referido conceito tem sofrido profundas alterações no seu conteúdo e significado. Daí pode-se concluir que não é tarefa simples buscar uma concepção de cultura que

encerre um sentido preciso e definitivo, “isto porque a palavra passou a ser usada para referir-se a conceitos importantes em diversas disciplinas intelectuais distintas e em diversos sistemas de pensamento distintos e incompatíveis” (WILLIAMS, 2007, p.117).

Ao recorrer à procedência do conceito, talvez, seja possível que se compreenda mais claramente algumas das definições que hoje marcam a ideia de cultura, pois como nos lembra Cuche (2002, p.17), “as palavras têm uma história e de certa maneira as palavras fazem história” e buscar suas origens pode ser um passo importante na direção de compreender as modificações semânticas dos conceitos e as transformações sociais que eles revelam.

De modo universal, o conceito de cultura subsiste em duas grandes tradições intelectuais, uma de origem francesa e outra de origem alemã.

Da tradição francesa, o conceito de cultura recebeu os valores iluministas contidos na ideia de civilização, entendida como um processo de progresso intelectual, espiritual e material. Sendo assim, na França do século XVIII, cultura e civilização têm concepções muito próximas e tomam como substrato a ideia de progresso. Como bem define Norbert Elias (1994, p.24) “Civilização descreve um processo, ou pelo menos, seu resultado. Diz respeito a algo que está em movimento, movendo-se incessantemente para frente’”. Daí se deriva o modo como a noção de progresso define a ideia de civilização, um movimento rumo à evolução. Denys Cuche (2002, p. 21), no entanto, chama a atenção para o fato de que mesmo pertencendo ao campo semântico, cultura e civilização não são equivalentes: “‘Cultura’ evoca principalmente os progressos individuais, ‘civilização’, os progressos coletivos”.

Mesmo que utilizada de modos diferentes, noção de cultura motivada pelos franceses herda da ideia de civilização o destaque para o acúmulo de saber para o crescimento do espírito. Ou seja, o homem alcançaria seu desenvolvimento evolutivo se fosse liberado da ignorância através da obtenção de conhecimento, adquirida pela educação.

Para os pensadores iluministas, o conceito de cultura é a soma dos saberes acumulados e transmitidos pela humanidade. Sendo assim, cultura era associada às ideias de evolução, educação e razão e era empregada no singular, fato que revela o universalismo e o humanismo que vigorava na época. Um homem culto, portanto, civilizado seria aquele detentor de vasto conhecimento e acúmulo de saberes,

condição que lhe atribuiria, por resultado, o refinamento nos comportamentos, boas maneiras, elegância e cordialidade nos relacionamentos (CUCHE, 2002).

De acordo com Elias (1994) o que predomina na versão francesa da noção de cultura é uma ideia de universalidade da humanidade, de unidade do gênero humano. O princípio que se privilegia é o da busca por uma unidade possível, capaz de unir os homens no que eles têm em comum. Sendo assim, na noção de cultura dos franceses privilegia-se a unidade em detrimento da diferença – uma versão diferente da concepção de cultura adotada pelos alemães.

Na tradição alemã, a ideia de cultura surge do conceito de Kultur. Norbert Elias (1994. p. 22) esclarece que o conceito alemão de kultur é a" palavra pela qual os alemães se interpretam, que mais do que qualquer outra expressa-lhes o orgulho em suas próprias realizações e no próprio ser". Se refere basicamente a fatos intelectuais, artísticos e religiosos, diz respeito aos produtos (obras de arte, livros, sistemas religiosos e filosóficos), nos quais se expressa a unidade de um povo.

Deste modo, se diferenciando do sentido dos franceses, a noção de cultura dos alemães mobiliza a ideia de diferença, pois destaca a questão das singularidades simbólicas e dos modos de saber e fazer dos diferentes povos. Norbert Elias (1994, p. 25) distingue com precisão as diferenças conceituais entre alemães e franceses:

> Até certo ponto, o conceito de civilização minimiza as diferenças nacionais entre os povos: enfatiza o que é comum a todos os seres humanos ou – na opinião dos que o possuem – deveria sê-lo [...] Em contraste, o conceito alemão de Kultur dá ênfase especial a diferenças nacionais e à identidade particular de grupos [...] Enquanto o conceito de civilização inclui a função de dar expressão a uma tendência continuamente expansionista de grupos colonizadores, o conceito de Kultur reflete a consciência de si mesma: Qual é, realmente, a nossa identidade? A orientação do conceito alemão de cultura, com sua tendência à demarcação e ênfase em diferenças e no seu detalhamento, entre grupos, corresponde a este processo histórico.

Concluímos que a noção alemã de cultura destaca as diferenças nacionais, sua originalidade, em contraposição à noção francesa aporta um caráter cosmopolita.

Johann Gotfried Herder (apud CUCHE, 2002), um pensador que compôs o movimento do Romantismo alemão no século XIX, foi um dos pioneiros a defender a tese da diversidade das culturas. A particularidade da cultura de cada povo (suas conquistas intelectuais, artísticas e morais) constituem o patrimônio de uma nação,

sua expressão mais essencial, e o que lhe diferencia das demais. Assim, alguns pesquisadores consideram que Herder foi o precursor da noção relativista de cultura.

É interessante notar conforme nos esclarece Ortiz (2008), que como pensamento antropológico de cultura, ou seja, a cultura entendida como o conjunto de práticas e saberes que constituem os modos específicos da vida de um povo, passa ser o conceito de cultura que irá predominar mais recentemente na formulação dos princípios que guiam as políticas culturais.

Para Williams (2003) a definição de cultura possui três categorias a ideal, a documental e a social, todas importantes para o desenvolvimento de significados e valores responsáveis pelo crescimento geral dos homens como espécie.

Para entendermos o processo da valorização cultural. Pelo viés do Patrimônio Histórico, é necessário contextualizar alguns conceitos como o de Cultura, que de acordo com Bosi (1992, p.11-18) é:

> O conjunto de práticas, das técnicas, dos símbolos, e dos valores que se devem transmitir às novas gerações para garantir a reprodução de um estado de consciência social […] cultura pressupõe uma consciência grupal operosa e operante que desentranha da vida presente os planos para o futuro.

Entende-se assim que a cultura é uma característica humana, presente em todos os povos. Cada um tem suas próprias características, cujas diferenças e marcas a separam de outras.

Todas os comportamentos pelos quais os povos manifestam suas formas singulares de ser, formam a sua cultura, que vai ao passar do tempo tomando contornos e expressões diferentes. A cultura é uma ordem acima de tudo dinâmica, transmitida de geração em geração, que se aprende com os seus ancestrais e se transforma e repassa no dia-a-dia, na solução dos pequenos e grandes questões que cada sociedade ou pessoa enfrenta.

A Convenção da UNESCO sobre a Diversidade Cultural (2005, online), entende por cultura “o conjunto de traços distintos espirituais, materiais, intelectuais e afetivos de uma sociedade ou grupo social, que compreende, além das artes e as letras, os estilos de vida, as formas de convivência, os sistemas de valores, as tradições e as crenças”[2]

[2] UNESCO. Convenção sobre a Diversidade Cultural 33ª. Conferência Geral da Unesco. Paris, out. 2005B Disponível em: <http://unesco.org> Acesso em : 12 de abr. 2018.

Agustín Santana (2009, p. 178) conceitua cultura como “modo de vida de cada grupo. Um sistema no qual se relacionam as crenças, os padrões de conduta e a criação de utensílios”.

Para Stuart Hall, (2013, p. 127) cultura é a “concepção em si mesma, socializada e democrática”. Não consiste mais na soma do “o melhor que foi pensado e dito”, considerado como ápice de uma civilização plenamente realizada. A cultura não é uma prática; nem apenas a soma descritiva dos costumes e “culturas populares (folkways)” das sociedades, como ela tende a se tornar em certos tipos de antropologia. Está perpassada por todas as práticas sociais e constitui a soma do inter-relacionamento das mesmas.

Diante do mostrado, fica certo que a definição de cultura possui diversos significados, é complexa e alterável, e suas constantes ressignificações de sentidos são reflexo das transformações históricas que as sociedades atravessam.

O conceito de Identidade está associado em grande medida ao conceito de cultura. Hoje em dia, os principais debates em torno da identidade nos remetem com frequência à questão da cultura. Sintoma dessa correlação é que se entende hoje as crises culturais como crises de identidade. Frequentemente se atribui a emergência da questão da identidade como sintoma do enfraquecimento do Estado-nação, da intensa integração política supranacional e de também à globalização da economia. Como esclarece Denys Cuche (2002), a recente moda da identidade é o segmento do fenômeno da exaltação da diferença que surgiu nos anos de 1970, contexto que projetou a apologia da sociedade multicultural.

No âmbito das ciências sociais, o conceito de identidade assume várias significações e suas fronteiras são fluídas. Stuart Hall (2005) em sua já clássica obra, “A identidade cultural na pós-modernidade”, propõe a sistematização da concepção de identidade em três momentos: a) o sujeito do Iluminismo; b) o sujeito sociológico e c) o sujeito pós-moderno.

Originalmente, o termo em latim *Identitate* remete ao que é idêntico e exclusivo, em relação às características individuais, e ao que possui elementos padronizados, em um aspecto coletivo. Esse entendimento permeia todo o Iluminismo, e nesta época a identidade de uma pessoa era vista como aquela que a caracterizava como “um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, consciência e de ação cujo `centro´ consistia num núcleo interior [...] permanecendo essencialmente o mesmo [...] ao longo da existência”

(HALL, 2005, p.10). Construía-se assim uma concepção individualista de identidade, cujo centro do eu era a identidade da pessoa. Tal concepção de identidade, Stuart Hall denominou de sujeito do Iluminismo.

Com a crescente complexidade do mundo moderno, a noção de identidade também sofreu alteração. Nesse momento, segundo Hall (2005), começa a ganhar corpo o conceito de sujeito sociológico, concepção segundo a qual o núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era construído na relação com outros sujeitos. De acordo com esse pensamento, a identidade é formada no contato entre o eu e a sociedade. Nesse sentido, conformava-se a concepção sociológica que aconselhava que a identidade é gerada na interação entre o eu e a sociedade.

Atualmente, devido às mudanças estruturais e institucionais proporcionadas pelo fenômeno da globalização, a concepção de identidade também sofre mudanças, uma vez que o próprio *processo* de identificação, através do qual se projeta as identidades culturais, tornou-se mais fluido, variável e complexo. Como alerta Hall (2005), o sujeito que antes vivia sustentado numa identidade unificada e estável, vê-se agora permeado por várias identidades, muitas vezes contraditórias e mal resolvidas. Conforma-se a concepção de sujeito pós-moderno, entendido como não tendo mais uma identidade fixa, fundamental e permanente. Nesse processo de transformações sociais, segundo Hall:

> A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2005, p. 13)

Compreendemos, então que as identidades são tudo aquilo que nos assemelha e, ao mesmo tempo, nos diferencia dos demais, e que está em constante construção, sendo formada por diversos elementos oriundos da história, geografia, biologia e, principalmente, das relações sociais.

Pensando nos mais de 300 anos de existência do Povo de São Borja, inicialmente uma redução jesuítica composta de indígenas que “aceitaram” a doutrina católica, sobre a influência da cultura espanhola, que posteriormente em acordo com Portugal passou a ser colônia portuguesa, e voltou a ser espanhola, e novamente portuguesa e após a independência território do Brasil, deste modo a

mutação identitária influência e reflete atualmente na cultura, na identidade nos modos de fazer e viver da população São-borjense.

> Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre uma unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. (HALL, 2005. p. 38)

Desta forma, em vez de entender a identidade como algo acabado, estático, concluído, devemos falar de reconhecimento, e vê-la como um processo em desenvolvimento, inacabado, em transformação, analisando os seus elementos análogos e também os aspectos que o diferenciam.

> A identidade pode ser conceituada como a fonte de significado e experiência de um povo, marcada pela diferença e por símbolos em geral materializados. Essa materialização da identidade acaba gerando produtos do sentir, do pensar e do agir humanos, ou seja, potencializa bens do patrimônio histórico-cultural (material e imaterial). (PINTO, 2010, p. 08)

Esta materialização identitária reflete na condução e marcação da identidade de um povo, pela concretização de símbolos que são comuns aos seus e ao mesmo tempo os diferencia dos demais.

> As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença - a simbólica e a social – são estabelecidas, ao menos uma parte, por meio de sistemas classificatórios. (WOODWARD, apud SILVA 2000 p. 39-40)

Em uma primeira análise podemos entender identidade como aquilo que se é, sou missioneiro, sou brasileiro, sou indígena, etc. A identidade se tratada pelo viés da diferença é concebida como aquilo que o outro não é: ela é negra, ele é espanhol. Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis.

Assim, identidade é tanto o que você é, como o que você não é, torna-se uma disputa na relação social. Em uma sociedade pode ter vários grupos identificados cada um com determinada identidade, como pode ter um indivíduo que não se

enquadre em nenhum destes grupos e mesmo assim tenha afinidade identitária em vários grupos de outras sociedades.

> À medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural. (HALL, 2005, p. 74)

No caso de São Borja é muito particular quando analisado as influências culturais, pois o que inicialmente tinha uma cultura indígena imperativa, recebeu um processo de aculturação primeiro dos espanhóis e posteriormente dos portugueses. Estas influências, marcas, sentidos ajudaram na construção da identidade regional e especialmente nos cidadãos São-borjenses, que carrega marcas destes cenários do passado, e atualmente sofrem influência de outras identidades externas. A história, assim como a governança[3] cultural, influência muito no enfraquecimento da identidade local.

> Alguns teóricos culturais argumentam que a tendência em direção a uma maior interdependência global está levando ao colapso de todas as identidades culturais fortes e está produzindo aquela fragmentação de códigos culturais, aquela multiplicidade de estilos, aquela ênfase no efêmero, no flutuante, no impermanente e na diferença e no pluralismo cultural. (HALL, 2005, p. 73 – 74).

A valorização do patrimônio cultural muitas vezes proporciona a afirmação da identidade de um povo e o resgate de tradições que muitas vezes se perdem com o passar do tempo. Quando estas ações são trabalhadas em uma localidade com cautela e respeito pelos seus elementos originários, quando leva em conta o que a comunidade local pensa e deseja, se torna possível realizar ações com maior possibilidade de acerto.

> Ao afirmar uma determinada identidade, podemos buscar legitimá-la por referência a um suposto e autentico passado – possivelmente um passado glorioso, mas, de qualquer forma, um passado que parece “real” – que poderia validar a identidade que reivindicamos. (WOODWARD apud SILVA, 2000, p. 28)

Ao sinalizar a demanda por determinada identidade no caso de São Borja – RS, por exemplo, a identidade jesuítico-missioneira, busca-se a validação do

[3] Governança cultural é a gestão das politicas culturais implementadas pala administração publica, sua capacidade de planejar, formular e programar politicas e cumprir funções.

passado em termos de território, cultura e local, procurando a similaridade com o que nos representa em termos de cidadania, história e cultura.

2.2 Patrimônio Cultural, Memória e Herança Cultural

A memória, para Le Goff (1990), tinha um sentido de propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas ou que ele representa como passadas.

René Maré da Costa Silva (2008, p. 86) assim a define:

> Maurice Halbwachs, o primeiro teórico do que chamamos memória coletiva, sustentava que toda memória se estrutura na identidade de grupos: recordamos a nossa infância como membros e a partir de experiências numa vida em família, o nosso bairro como vizinhos em uma dada comunidade, a nossa vida profissional em torno de relações estabelecidas no escritório, na fábrica ou no sindicato. Halbwachs tentava mostrar que tanto o social está inscrito na memória individual como esta se encontra inelutavelmente enraizada na sociedade.

Memória, portanto, independente de suas contextualizações, podemos entender que são informações que nos remetem a um passado, que faz com a identidade aflore na personalidade de cada indivíduo.

As identidades dos grupos humanos, da mesma forma que a dos indivíduos, são construções que têm por base a memória. Para que um grupo humano adquira consciência e domínio da própria identidade, é necessário que tenha guardada a memória do que fez e do que foi em tempos pregressos como condição necessária para a construção de seu futuro. Essa indissociabilidade entre preservação do passado e possibilidade de futuro aparece de forma evidente no princípio da preservação do patrimônio no Brasil em um grupo de intelectuais que inaugurou a vanguarda modernista nas artes, literatura e arquitetura. Encontramos aqueles que lançaram as bases teóricas e práticas da preservação como atestado nos casos paradigmáticos de Mário de Andrade e Lúcio Costa (CAVALCANTI, 1993).

Tomada isoladamente e examinada a partir de sua origem latina, a palavra “patrimônio” designa bem ou bens que tenham sido herdados de gerações pregressas, ou considerando por outro ângulo, designa os bens que uma geração lega para as gerações subsequentes. Seguindo esse entendimento, a ideia de transmissão de bens - aí compreendidos os valores culturais a eles associados -

entre diferentes gerações dentro do processo histórico está na própria essência da noção de patrimônio (CHOAY, 2006).

O acordar para a singularidade dessa instância da cultura na formação da identidade das nações ocorre no século XIX quando a civilização ocidental formulou com clareza a ideia de homem implacavelmente inserido no processo histórico. A clareza do significado do patrimônio para a humanidade, portanto, é aspecto indissociável também da consciência da historicidade do homem e da cultura. (REVISTA DO PATRIMÔNIO, 2017)

Ao pronunciarmos a palavra patrimônio nos vem logo à mente a noção de bens, objetos de valor, memória, herança, algo que se constrói e se acumula com o passar do tempo, podendo assumir valores não só econômico ou de uso, mas afetivo e até mesmo simbólico, desde que com eles nos relacionemos pelo vínculo do empoderamento. Recorrendo ao dicionário, encontramos uma acepção de patrimônio como herança paterna. Isso denota, em síntese, que patrimônio é um complexo de bens legados pelos nossos antepassados, representados não apenas no seu restrito sentido material, mas naquela condição de bens que assumem uma dimensão imaterial.

> A palavra patrimônio, na acepção dicionarizada do começo do século XX, no Brasil, significava “Herança paterna. Bens de família. Bens necessários para a ordenação de um eclesiástico” (FIGUEIREDO, 1925). Hoje em dia, deu-se uma relativa ampliação do significado do termo. Embora mantendo sua característica essencial de bem passível de posse, passou a incluir também, por um lado, a noção de bens cujo valor pode ser apenas econômico, ou ainda, bens imateriais, cujo valor é exclusivamente simbólico (CHUVA, 2009, p. 44).

Patrimônio é uma das palavras mais antigas e figura em uma das expressões mais usadas pelo homem e com vários significados (GONÇALVES, 2002). Na sua origem etimológica a palavra refere-se à transmissão de bens e heranças familiares, originária na sua raiz latina *patrimonium*, a relação está intimamente ligada a paterno e pátria, neste sentido Choay (2006) destaca que este conceito é requalificado através de adjetivos que tornam nômade.

Desde o antigo culto aos monumentos, presente em todas as sociedades, passando pela reverência renascentista aos monumentos da antiguidade, considerados como objetos de reflexão e contemplação (CHOAY, 2006) até os dias de hoje, esta mesma historicidade vem determinando mudanças no conceito de

patrimônio.

Dois pioneiros do campo da preservação são o engenheiro francês Eugène Viollet- le-Duc (1814 - 1879) e o historiador de arte inglês John Ruskin (1819 – 1900), que desenvolveram concepções opostas de patrimônio (KÜHL, 2007).

Do trabalho de John Ruskin apud Dorfman; Stenzel (2013) derivam-se o referido entendimento da historicidade do patrimônio, assim concebido de forma radical, como testemunho intocável do trabalho de gerações, acreditava que todo trabalho produzido pelo homem transcendia seu tempo, e seus descendentes agradeceriam pelos seus feitos, o prestigio de um edifício não está em suas pedras, ou no quando é gasto em sua construção, a sua riqueza está na sua idade.

Do trabalho de Viollet-le-Duc apud Kühl (2007) derivam-se sistematização das noções de valor artístico do patrimônio, entendido como sua integridade estilística e tipológica. Uma qualidade do monumento que é situada pelo autor em uma configuração ideal que pode nunca haver existido, mas que pode ser alcançada por meio de uma intervenção depuradora. Para Beatriz Kühl (2007), este estado ideal que Viollet-le-Duc identifica primeiramente na arquitetura do período gótico, foi concebido pelo teórico como “um sistema de correspondência entre forma, estrutura, função e ornamentação resultando num sistema lógico, perfeito, e encerrado em si” (KÜHL, 2007, p. 136).

Em uma formulação posterior, a expressão patrimônio começa a ser entendida como constituído originalmente por monumentos, compreendidos como aqueles edificados intencionalmente, “com uma função clara de manter sempre presente e vivo na consciência de gerações vindouras a lembrança de algo ou alguém, ou ainda como um testemunho de atividades de gerações” (KÜHL, 2007, p. 127).

O aprofundamento de tais compreensões de patrimônio e de suas características constitutivas fortaleceu a concepção que veio a tornar-se fundadora, para além do contexto europeu, mas também das primeiras ações patrimoniais empregadas pelo Estado no Brasil: a de patrimônio histórico e artístico nacional. Segundo essa concepção, surge no bojo do processo de consolidação dos Estados Nacionais, no século XIX, os bens culturais que poderiam simbolizar a nação seriam aqueles capazes de articular a categoria da história à categoria da arte, ao constituir-se como elementos de rememoração do passado, por um lado, e de fruição artística, na presença, de outro (FONSECA, 1997).

No decorrer da segunda metade do século XX, a demanda do patrimônio gradativamente abrandou sua participação à composição das identidades nacionais, para conceder espaço ao entendimento de patrimônio cultural, a qual se apresenta mais abrangente tanto do ponto de vista territorial quanto, do ponto de vista das especificidades de expressão passiveis de constituí-la. Aparece com a inclusão das perspectivas sociológicas e antropológicas a um campo que inicialmente se constituiu no âmbito da História e das Artes, a noção de patrimônio cultural compreende manifestações, tangíveis ou intangíveis, consideradas importantes na construção da identidade cultural de grupos humanos. (REVISTA DO PATRIMÔNIO, 2017).

> Faz parte da composição do patrimônio a herança cultural, a qual representa o que se quer conservar, artefatos de valores que são herdados. Se o valor é pessoal, refere-se à família de um povo ou herança pessoal; se o valor é comum ou nacional, refere-se à “nossa” herança. Frequentemente, herança é pensada em termos de valores de culturas reconhecidas. Por exemplo, uma residência normalmente não é julgada como herança ao menos que seja vista como parte da propriedade simbólica da cultura ou comunidade mais ampla, como um elemento da identidade daquela cultura ou comunidade (HALL apud BIESEK, 2004 p.26).

Herança não á apenas um conceito livre de valor, pois sua definição abarca preservação, manutenção e representação de valores. Valores de herança podem ser altamente contestados ou, em alguns casos, até mesmo incontestados. Apesar de a herança ser frequentemente vista como algo que deve ser preservado, para Hall apud Biesek (2004) pode ser conservada, aumentada e até mesmo usada. Neste sentido, é um recurso que pode ser administrado e compartilhado.

Portanto, é a herança cultural acumulada ao longo do tempo pelos homens, agentes das realizações e história de uma sociedade, que denominamos de patrimônio cultural. A combinação dos termos patrimônio e cultura que nos leva a ideia de um conceito particular o de patrimônio cultural, que reúne o conjunto de bens e valores representativos para um grupo social, inseridos em um contexto cultural comum.

> A expressão “patrimônio cultural” é usada para designar objetos, no sentido mais geral deste termo – prédios, obras de arte, monumentos, lugares históricos, relíquias, documentos – e diferentes modalidades de práticas sociais objetificadas enquanto bens culturais – artesanato, rituais, festas populares, religiões populares, esportes, etc. (GONÇALVES, 2002, p. 79-80)

Nessa nova perspectiva, apresentada por Gonçalves (2002), os grupos humanos são vistos não apenas a partir da antiga perspectiva nacional ou nacionalista, mas também por sua importância local, regional, e/ou transnacional. Estas por sua vez, são também compreendidas não apenas na perspectiva de seus contextos, mas também por sua importância na construção da ideia de humanidade.

Como consequência desses desvios no conceito, a importância na excepcionalidade das manifestações que formam o patrimônio deu espaço para a consideração fundamentais daquelas cujo caráter é representativo de identidades culturais. Da mesma maneira, a consolidação da perspectiva de humanidade, abriu espaço para que o significado atribuído aos produtos humanos, enquanto elementos constitutivos de patrimônio, fosse também atribuído às intervenções em porções da natureza, com o que foi se firmando o reconhecimento de que esta também integra aquilo que, no processo histórico, constitui o legado das gerações, originando-se aí as noções de patrimônio natural, patrimônio ambiental e paisagem cultural (GONÇALVES, 2002).

No caso brasileiro, esse conceito de patrimônio cultural mais amplo foi incorporado nas disposições da Constituição Federal de 1988, conforme expresso em seu capítulo sobre a Cultura, no Artigo 216, percebemos a evolução do conceito de patrimônio cultural, quando define os bens que integram o patrimônio cultural brasileiro, os meios de proteção legais e formas de financiamento.

> **Art. 216.** Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:
>
> I - as formas de expressão;
>
> II - os modos de criar, fazer e viver;
>
> III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
>
> IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
>
> V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.
>
> **§ 1º** O poder público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.
>
> **§ 2º** Cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem.
>
> **§ 3º** A lei estabelecerá incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais.
>
> **§ 4º** Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei.

> **§ 5º** Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos.

A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e a Cultura – UNESCO (2018, online), define Patrimônio Cultural como “o legado que recebemos do passado, vivemos no presente e transmitimos às futuras gerações”[4]. Esta transmissão de conhecimento é para UNESCO, o ponto de referência da identidade dos povos, fundamental para a preservação da memória, e o desenvolvimento da criatividade e da diversidade cultural.

A UNESCO (2018, online) ainda ressalta que o patrimônio cultural compreende diversas formas, entre elas, a língua, a literatura, a música, a dança, os jogos, a mitologia, os ritos, os costumes, o artesanato, a arquitetura e outras artes. Também está cada vez mais se tornando importante o valor imaterial dos bens culturais. E não se valoriza exclusivamente seu valor estético, senão tudo o que rodeia ou tem rodeado o elemento, outorgando-lhe um valor fundamental, cada vez se aproximando ao seu valor simbólico. Em suma, podemos considerar patrimônio cultural como:

> O resultado da cultura do homem, incluindo tanto os bens materiais, quanto os bens imateriais e também as paisagens culturais por ele criadas. Todos sem distinção, têm fundamental importância para a cultura e para a história. Cada um a seu modo do mais simples, como uma música, ao mais vistoso, portanto, o valor atribuído ao bem material ou imaterial tem significado particular a cada caso e a cada povo, e assim pode ser entendido, respeitado e valorizado. (CHEREM, 2000, p. 236)

Já para Agustín Santana (2009), o patrimônio está ligado a cultura como o tangível ao intangível, como o corpo está para o espirito, assim define:

> Patrimônio Cultural. Assunção, contextualizada historicamente, de elementos da cultura e da natureza, por meio da experiência cotidiana e social, assumida coletivamente, apresentando-se como síntese simbólica dos valores identitários e do laço que une essa sociedade e seus ambientes. (SANTANA, p 182)

Para Kühl (2007), a lenta trajetória percorrida desde as reflexões e ações pioneiras de Viollet-le-Duc e Ruskin até a formulação dos princípios e conceitos atualmente vigentes de patrimônio cultural pode ser acompanhada também nas

[4] UNESCO. Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e a Cultura. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasilia/culture/world-heritage/heritage-legacy-from-past-to-the-future/> Acesso em: 20 de mai. 2018.

diversas Cartas Patrimoniais, que foram produzidas nestes 150 anos de desenvolvimento da questão patrimonial. Em seu conjunto, tais documentos permitem traçar um quadro do processo de emergência e consolidação de teorias que vinham sendo forjadas no período em que foram formuladas, a par de fornecerem elementos valiosos não apenas para a delimitação conceitual do Patrimônio, mas também para a caracterização de seus vários seguimentos, para a definição das políticas de sua preservação e definição de princípios e instrumentos para sua preservação.

3 REDUÇÕES E BARROCO MISSIONEIRO

Dando início a este capítulo, procuramos nos aproximar do objeto da pesquisa disposto em três subcapítulos. O primeiro trata da formação das Reduções da Província Jesuítica do Paraguai e a Redução de São Francisco de Borja, sua evolução histórica e elementos constituintes. O segundo aborda o barroco missioneiro e a produção de imaginárias. Todos os olhares dirigidos ao povoado missioneiro de São Francisco de Borja, sua importância histórica para o país e a arte jesuítico-missioneira produzida na Missão. E o terceiro aborda a peculiaridade da identidade são-borjense, apresenta uma discussão sobre a invisibilidade da identidade primitiva na cidade e suas influências na atualidade.

3.1 A Província Jesuítica do Paraguai e a Redução de São Francisco de Borja

A partir da origem da Ordem da Companhia de Jesus, seus seguidores da doutrina criada por Ignácio de Loyola, são destinados para Ásia, África, Europa e América.

> Os primeiros Jesuítas chegaram ao Paraguai em 1585, porém não se estabeleceram na região com caráter permanente. Primeiro organizaram colégios em Assunção (para os filhos dos conquistadores), seminários e casas de retiro espiritual. Viajavam constantemente para averiguar onde estavam os guaranis e quais eram os melhores lugares para estabelecer missões. Nesta época, os padres faziam “missões ambulantes” com objetivo de preparar o espirito do guarani para viver reduzido. Somente depois de estar aqui por vinte e quatro anos, conhecendo o terreno, é que fundaram a primeira redução (OLIVEIRA, 2013. p. 59-60).

No século XVII, inicia-se no Sul da América Latina, um processo inovador de grande desenvolvimento, criando o sistema de Reduções Jesuítico-Guaranis, coordenado pela Companhia de Jesus, conforme Figura 1, e que “totalizou 30 Povoados Missioneiros ou 33 se considerado as últimas fundações às margens do rio Tebycuari, que estavam em fase de implantação: San Estanislao, Belén e San Joaquin” (OLIVEIRA, 2013, p.60-62). Estima-se que no seu auge, no início do século XVIII, tenha chegado a cento e cinquenta mil habitantes.

FIGURA 1 - Mapa das Missões dos índios Guarani do Pe. Joseph Cardiel. Ano de 1770. Ilustra a localização dos 30 povoados Guarani cristianizados entre os rios Paraguai e Uruguai.



Fonte: BARCELOS apud BISONHIM (2008, p.25)

Furlong (1962), nos conta que as Reduções foram assim distribuídas: à margem direita do Rio Paraná (Paraguai) havia oito Reduções – San Ignacio Guazú, Santa Maria da Fé, Santa Rosa, Santiago, San Cosme, Itapuá (Encarnación), Trinidad e Jesús. No território da República Argentina, havia quinze reduções –

Candelária (capital), Santa Ana, Loreto, Corpus, San Ignacio Mini, San Carlos, San José, Mártires, Concepción, Apóstoles, Santa Maria Mayor, San Javier, Santo Thomé, La Cruz e Yapejú. Na margem esquerda do rio Uruguai ficavam os conhecidos Sete Povos (Brasil) – San Francisco de Borja, San Luis Gonzaga, San Miguel Arcángel, San Nicolás, San Lorenzo, San Juan Baptista e Santo Àngel Custódio.

As Reduções foram divididas em duas fases ou ciclos de fundação: a primeira fase de fundação (1609 – 1640), foram construções precárias, utilizavam a madeira basicamente em suas construções e mudavam constantemente de lugar (LEITE, 1973).

A segunda fase de fundação, a partir de 1640, marca a segunda geração de indígenas cristianizados. Seguiam um plano padrão em suas construções e passaram a utilizar pedras em suas construções. Também se adotou o estilo barroco (TREVISAN, 1933).

Além das reduções, diversas capelas foram construídas e ficavam localizadas nos intervalos de uma redução para outra, aproximadamente, de 03 em 03 léguas de distância uma da outra, em meio às estâncias de gado e ervais. Estas capelas, serviam de local de descanso, pernoite e principalmente um local de contemplação a Deus, aonde os peregrinos que se deslocavam de redução para redução faziam suas paradas com segurança e podiam fazer suas orações em pequenos altares.

Um dos pontos importantes para o entendimento da questão missioneira é saber a diferença dos termos “Missão” e “Redução”. Missão diz respeito à “incumbência da busca jesuítas pelos índios” e Redução, significa reconduzir, “arregimentar as distintas populações indígenas em um mesmo local” (MONTOYA, 1997. p. 75). Ou seja, a Redução era onde o indígena reduzido vivia em comunidade, seu povoado, as várias Reduções formam a região das Missões.

O principal propósito da Companhia de Jesus em suas missões pela América, era a difusão da doutrina, a catequese e o viver em comunidade. Esse processo de transculturação, gradativamente foi transformando o indígena reduzido e fazendo com que assimilasse os elementos da cultura europeia, transmitida pelos Jesuítas.

A vida comunitária nesta época era desenvolvida em função da Praça Missioneira e tendo como pano de fundo a Igreja, que seguia os padrões estéticos do barroco, que foi adotado pela Companhia de Jesus, como forma de encantar as almas. Entendia-se que a arte pode seduzir a alma, perturbá-la, encantá-la nas

profundezas não percebidas pela razão, que isso então podia ser utilizado em benefício da fé (BOFF, 2002).

> Naquele período o povo guarani, que havia vivido milenarmente junto a natureza, e os jesuítas, estudantes das principais universidades europeias, conseguiram unir uma sociedade basicamente de floresta com o que havia de melhor no Barroco, por meio do papel fundamental da religião, demonstrando factível a ideia de mescla cultural para o desenvolvimento, quando cada linha de pensamento ingressa com o que tem de melhor para um fim comum. (OLIVEIRA, 2012, p. 30)

Por cerca de um século e meio, desenvolveu-se uma cultura cujos remanescentes, reportam sua materialidade, em um alto grau de desenvolvimento, na área da arquitetura, nas artes, na organização social e na política. Um dos principais fatores que ajudaram neste desenvolvimento foi o fato das cidades terem a mesma língua, idênticos costumes e leis. Todas as reduções foram construídas obedecendo um mesmo plano arquitetônico (FURLONG, 1962).

O sistema de oficinas desenvolvidos pelos Jesuítas nas Reduções, transformaram os indígenas em hábeis artífices metalúrgicos, tipógrafos, escultores, pintores, músicos, ceramistas, tecelões, fabricantes de instrumentos musicais, entre outros ofícios.

Em 13 de janeiro de 1750, os reinos de Portugal e Espanha assinam o Tratado de Madri ou Tratado de Limites, estabelecendo que Portugal entregaria Colônia de Sacramento à Espanha e esta, em troca, cederia toda área ocupada pelas missões jesuíticas às margens esquerda do rio Uruguai (FURLONG, 1962). Aí, possivelmente, surge a expressão Sete Povos se referindo as sete reduções: São Francisco de Borja, São Nicolau, São Miguel Arcanjo, São Lourenço Mártir, São João Batista, São Luiz Gonzaga e Santo Ângelo Custódio. O Tratado foi revogado em 1761 e os Sete Povos retornaram ao domínio da Coroa espanhola.

> En América ésta expulsión se efectuó en 1768, a cargo del Gobernador Francisco de Paula Bucarelli y Urzúa. Los Jesuitas fueron llevados a los estados pontifícios y luego excomungado por Clemente XIV en 1773 y luego reconocidos por Pío VII em 1814. (FURLONG, 1962, p. 72)

Acusados de formarem um império longe da vigilância do monarca espanhol, e terem instigado os indígenas na chamada Guerra Guaranítica[5], no ano de 1768 os jesuítas são expulsos da América espanhola. Em um dos autos do dossiê preparado contra a Companhia de Jesus figuravam na capa a descrição Reduções da Província Jesuítica do Paraguai. Só em 1801, o território dos Sete Povos passou novamente ao domínio português.

3.1.1 Redução de São Francisco de Borja

Primitivamente São Borja foi aldeia indígena do grupo tape-guarani. A Missão de São Francisco de Borja foi formada a partir de uma divisão da redução de Santo Tomé, do outro lado do rio Uruguai. Teve como principal tarefa inserir indígenas pampeanos (Charruas, Guenoas, Yarós e Minuanos) na redução e estabelecer uma ligação cultural, política e administrativa com os povos missioneiros especialmente Yapeyu, La Cruz e Santo Tomé. (REVISTA ARMAZÉM DA CULTURA, 2008).

> San Borja, o San Francisco de Borja, se fundó en 1690 con un lote de familias, desprendidas de la Reducción de Santo Tomé. Cruzaron el río Uruguay y se situaron entre la desembocadura del río Ycamacuá, frente a la población de origen. [...] La población de San Borja nunca pasó de los tres mil habitantes en el decurso del siglo XVII, llegando tan sólo a 2.888 en 1694, pero en 1750 contaba con 3.540. Al tiempo de la expulsión sólo era de 2.761 almas. En 1768 poseía dos yerbalitos nuevos, según leemos en los Inventarios de ese año, lo que indicaría por una parte que no había contado hasta entonces con yerbales propios, y que en ese año estaba aún per verse si la planta yerbatera arraigaba en esta reducción tan al sur de la zona adecuada. En ganados, contaba con 10.626 cabezas de vacuno, además de 1.300 novillos y toros. Las ovejas eran 13.425 (FURLONG, 1962. p. 142-143)

[5] A **Guerra Guaranítica** (1753-1756) foi o conflito armado envolvendo as tribos Guarani das Reduções Jesuíticas contra as tropas espanholas e portuguesas, como consequência do Tratado de Madri (1750), que definiu uma linha de demarcação entre o território colonial espanhol e português na América do Sul.

FIGURA 2 – Imaginária jesuítico-missioneira de São Francisco de Borja obra atribuída a José Brasanelli –Século XVII/XVIII – Inventário da imaginária missioneira nº RS89.0001.0031

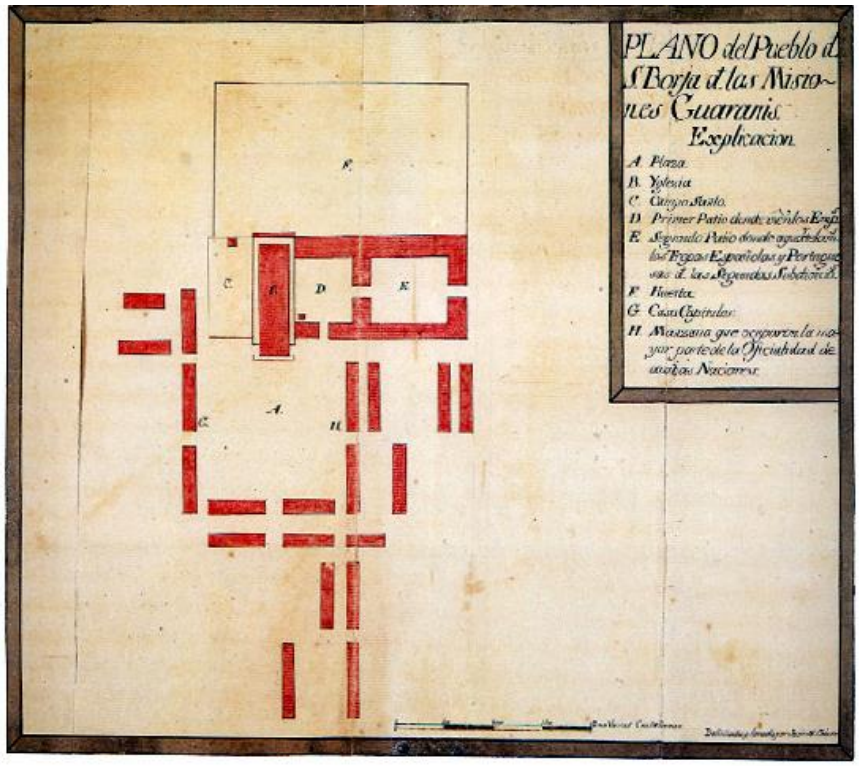


Fonte: Fotografia do Acervo do Pesquisador

A redução de São Francisco de Borja recebeu esse nome em homenagem a Francisco de Borja e Aragão – Figura 2, jesuíta que atuou na direção da Ordem da Companhia de Jesus. Ele foi Comissário Geral do Vaticano na Espanha, Portugal e nas Índias. Nasceu em 28 de outubro de 1510, na cidade de Ducado de Gandía, na região da Valência, na Espanha. Veio a falecer no dia 30 de setembro de 1572 e foi canonizado pela igreja católica em 1671. Francisco de Borja foi uma figura muito importante na história da Espanha e da Companhia de Jesus. Amigo e conselheiro do Vice-Rei da Catalúnia Carlos V. Foi Duque de Gandía e jesuíta, sendo o segundo sucessor de Inácio de Loyola na Ordem Jesuíta, seu lema de vida “Nunca más serviré a un señor que se me pueda morrir” (DALMASES, 1983, p.244).

O fundador da redução foi o padre Francisco Garcia de Prada, nascido em 4 de outubro de 1649. Foi padre da redução de Santo Tomé, de 1679 a 1689. Atuou junto dos índios pampeanos, especialmente os Charruas e Guenoas, que costumavam cruzar o rio Uruguai para saquear as reduções de Yapeyú, La Cruz e Santo Tomé. O padre tentou por várias vezes convencê-los para converterem-se à religião católica. Foi o primeiro Padre de São Borja. Faleceu no dia 18 de fevereiro de 1705, teria sido enterrado no cemitério da Redução de São Francisco de Borja, localizado ao lado da igreja missioneira. O segundo Padre foi Domingos Calvo. (REVISTA ARMAZÉM DA CULTURA, 2008).

FIGURA 3 – Planta da Redução de São Francisco de Borja, datada de 1784, elaborada por José Maria Cabrer.



Fonte: ADONIAS apud BISONHIM (2008, p.59)

O território missioneiro de São Francisco de Borja além da Redução abrangia a Estância, que ficava localizada “entre as estâncias de Japeju, Santo Ângelo e São Nicolau, encaixada entre o Rio Ibicuí, Ibirapuitã, indo morrer no Upamoroti, atuais divisas de Livramento e Dom Pedrito, estendendo-se ao Sul até as margens do Rio Negro”. (LEITE, 1973. p.60)

Oficialmente adotou-se o ano de 1682 como sendo a data de fundação de São Borja, de acordo com a publicação no livro “São Borja Perguntas e Respostas” de Apparício Silva Rillo (1982). Essa data aparece em todos os símbolos oficiais do município e compõe legislação municipal que adota o dia 10 de outubro, data do Santo Padroeiro São Francisco de Borja, como a data comemorativa de fundação do município.

Entretanto, cientificamente a data correta ainda não está comprovada, diversos pesquisadores divergem sobre o assunto, visto que a carta ânua[6] que deveria registrar a fundação da redução de São Francisco de Borja, até o momento ainda não foi encontrada. Algumas pesquisas indicam três datas possíveis.

Primeira hipótese, fundação em 1682. Alguns pesquisadores afirmam que São Borja foi fundada nesse ano e que, portanto, teria em 2018, 336 anos. Segundo o pesquisador Afonso Aurélio Porto (1954), consta na “Coleção de Angelis” que a redução foi fundada em 1682. Essa coleção, adquirida pela Biblioteca Nacional em 1853, é uma coleção composta de 1.717 obras em 2747 volumes e 1295 manuscritos. É uma coleção reconhecidamente importante para se conhecer a nossa história missioneira. Essa data foi adotada oficialmente pelas autoridades locais. Além de Porto (1954), Apparício Silva Rillo (1982), Fernando Otávio Miranda O’donnell (2014) e Ramão Aguilar (2016), entre outros, também publicaram concordando com esta data.

> São Francisco de Borja é o mais antigo dos Sete Povos das Missões. Teve origem em uma colónia de povoadores que São Tomé, em 1682, estabeleceu a oriente do rio Uruguai, ocupando as terras da vasta estância que, entre os rios Camaquã e Butuí, lhe haviam sido adjudicadas para a criação de gados vacuns. Desde tempos imemoriais, pelo passo de São Borja, no rio Uruguai, fazia São Tomé a penetração no território rio-grandense, não só para extracção de gados das vacarias recém descobertas, como para o encaminhamento dos soldados que, por ocasião da fundação da Colónia do Sacramento, foram ao assédio de São Gabriel. (PORTO, 1954, p. 28)

Segunda hipótese, fundação em 1687. Outra linha de pesquisa relata que a data correta é 1687, pois nesse ano São Borja teria ganhado o seu primeiro livro de assentamento de batismo e registros de nascimentos de São Borja. Antes, segundo

[6] Cartas Ânuas, síntese de muitas cartas parciais, enviadas pelas unidades como colégios ou Missões, constituem a atividade obrigatória de um jesuíta provincial perante o religioso geral em Roma, posto que fundamenta as decisões sobre a atuação dos jesuítas. (REVISTA HISTÓRIA UNISINOS, 2009)

esse pesquisador, a redução era apenas uma extensão de Santo Tomé. Moarci Matheus Sempé, pesquisador e colunista escreveu sobre esta teoria no jornal Folha de São Borja na edição de 07 de outubro de 1981.

> A transmigração de 1687 sim, é que está mais do que provada. Houve, nas Missões em sua fase final, um longo e penoso processo em que as Reduções, deste e do outro lado do Uruguai, discutiam acusando-se mutuamente de andarem a subtrair vacas das estâncias, umas das outras. Em seu depoimento o padre Domingos Calvo, em data de 20 de julho de 1706, recém chegado "a este Povo de São Francisco de Borja e a seu adjunto de Jesus Maria dos Guenoas, dos quais, um e outro, ao presente sou cura", nega ter havido por parte dos índios de seu Povo qualquer retirada de vacas de estância alheias, "não só nos anos solicitados como em todos os que o precederam DESDE QUE ESTE PUEBLO DE SAN FRANCISCO DE BORJA SE PUSO DE ESTOTRA VANDA DEL URUGUAI, QUE SON YA DIEZ Y NUEVE DESDE EL DE MIL SEISCIENTOS Y OCHENTA Y SIETE (Bn.Mss.I-29-3-60) o que, em bom português significa DESDE QUE ESTE POVO DE SÃO FRANCISCO DE BORJA DE POZ DESTA OUTRA BANDA DO URUGUAI, QUE SÃO JÁ DEZENOVE DESDE MIL SEICENTOS E OITENTA E SETE (SEMPÉ, 1981, p. 08)

Terceira hipótese, fundação em 1690. Alguns autores como: Rodrigo Maurer e Ronaldo Colvero (2009), Ernesto Maeder (1989), Josefina Pla (1975), Guillermo Furlong (1962), Arsene Isabelle (1833), Antonio Sepp (1698) e Cônego João Pedro Gay (1861), entre outros, informam em suas publicações que o ano correto é 1690. Nesse ano, o povo de São Borja tornou-se independente de Santo Tomé. A explicação estaria nas funções que a redução passou a ter por conta de sua fundação. Isto é, a sua criação tinha a função de ser um ponto de concentração para evitar que os indígenas pampeanos cruzassem o rio para saquear as reduções ocidentais de Yapeyú, La Cruz e Santo Tomé e também estabelecer o que a Companhia de Jesus entendia ser, em 1690, a organização de contatos entre as reduções. Pela historiografia é uma das teorias mais aceita e da qual partilhamos o entendimento.

> San Francisco de Borja, en la margem oriental del Uruguay, rio en médio de Santo Thomé, fundada año 1690, en 28 grados 48 minutos de latitud y 322 y 16 minutos de longitud, con 650 familias, que hacen 3.541 almas. (PASTELS apud MAURER; COLVERO, 2009, p.04-05)

Foi durante este período histórico reducional que São Borja ganhou um imenso legado patrimonial, hoje as atividades de valorização deste patrimônio são muito pouco difundidas entre os são-borjenses, a imponência da riqueza da estatuária missioneira de São Borja, evidência o nível do desenvolvimento que

chegou o povo de São Francisco de Borja. O mesmo indígena tido pelos padrões culturais da época como indolente e incapaz, foi magistral em desenvolver um magnífico conjunto de esculturas.

> No século XVII, os missioneiros consideravam o índio como um imbecil, um selvagem, um ser sem racionalidade para os assuntos espirituais, mas excelentes artífices trabalhadores na cópia de modelos, muito hábeis para os serviços manuais. (OLIVEIRA, 2013. p. 143)

Cabe destacar a influência de Giuseppe Brasanelli (Irmão Brasanelli), que em nove anos que passou em São Borja, resultou em muitas obras de destaque nas Missões. Foi uma figura tão importante quanto ou mais que o Padre Antônio Sepp. Alguns estudiosos o apontam como o maior artista que havia existido entre os Trinta Povos do Projeto da Companhia de Jesus entre os séculos XVII e XVIII.

> Los datos arquitecto de los archivos podrían hacer creer que Brasanelli, nacido en Milán en 1658, fue uno de los tantos artesanos calificados traídos por la jesuítica a América. Sin embargo, estudiando sus obras se llega a la conclusión de que fue uno de los más importantes artistas jesuitas que pisaron estas tierras y que, a partir de su llegada en 1691. (SUSTERSIC, 2012. p. 533 - 534)

Brasanelli deixou um legado barroco de grande importância. É atribuída a sua autoria, a imagem esculpida do padroeiro da redução: São Francisco de Borja e Aragão**,** além da edificação do antigo templo. Recentemente em visita a São Borja, o pesquisador Bozidar Darko Sustersic identificou no Museu Municipal Apparício Silva Rillo, mais duas obras que pela plasticidade atribui também ao escultor jesuíta (Figura 3).

> Brasanelli chegou ao rio da prata no século XVII, seus companheiros chamavam-no de “pequeno Miguel Ángel”. Brasanelli foi escultor, pintor e músico, além de arquiteto. Foi responsável pela igreja de San Borja, a mais antiga das Reduções dos Sete Povos, também esteve em Concepción e em Itapuá. Seu nome está relacionado com construção de Loreto. (OLIVEIRA, 2013. p. 167)

FIGURA 4 – Dr. Bozidar DarKo Sustersic, no momento da identificação da estatuária no Museu Municipal Apparício Silva Rillo, em São Borja



Fonte: Fotografia do Acervo do Pesquisador

Brasanelli é ímpar para a Companhia de Jesus, teve sua formação em Milão e uma passagem por Sevilha já na condição de artista formado, mas em São Borja pode colocar em prática suas habilidades como escultor, pintor, arquiteto, engenheiro e militar. Sua influência na catequização dos guaranis, e seus ensinamentos das técnicas aos indígenas proporcionaram a Imaginária Missioneira de São Borja uma singularidade na expressão plástica (SUSTERSIC, 2012).

Auguste de Sant-Hilaire, no livro Viagem ao Rio Grande do Sul relata sua passagem por São Borja em fevereiro de 1821, onde comenta:

> A gente não pode deixar de se surpreender quando considera que todas as aldeias das Missões, com edifícios nelas construídos, são obras de um povo selvagem orientado por alguns religiosos. Era precioso que estes conhecessem todos os ofícios e tivessem paciência de ensinar aos índios, fiscalizando a execução de cada peça e a sua colocação nos devidos locais. (SAINT-HILAIRE, 1887, p. 126)

A partir do que foi observado por Saint-Hilaire e do que consta no inventário

de 1768, nos Sete Povos, pode-se ter uma noção do trabalho realizado nas oficinas e na riqueza que resultou em obras como a ornamentação interna do templo de São Francisco de Borja, bem como a magnitude da técnica aplicada pelos indígenas. Neste inventário, consta que São Francisco de Borja possuía: “cinco retábulos, o do altar-mor de dois corpos, dourado, dois laterais pequenos com seus sacrários, e os outros dois por terminar. Um púlpito e dois confessionários de madeira” (NASCIMENTO, 2008, p. 38-45).

Hoje, quase três séculos após a realização do inventário, a cidade de São Borja possui apenas um único retábulo dos cinco descritos anteriormente. Portanto, longe do que foi constatado e registrado. Em referência às imagens sacras da antiga redução, algumas ainda continuam a resistir aos tempos, promovendo, sobretudo, a continuidade artística missioneira.

Outro ponto de destaque na redução foi a produção pictórica, ou seja, a representação da aparência visual do ser humano, embora muitas vezes animais também são retratados. Conforme relata Antonio Sepp:

> En el pueblo de San Francisco de Borja pintan los indios cuadros tan vistosos y magistrales que sus trabajos se apreciarían en Roma misma. En este mismo pueblo un músico, que al mismo tiempo es un calígrafo notable hizo a pluma una copia de un grabado francés, de un artista parisiense, un retrato de su real majestad Felipe V, que lo muestra cabalgando en un corcel brioso, y la copia fue tan perfecta que nuestro Padre Procurador estimó que valía la pena llevarla consigo a Europa y presentarla a su Real Majestad. (SEPP, 1974, p. 180)

A habilidade dos índios na produção de tais obras, também foi observada pelo viajante Arsenne Isabelle (1983, p.19), quando este se referiu a elas como “pinturas bastante lindas”. Um destes afrescos da época encontra-se exposto no Museu Municipal Apparício Silva Rillo, Figura 4.

FIGURA 5 – Pintura Nossa Senhora do Socorro – Século XVII/XVIII - Inventário da estatuária Missioneira RS/91-0001-0054



Fonte: Fotografia do Acervo do Pesquisador

Em 1750, São Francisco de Borja passou ao domínio português, por força do Tratado de Madri, situação que prevaleceu até 1761, quando voltou à Coroa espanhola. Quarenta anos depois, Borges do Canto, Santos Pedroso e Ribeiro de Almeida, incorporaram toda a área das Missões ao território português. A partir de 1810, foi sede da Comandaria-Geral das Missões, época em que foram feitas diversas concessões de sesmarias, e em 1834, de guarnição militar (LEITE, 1973).

> A cidade de São Borja foi o local escolhido para o julgamento da rebellião dos índios contra â entrega das Missões Orientaes em 1756. Ahi os jesuítas se justificaram, perante o tribunal militar hespanhol, da autoria d'esse pretendido crime. (COSTA, 1922. p. 274)

São Borja foi o local escolhido em 10 de outubro de 1759, para o Julgamento da Guerra Guaranítica, que foi a rebelião dos indígenas capitaneados por Sepé Tiarajú contra a entrega das Missões Orientais. Os Padres jesuítas e indígenas se justificaram, perante um tribunal militar formado pelas coroas de Portugal e Espanha. Maurer e Colvero (2009, p.11-12) relatam que “por este julgamento ficou

registrada a intenção, bem como os valores de uma época, ou seja, amenizar os erros ibéricos e escolher um culpado, no caso o líder do levante: Sepé Tiaraju". Por este julgamento restou como único culpado o indígena Sepé Tiaraju, líder do levante e os Padres e demais indígenas foram absolvidos.

São Francisco de Borja passou ao domínio Português definitivamente em 1801, através da conquista do território das missões. Pertenceu desde então, ao município de Rio Pardo, até que por decreto de 21 de maio de 1834, foi elevada à categoria de Vila, passando a sediar a Comarca das Missões, sede do comando da Região Missioneira e Capital das Missões. Em 12 de dezembro de 1887 foi elevada à condição de cidade pela lei provincial nº 1614, onde obteve a alteração toponímica distrital de São Francisco de Borja para São Borja (COSTA, 1922).

No jornal A Federação edição de 17 de março de 1885, noticiava que após visita do Conde D'Eu em São Borja, ele prometeu a elevação da Vila em cidade, em troca do fechamento do jornal "Echo das Missões" pois o jornal era contra o terceiro reinado e teria escrito em letras minúsculas em sua publicação o nome do Conde. Fato é que dois anos após a vila foi elevada à cidade no ano de 1887(JORNAL A FEDERAÇÃO, 1895).

A situação quase permanente de guerra no território dos Sete Povos, levou no ano de 1820 a uma imigração de parte dos habitantes em sua maioria da etnia Charrua, com isso, uma boa quantia dos habitantes de São Francisco de Borja, tomaram a decisão de se retirar e imigrar.

Conduzidos por Francisco Sistí e outros líderes foram em busca de formar novas povoações agora em território Cisplatino no atual Uruguai. O impacto do êxodo missioneiro foi bastante significativo, estima-se que de 7000 a 9000 habitantes das Missões imigraram em caravana. Surgiram as povoações de Colônia de Bella Unión, onde ficaram até 1830 e emigraram novamente, parte ficando em San Pedro de Durazno, e outra parte formando o povoado de San Francisco de Borja del Yÿ (FAVRE, 2016).

As batalhas, lutas e invasões marcaram a Redução de São Francisco de Borja, seus habitantes sempre agiram na defesa dos interesses comunais. A primeira invasão foi patrocinada por Andrés Guacurary y Artigas, em 1816, a segunda foi a de Fructuoso Rivera, em 1828, e pelas forças Paraguaias, ao comando de Estigarríbia em 1865, sendo esta uma calamidade, cujos seus efeitos foram sentidos por anos (RODRIGUES, 2014).

São Borja declarou extinta a escravatura desde 7 de setembro de 1884. O primeiro sinal de alerta contra o terceiro reinado, partiu da cidade em 1888, com a Moção de autoria do Vereador Apparício Mariense, e que ficou conhecida como Moção Plebiscitária, o que instigou o país todo a se levantar contra o terceiro reinado e culminou com a proclamação da república (COSTA, 1922).

Em 1900 a cidade possuía 17.244 habitantes e dois bairros, São Borja e Passo, já em 1912 possuía 25.276 cidadãos distribuídos 1.516 no Passo, 5.939 no bairro São Borja e no interior 18.801 ou seja 75% da população era rural. Possuía três jornais "O Uruguay", "O Reflexo" e "O Missioneiro". A indústria pastoril, que muito se desenvolveu nesse século, em 1919 representava a maior fonte de riqueza do município. A pecuária registrou: 210.533 bovinos, 31.734 equinos e 75.839 ovinos. No comércio existiam 205 casas, sendo 82 na cidade, entre elas 03 hotéis, 06 barbearias, 02 padarias, 03 ferrarias, 03 carpintarias, 01 mercearia, 03 açougues, 02 ourivesarias, 01 relojoaria, 01 curtume, 01 selaria e 03 sapatarias. (COSTA, 1922).

Na década de 1940 ficou conhecida como “A Capital do Linho” e na década de 1960 como “Capital da Produção”. As personalidades públicas que mais se destacam foram Getúlio Dornelles Vargas e João Belchior Marques Goulart, que chegaram à Presidência do Brasil. Em 07 de dezembro de 1997 foi inaugurada a Ponte Internacional ligando São Borja-BR a Santo Tomé-AR, denominada Ponte Internacional da Integração. (SÃO BORJA, 2018).

Atualmente a sua população é de 61.671 habitantes, sendo 55.138 a população urbana e 6.533 a rural cerca de 11%. Possui 10 bairros: Centro, Passo, Bettim, Tiro, Pirahy, Florêncio Guimarães, Paraboi, Itacherê, Maria do Carmo, e José Pereira Alvarez (Varzea). Possui dois jornais “Folha de São Borja” e “Jornal O Regional”. Considera cidades-irmãs: “Rio de Janeiro” e “Blumenau” no Brasil e “Iquique” no Chile (SÃO BORJA, 2018).

Conhecida nacionalmente como “Terra dos Presidentes”, por ser a cidade natal dos ex-presidentes Getúlio Dornelles Vargas e João Belchior Marques Goulart. Em nível estadual a cidade recebeu o título de “Terra dos Presidentes” através da lei Estadual 13.041 de 2008. Ao longo de sua história têm sido palco de importantes episódios da formação territorial, social e política da nacionalidade.

Em 02 de janeiro de 2018, o Governo do Rio Grande do Sul aprovou a lei 15.093, que declara a cidade “Capital Gaúcha dos Fandangos”, em homenagem às

atividades desenvolvidas em prol da valorização da cultura gaúcha.

Também é o berço missioneiro, por ser considerada o “Primeiro dos Sete Povos das Missões” da segunda fase reducional. Ainda mantém muitos resquícios jesuíticos da Redução de São Francisco de Borja, encontrados tanto no subsolo inexplorado como na imaginária das igrejas, do museu ou em coleções de particulares, assim como na imaterialidade patrimonial (RODRIGUES, 2014).

3.2 Barroco Missioneiro ou Barroco Crioulo[7]

A missão religiosa espanhola tinha por objetivo evangelizar e civilizar os indígenas, com esta concepção os jesuítas da Companhia de Jesus buscaram, no Barroco o estilo de aparência triunfal, que constituiu a arte por excelência, ficando conhecida como Barroco missioneiro ou Barroco crioulo.

> Contudo, devido à intervenção do indígena, ao transpor para a madeira os moldes europeus carregados de simbologia litúrgica cristã, muitos elementos nativos foram acrescidos. Percebe -se essa intervenção na escultura e na cantaria, onde os guarani acrescentaram os referenciais do seu ambiente, como a folha da alcachofra, as flores campestres e os frutos, como o apepu e o milho. Essa mescla, manifestada na arte barroca dos Trinta Povos, Trevisan (1978) denominou de “barroco crioulo.” (BOFF, 2002. p. 142)

O mesmo pensamento já tinha sido afirmado pelo arquiteto Lúcio Costa em seu artigo “A Arquitetura dos Jesuítas no Brasil”, publicado na Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, onde relata especificamente sobre o barroco crioulo de São Borja:

> Enquanto em que na Igreja de S. Borja ainda se conserva, além da Pia de Batismo e de várias imagens, como também ocorre na de S. Luis, o último dos numerosos retábulos das sete Igrejas missioneiras, peça valiosíssima não só por este motivo, como ainda, por ser de sabor a um tempo “crioulo” e Jesuítico. (COSTA, 1941, p. 99)

Este estilo de arte barroca chegou à América como instrumento didático. Uma forma de mediar a compreensão do que pregava a Igreja para com os indígenas. Com isso, resolvia o problema da comunicação oral. O ambiente barroco – Figura 6 – alcançava toda a Redução, da Igreja à lavoura, até os ritos festivos e religiosos.

[7] O termo crioulo é de origem portuguesa e surgiu na época colonial, empregado aqui com o sentido de nativo do local.

FIGURA 6 – Escultura de São Miguel Arcanjo – Século XVII/XVIII – Inventário da Imaginária Missioneira nº RS/89-0001-0009



Fonte: Fotografia do Acervo do Pesquisador

O guarani juntamente com o charrua, passam a produzir uma arte nova, cristã, que deveria ser igual ao modelo europeu. A estética copiava a natureza como inspiração e complemento da obra divina, com a maior perfeição possível. Esta nova filosofia, traduzida para a arte, deveria expressar sofrimento nos traços do santo, a tristeza, a dor e o sangue.

> A confecção de imagens sacras foi uma das principais atividades para o povo da redução de San Francisco de Borja. Não é de se estranhar que existia quantidade considerável de referências que posicionam esta redução como uma das mais prósperas de todo projeto reducional do Tape em relação à produção cultural. O alcance foi tão grande que os mesmos chegaram a produzir imagens para outros Povos e até mesmo exportá-las para certas cidades da Espanha (MAURER, COLVERO, 2008. p. 51).

O considerável acervo de obras de arte resultante do período reducional, fruto da obra de artistas indígenas sob a orientação de membros da Companhia de Jesus, um trabalho constante por cerca de 150 anos na região, marca uma rica contribuição

para o patrimônio nacional, constituindo-se em um dos conjuntos artísticos mais significativos que restaram do passado reducional. A arte jesuítico-guarani conhecida na região das missões em São Francisco de Borja deve ser chamada de Arte jesuítico-charrua, dada a maioria da população ser desta etnia.

> Em 1750, achava-se em São Borja o p. Miguel Amenqual, Antônio Planes e Jaime Mascarã. Após a expulsão dos Jesuítas e mesmo durante as guerras das conquistas, este povo não foi destruído nem queimado como os demais. Seu colégio e casas da praça foram sucessivas vezes ocupadas por tropas portuguesas, brasileiras e particulares. Essas construções, que não se igualavam em segurança aos de outros povos, tiveram que desmoronar por não serem conservadas. (LEITE,1970, p.60)

Esta informação é bastante importante para a nossa pesquisa, pois reforça que neste período da Guerra Guaranítica a cidade não sofreu destruição do seu patrimônio, diferente das demais Reduções dos Sete Povos que tiveram suas Igrejas ateadas fogo e destruídas. A Redução de São Francisco de Borja por não participar efetivamente da Guerra teve seu patrimônio preservado. Assim permanecendo intactos Igreja, casas e estatuária. Como a cidade moderna cresceu sobre a antiga Redução as pedras foram reutilizadas em novas construções e as estatuárias, parte permaneceu de posse da igreja, e outra parte foi apropriada por particulares que às cultuavam, e que vem sendo transmitida de gerações em gerações em suas famílias.

O grande abalo na história da imaginária São-borjense aconteceu durante a invasão ocorrida na Guerra do Paraguai. Neste período, as cidades eram invadidas tanto pelas tropas do Brasil no Paraguai como do Paraguai no Brasil, e eram saqueados os paramentos, alfaias, sacrários, castiçais, santos objetos em geral da igreja e, posteriormente, eram distribuídas as igrejas de seu país de origem como butim de guerra.

> Como butim de “guerra justa”, o bispo capelão-mor solicitou à Sua Majestade Dom João VI que os vários objetos “adquiridos do inimigo” fossem distribuídos entre as várias igrejas do “Continente de São Pedro” (Rio Grande do Sul) que se encontravam carentes de tais artefatos. Não alcancei descobrir qual foi a resposta de sua Majestade, porém, ao que tudo indica, a igreja de nossa Senhora das Dores em Porto Alegre, as matrizes das vilas de Taquari e a de São Borja foram as primeiras a receber os despojos de guerra. (KARSBURG, 2014. p. 226-227)

No dia 10 de junho de 1865 a vila de São Borja é invadida por tropas

paraguaias. A grande maioria da população abandonou suas casas, ficando apenas os moradores estrangeiros na vila, e alguns poucos são-borjense que também acabaram ajudando no saque das casas da vila, durante e após a invasão.

> Então, o tenente-coronel Antônio de La Cruz Estigarribia, comandante da coluna expedicionária, determinou o saque de estabelecimentos públicos, casas de negócios, depósito do exército, alfaiatarias, sapatarias, ferrarias, etc. e de sessenta moradias, poupando-se apenas as de proprietários não-brasileiros. O enorme saque partiu em carretas para Asunción, levando também soldados feridos e doentes (MAESTRI, 2015, p. 02)

Em 1850 o padre Francês, João Pedro Gay, pároco de São Borja solicita via petição ao governo licença para pegar alguns objetos sacros das ruínas de São Luiz das Missões para suprir as carências da nova igreja matriz em construção. A justificativa para esta solicitação se deu com o objetivo de salvaguardar os objetos antes que desapareçam dos antigos povos das Missões, assim (KARSBURG, 2014. p. 227-228), relata: “devido ao saque, ao roubo e ao tráfico operado por “figurões” e estrangeiros, deveria o governo autorizar a redistribuição para várias igrejas da província necessitadas de artefatos”

Em 1970 o Presidente do Brasil João Goulart ganha de presente do ditador paraguaio Alfredo Strossner uma Escultura de São Francisco de Borja, de 1,40 metro de altura, que paraguaios teriam roubado na guerra durante a invasão de São Borja, em junho de 1865, a família de Jango no ano de 2010 devolveu para a Igreja matriz a imagem (JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, 2009).

Em 04 de agosto de 1768 o padre Carlos Perez entregou ao capitão Dom Nicolas de Elorduy, o inventário da igreja e demais pertences do Povo de São Francisco de Borja, para compor o inventário de Zavala, no inventário constava tudo que existia em São Francisco de Borja, entre os itens destacamos as seguintes imaginárias: um São Ignácio de Loyola, um São Xavier, um São Luiz Gonzaga, um São Estanislau, três Santos Mártires, oito crucifixos, um cristo morto, quatro virgens mártires, uma Santa Rosa, uma Santa Barbara, um São José, um Santo Antônio de Pádua, um Santo Izidro, um São Miguel e quatro anjos. (NASCIMENTO, 2008)

A saga de sacrilégios com a imaginária missioneira de São Francisco de Borja vem de muito tempo. Em 19 de janeiro de 1893 o Jornal A Federação, noticiava que tinha chegado em Porto Alegre, vindo de São Borja, 04 imagens das antigas Missões e mais algumas relíquias jesuíticas. Com objetivo de compor a mostra

brasileira na exposição de Chicago nos EUA. Posteriormente em nova edição de 05 de junho do mesmo ano, relata que o proprietário cobrava o retorno de suas esculturas, sinalizando que possivelmente estas imaginárias não tenham retornado dos Estados Unidos (JORNAL A FEDERAÇÃO, 1893).

O padre Hermenegildo Gambetti pároco da cidade no ano de 1922, foi vítima de uma agressão. Foi sequestrado por homens da comunidade, que lhe espancaram, despiram e forçaram a atravessar para a Argentina, por ser acusado de ter vendido estatuárias da Igreja Matriz de São Francisco de Borja para um museu na República vizinha. A matéria do Jornal A Federação assim conta:

> Um dia destes, meia hora antes de ir celebrar um casamento em domicílio, foi o reverendo Gambetti procurado por um *chauffer,* dizendo este que ia busca-lo para realizar o casamento. Ao penetrar no automóvel foi aquelle sacerdote agarrado e conduzido para o rio que divide o Brasil com a República Argentina. Ahi, depois de esbordoado e despido, fizeram-no passar para o paíz visinho. O padre Gambetti foi há pouco acusado de ter vendido uns santos da igreja de São Borja para um museu da republica Argentina, facto este que aliás não está esclarecido. (JORNAL A FEDERAÇÃO, 1922, p. 12)

Apparício Silva Rillo, (2004), relata que a repulsa às atividades mercenárias do Padre Gambetti tomou corpo e ecoou na “cidadezinha” toda quando desapareceu do altar-mor uma estátua em madeira, de Santo Inácio, que tinha uma cava onde uma pessoa podia esconder-se. Venerada por um sem número de fiéis, este Santo Inácio que tinha a lenda de que, no tempo dos indígenas, os padres da Redução introduziam-se na cava dorsal, baixavam o grande manto de tecido forte que vestia o santo e, assim disfarçados, dirigiam-se aos guaranis como se fossem a própria imagem que falasse.

Em 08 de março de 1940, o Presidente Getúlio Vargas cria, em São Miguel, o Museu das Missões, com a finalidade de reunir e conservar as obras de arte ou de valor histórico relacionadas com os Sete Povos das Missões, com projeto arquitetônico de Lucio Costa e resumos históricos de Aurélio Porto e Sérgio Buarque de Holanda.

> Hugo Machado o zelador encarregado de requisitar as peças para o Museu Missioneiro não solicitava empréstimo ou doação das obras. Retirava arbitrariamente as peças de seus proprietários. Não há um só caso contado ao entrevistador em que Hugo Machado não utilize o verbo tirar, para se referir ao método de coleta das peças. Não havia explicação, justificativa ou ponderação, mas a certeza de que aquela posse não era correta e que as

> peças deveriam ser colocadas na exposição do Museu das Missões. (BAUER, 2006. p. 120)

Cabe destacar que, quando do início das obras no Museu Missioneiro, de São Miguel, este possuía apenas três imagens, já no ato de criação ele possuía um número total de 146 peças reunidas, tendo sido recolhidas intempestivamente de 31 localidades diferentes, exceto São Borja, conforme relata o Diretor do SPHAN, Rodrigo Mello Franco de Andrade, em relatório[8] ao Ministro Gustavo Capanema, e também informa que devido às más condições das estradas e muita chuva, a estatuária de São Borja não foi recolhida. Na realidade esta foi uma desculpa utilizada educadamente por Andrade, pois segundo relato de Fernando Hartemann, que juntamente com João Hugo Machado, realizava expedições para arrecadar estatuárias na região, informou em relato a Lucas Mayerhofer a sua saga da viagem para "arrecadação" de peças missioneiras na cidade de São Borja. Conforme encontrado no arquivo da 12ª Superintendência Regional do IPHAN, em Porto Alegre e publicado por Letícia Bauer (2006) e assim descrevemos na integra:

> Ilmo. Shr. Dr. Lucas Mayerhofer
> O viagem para S. Borja para requisitar objetos jesuíticos foi seguinte. Eu viajar com caminhão Alejandre Martini e levar junto o Shr. Hugo Machado e Joaquim Nunes Pereira (Velho Quinca) porque elle foi criado nesta zona e saber alguma imagem em casas particulares. em caminho para S. Borja nos passemos p. S. Jose onde me foi entregar de bom vondagem uma imagem de madeira (1.30 met altura) que foi encontrada numa capelinia. na chegada em S. Borja foi 20h. da noite. dia seguinte eu procurar o Shr. Prefeito para apresentar-se. mais encontrar antes o Shr. Vigario o que mostre os documentos e carta do Shr. Bispo sobre requisição. o Vigario responde muito mal. elle dize: <u>não</u> entregar <u>nenhum</u> objetos jesuíticos, não respeitar ordem do Ministerio e não ordem do Shr. Bispo, quem mandar em S. Borja sou eu. elle chamar nos ladrãos, deixar nos na rua e correr para Shr. Prefeito. depois da saída do Vigario da Prefeitura eu e Hugo Machado entremos para apresentar-se ao Shr. Prefeito. Elle não acho documentos suficiente e não quer ler. neste hora mandar 1ª telegrama para Senhor. Mesmo dia 20 horas a noite chegar o Shr. Prefeito Shr. Delegado, Supdelegado e 2 soldados na Hotel, levar imagem que foi requisitado em P. S. José para Vigário. em este occasião o Shr. Delegado dize nos seria na outra dia exortado [?] fora do Município. este hora eu mandar 2ª telegrama.
> Otra dia eu pedir favor de Delegado para pode esperar em S. Borja a resposta de Senhor, elle aceida. até 20h não vem resposta então eu resolver para voltar na São Miguel, porque as despesas no Hotel para nos (4 pessoas) foi alto, e pensar minha dinheiro e não suficiente para 3 o 4 dias ainda. (3ª telegr)
> 23 horas de noite recebi resposta do Senhor e um telegrama de Shr. Dr. Rodrigo M. F. de Andrade dia seguinte (18./5.) falar de novo com Delegado por que o Shr. Prefeito não estava mais em S. Borja, e mostrar os telegramas. o Shr. Delegado diz não pode fazer nada sem Shr. Prefeito, que

[8]Informações do arquivo do Museu Getúlio Vargas.

> não esta em São Borja e não volta antes de dia 21, também não pode dizer que dia elle voltar para S. Borja. eu não pode esperar este tempo e volta para S. Miguel.
> Em S. Borja tem objetos jesuíticos importantes e grande valor, fora do culto:
> 8-10 imagens grande e bonito depositada no quarto lateral da Igreja, um altar jesuítico fora do culto, uma Pia de pedra perfeito e muito bonito (mais o menos 900 Kgr) 2 Pia de madeira bem trabalhado, e 3 sinos. 1 de 1.200 Kgr.
> 1 “600”,
> 1 “80”,
> Os sinos também fora de culto, depositado na quintal na fundo da Igreja na terra, sem conservação; uma pomba de prata de lei (1 Kgr) eu calcula o valor objetos acima mencionada so de materiais e artisitico 300 a 400 contos de reis, fora grande Valor de Histórico.
> Para transportar destes objetos precisar 4 caminhão grande, o um Vagão da E. F. ate Santo Angelo, porque os Estradas de S. Borja são em pesimo estado.
> Eu continuar requisitar as imagens nas otras Municípios onde eu sabe ainda imagens importantes. O Shr. Prefeitos e Delegadas de Santo Ângelo, São Luiz e S. Boqueirão solicitando facilitar nossa Missão.
> neste data seguiram carta registrada com conta corrente, fotos, e copia do catalogo original. Original do catalogo fica aqui, porque ainda vem muitas imagens e otras objetos. faz a favor mandar dinheiro urgente.
> Saudações,
> Fernando Hartmannn (HARTEMANN apud BAUER, 2006, p.131 - 132)

Com o relato acima descrito podemos confirmar que as imaginárias jesuítico-missioneiras de São Borja, conforme informa Fernando Hartmann, não integraram ao acervo do Museu das Missões de São Miguel, em 1940, ficando de posse de seus atuais proprietários igreja e particulares da cidade.

Lucio Costa (1941) em artigo na Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional nº 05, confirma a permanência da estatuária em São Borja:

> Enquanto que na igreja de S. Borja ainda se conserva, além da pia de batismo e de várias imagens, como também ocorre na de S. Luiz (Fig. VIII), talvez o último dos numerosos retábulos das sete igrejas missioneiras, peça valiosíssima não só por este motivo, como ainda, por ser de sabor a um tempo “crioulo” e jesuítico (Fig. 41). (COSTA, 1941. p.99)

Em pesquisa em jornais, revistas, teses e livros descobrimos algumas informações relevantes que sobre o percurso da saída de estatuária missioneira de São Borja, posterior ao ano de 1940.

Em 06 de junho de 1959, a igreja fotografada e publicada por Lucio Costa em 1941, na Revista do Patrimônio, começa a ser demolida. Em seu lugar foi construída uma nova igreja de estilo modernista com projeto assinado pelo arquiteto José Maria

Oliveira Vilela e executado pelo engenheiro Nei Silveira, de Santo Ângelo (REVISTA ARMAZEM DA CULTURA, 2008).

Com a demolição da igreja matriz o retábulo fotografado por Lucio Costa (Figura 7) e, que era uma verdadeira relíquia, uma peça única magistral, que chamou a atenção do arquiteto, toda esculpida em madeira, cheia de entalhes, foi destruída ou vendida, pois desapareceu.

FIGURA 7 – Altar da igreja matriz São Francisco de Borja



Fonte: Autor Lucio Costa em Revista do Patrimônio nº 05 de 1941

No ano de 1973 após avaliação do professor Carlos Galvão Krebs a Prefeitura de São Borja permutou um terreno por um lote de 22 Santos que passaram a integrar o acervo do Museu Municipal Apparício Silva Rillo (Museu Missioneiro de São Borja). Atualmente o acervo inventariado do museu é de 40 peças do período reducional, algumas vieram da própria igreja e outras de doações de particulares. O Museu, no ano de 2007 foi reinaugurado, todo adaptado para receber e manter as obras jesuíticos-missioneiras. Possui em seu acervo obras

significativas para a história missioneira, recentemente o pesquisador Darco Sustersic em visita a São Borja identificou no Museu Municipal Apparício Silva Rillo, mais duas obras que pela plasticidade atribui ao escultor jesuíta José Brasanelli (RODRIGUES, 2014).

No ano de 1977, foi criado o Museu Municipal Monsenhor Estanislau Wolski, na cidade de Santo Antônio das Missões, antiga Vila 13 de Janeiro, que pertenceu a São Borja como distrito, e no período reducional seria local de uma capela. O acervo que deu início ao museu foi comprado pela Prefeitura por cinquenta mil cruzeiros do Padre Olmiro Hartemann.

> O museu possui no acervo uma coleção única de 73 imagens missioneiras. É considerado o segundo maior acervo de miniaturas de arte barroca jesuítica do Brasil. Foi restaurado, em 2006, com recursos da Caixa Econômica Federal e FUNMISSÔES, por meio do programa "Circuito das Imagens Missioneiras – Fé e Arte em Harmonia". (AHLERT, 2008. p. 86)

O Padre Hartemann, teria juntado este acervo de miniaturas de estatuárias missioneiras, ganhando de famílias da região. Ele também desenvolveu atividades eclesiásticas na cidade de São Borja no ano de 1963/1964 onde também é personagem de um fato envolvendo uma miniatura de estatuária:

> Posteriormente, em 1977, o MHN recebeu por doação uma escultura de Nossa Senhora em madeira tosca, criada por índios de São Borja, no Rio Grande do Sul, que fora uma região missioneira. Foi doada pelo general Nelson Boiteux através de sua nora, Maria Lúcia Vinha Boiteux, tendo ele recebido no ano de 1964, a imagem das mãos do Padre Olmiro Hartemann, da paróquia de São Borja, que afirmou ser o objeto do ano de 1740. Na carta de doação enviada ao MHN, o general alertou para a necessidade de realizar pesquisas para confirmar estas informações: "Seria interessante saber-se quais as razões sociais, religiosas, econômicas, de segurança, etc. que teriam efetivamente, determinado e influenciado no aldeamento dos índios e, no caso em espécie, a finalidade de iniciação dos índios em arte tão delicada e difícil a ser executada por elementos incultos e místicos" (OLIVEIRA, 2012. p. 7)

O mesmo Padre Olmiro Hartemann, que vendeu o seu acervo particular para a Prefeitura de Santo Antônio das Missões, em 1977, é o mesmo que durante o regime militar (1964) presenteou um general que estava em visita a São Borja, com uma imaginária Missioneira de posse da Igreja (Figura 7). O general Nelson Boiteux posteriormente realizou a doação ao Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro (RODRIGUES, 2014).

FIGURA 8 – Escultura indígena produzida por indígenas de São Borja doada ao Museu Histórico Nacional em 1964 – Século XVII/XVIII



Fonte: Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro

O padre Olmíro Edmundo Hartmann, possuía uma estatuária quando da realização do Inventario da estatuária missioneira. Trata-se de um Cristo crucificado, de inventário número RS/92-0001.0501. Uma observação chama atenção na ficha de inventário, onde nos dados históricos relata que a peça anteriormente pertenceu a Conceição Cidade de Almeida, que pelo endereço é vizinha da igreja Imaculada Conceição do Bairro do Passo, e que possui outras peças catalogadas pelo inventário (RS/92-0502 e RS/92-0503). Possivelmente esta Senhora tenha doado ao pároco a imaginária, reforçando a tese de que ele tenha realmente ganho das pessoas residentes na região as estatuárias que compuseram o seu acervo. Cabe destacar que na data do inventário Dona Conceição tinha 87 anos, e relatou que teria ganho suas peças de uma mulher preta, e também consta a informação que as suas estatuárias não foram marcadas.

Em 15 de dezembro de 1977, o que movimentou as discussões na cidade foi a Mitra querer leiloar as imagens missioneiras da Igreja Matriz São Francisco de Borja, entre elas um São Miguel e o próprio padroeiro São Francisco de Borja. A

motivação para tal, foi as dívidas contraídas pela Mitra na construção do salão paroquial da igreja. Mas, como o projeto precisava da aprovação da Câmara, o vereador José Francisco de Oliveira Freitas (ARENA) sugeriu, antes da aprovação do projeto que as referidas imagens fossem declaradas de utilidade pública pelo município, e que fosse pago a Diocese de Uruguaiana o preço estabelecido pela justiça, em relação à desapropriação. E assim o projeto foi aprovado, impossibilitando o leilão. Cabe destacar parte do discurso proferido pelo vereador à época e reproduzido na reportagem do Jornal. Folha de São Borja:

> Do ponto de vista político, legal, cabe-me, como membro da Comissão registrar o seguinte: como católico, eu lamento, deploro, que imagens sacras sejam objeto de comércio por parte da Igreja Católica Apostólica Romana. Não sei para onde vai a igreja em sua doutrina, com as determinações de seu clero, com essa marcha. Daí o surgimento de Cardeais rebeldes e de outros fenômenos de marchas e contramarchas, dentro de uma instituição secular – parâmetro e termômetro da sensibilidade humana, pelo que apregoa de mais correto em matéria de vivência – o Cristianismo. Creio que a Mitra de Uruguaiana não poderia extirpar do solo que deu vida à madeira e raça que esculpiu São Borja e Missões, a não ser tendo em vista interesses tão somente comerciais, abominando o interesse histórico e cultural e relegando a terceiro ou quarto plano a reverência religiosa. (JORNAL FOLHA DE SÃO BORJA, 1977. p. 02)

O tráfico de obras jesuíticas sempre foi uma constante na região, em reportagem do Jornal folha de são Borja de 01 de junho de 1991, traz como título: “Polícia recupera imagens sacras roubadas”. Tratou-se do roubo de três imagens Uma Santa Maria Madalena (1.30m) e duas de pequeno porte (20cm) uma Santa Luzia e outra Nossa Senhora da Glória. Estas estatuárias teriam sido furtadas do interior do município de Itaqui, de uma fazenda na localidade de Itaó, próximo a São Borja (JORNAL FOLHA DE SÃO BORJA, 1991).

No jornal Folha de São Borja (1991, p. 07), do dia 05 de junho do mesmo ano, trazia como manchete: “Recuperada mais uma imagem sacra”, referindo-se a um São José muito grande e pesado, que ficava na capela de São José Velho a 55Km da cidade de São Borja. Possivelmente, a mesma estatuária que em 1940 teria sido confiscada por Fernando Hartemann e posteriormente devolvida.

Já em 24 de julho de 1993, outra reportagem com o seguinte título: “Prefeitura impede venda de imagem missioneira”, a diretora do Departamento de Assuntos Culturais ficou sabendo de uma transação envolvendo um São Pedro (50 cm) e

comunicou as autoridades impedindo a transação. (JORNAL FOLHA DE SÃO BORJA, 1993, p. 04)

Em 1987, por conta das comemorações dos 300 anos de São Miguel, começou a se discutir a preservação dos remanescentes Missioneiros, e que resultou, em 1988, no projeto de inventário dos Bens Móveis e Imóveis produzidos nas Missões Jesuíticas dos Guaranis, que procurou registrar e pesquisar a imaginária que estavam em Museus, Igrejas, Instituições educacionais, hospitais, em posse de particulares e também no mercado de arte e antiguidades.

> Ao final do inventário 510 peças foram registradas, destas 50% estão de posse de coleções públicas e 50% de coleções particulares, cabe destacar que a maior coleção é a do Museu das Missões que totalizou 94 peças inventariadas, embora na década de 40 existiam bem mais. (RODRIGUES, 2011. p. 255)

O inventário da imaginária missioneira (1992), foi elaborado por Maria Inês Coutinho, com pesquisa de campo de Delmira Giron Finco e Denise Lamperdt e teve como revisoras Flávia Maria Rosa, Mabel Leal Vieira e Maria Inês Coutinho, o fotografo foi Luiz Antônio Catafesto de Souza, institucionalmente realizada pelo Ministério da Cultura, Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural – 12ª CR, Governo do Estado do Rio Grande do Sul e Secretaria de Estado da Cultura – Comissão Missões, com apoio financeiro da UNESCO, VITAE e Fundação Iochpe. Ao concluir restou inventariado 510 imaginárias, destas 50% públicas e 50% de posse de particulares.

A maior coleção pública é do Museu Missioneiro de São Miguel das Missões que totalizou 94 peças inventariadas, embora na década de 1940 existia bem mais. São Borja possui inventariadas 81 peças, sendo 50 de posse de particulares e 31 de posse pública. O relatório foi impresso pela editora La Salle de Porto Alegre e distribuído a instituições de ensino e bibliotecas públicas do Estado, os originais entregues ao Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, atual IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Este documento é balizador da imaginária missioneira no Brasil. É até hoje o único estudo realizado com o objetivo de mapear e inventariar a produção de arte jesuítica produzida aqui no período reducional. Para cada peça foi preenchida uma ficha com uma série de dados informativos, de identificação e localização com

análise histórica e artística. Cada imaginária missioneira ganhou um número que permite ser rastreada, o mesmo número conta na ficha e na peça.

Estima-se ter chegado a 1000 imaginárias a produção nas Reduções dos Sete Povos. Porém, a falta de conservação, as condições climáticas, transportes precários, incêndios, roubos e outras contingências contribuíram para o desaparecimento de boa parte deste patrimônio.

A legislação nacional de proteção do patrimônio histórico, não oferece mecanismos que assegurem o acesso a esses bens pelas instituições oficiais, dificultando assim, as ações de inventário e tombamento. O próprio Inventário da Estatuária Missioneira sofreu com isso, quando tentou inventariar 110 peças de um colecionador de peças sacras na cidade de Porto Alegre, e teve o acesso negado, veja que esta coleção particular, é maior que a do próprio Museu das Missões. Das 510 imagináriass inventariadas apenas 12 foram tombadas, todas pertencentes a Igreja Católica de São Luiz Gonzaga, e foram restauradas pelo IPHAN.

Quando do período de execução do Inventário, muitas pessoas deixaram de apresentar suas estatuárias para serem inventariadas, possivelmente com medo de terem confiscadas pelos órgãos oficiais, assim como ocorreu na década de 1940. Outro fator que prejudica o controle da imaginária é que boa parte das peças de posse de particulares não possuem o registro impresso na peça, não foi feito quando executado o inventário.

No ano de 2007 em outubro, aconteceu a doação de 21 peças que faziam parte de um altar em uma casa de chão batido nos subúrbios de São Borja, entre estas 08 peças são do período reducional, todas inventariadas pelo Inventário da Estatuária Missioneira. Sendo um quadro de Nossa Senhora do Socorro (RS/91-0001-0054), um anjo (RS/91-0001-0050), um Santo Isidro (RS/91-0001-0049), um cristo na coluna (RS/91-0001-0056), um fragmento queimado de um São Miguel Arcanjo (RS/91-0001-0057), um Cristo crucificado (RS/91-0001-0055), uma cabeça de nossa Senhora do Socorro (RS/91-0001-0051), e o que restou do um senhor Morto que foi queimado no culto (RS/91-0001- 0053). As doações foram recebidas após 08 meses de tratativas do Diretor do Departamento de Assuntos Culturais da Prefeitura com a família Ayala Chagas, que a mais de cinco gerações vinha conservando e preservando as estatuárias, conforme Figura 8 (RODRIGUES, 2014).

FIGURA 9 – Foto Família Ayala Chagas junto ao Altar Jesuítico-missioneiro



Fonte: Arquivo Histórico de São Borja

Em conversa com a família que possuía o acervo, foi relatado que antes das peças serem inventariadas, tiveram duas imagens furtadas. E agora o fato que motivou a doação de todo o seu acervo ao Museu Municipal Apparício Silva Rillo, as imaginárias, foram levadas por um Pastor da Igreja Universal do Reino de Deus, duas peças, para serem queimadas em um culto, um São Pedro (Inventário Nº RS/91-0001-0052), e um senhor Morto (Inventário Nº RS/91-0001- 0053), este último restou apenas o tronco intacto, o São Pedro não foi localizado possivelmente deva ter sido queimado (RODRIGUES, 2014).

FIGURA 10 – Foto do fragmento queimado do senhor Morto (RS/91-0001- 0053)



Fonte: Arquivo Histórico de São Borja

Na época, o pastor reagiu à exposição da mídia da seguinte forma: "a queima de imagens é uma prática habitual. [...] buscamos, com isso, promover a libertação espiritual"[9].

A denúncia ao Ministério Público que deu origem ao processo foi feita pelo então diretor de Assuntos Culturais do município. Logo a família Ayala Chagas resolveu fazer a doação para o Museu Municipal das oito imagens de madeira das quais era guardiã. Na ocasião, Oraides Chagas chegou a informar para o Diretor que o pastor havia levado as duas imagens em troca de um trabalho de cura do seu conjugue: Leôncio Ayala Chagas, que sofria de câncer. Na esperança de curar o mesmo, Oraides recorreu às orações do pastor; porém, o mesmo exigiu as estátuas para queimá-las em troca de orações para o doente.[10]

Este fato resultou no processo n° 030/1.07.0004052-1, na comarca local, tendo como réu o Pastor Fábio Guimarães da Silva Pereira. Após busca e apreensão no templo da Igreja Universal em São Borja, foi recuperado parte do tronco do Senhor Morto, com Inventário sob o n° RS/91-0001-0053, comprovando assim a queima em culto na Igreja.

[9] Palavras do próprio pastor ao jornal Folha de São Borja de 02/09/2007
[10] Depoimento de José Fernando Corrêa Rodrigues, junto à Comarca local em agosto de 2008.

Como o objetivo da ação era de natureza cautelar inominada, promovida pelo Ministério Público, que buscava recuperar e alcançar a preservação do patrimônio histórico/cultural, foi dada por encerrada a ação em 1ª instância, restando ao Pastor o pagamento das custas no valor de R$ 96,12 (Noventa e seis reais com doze centavos). O Ministério Público recorreu, e a ação tramitou em instância superior onde ganhou o número 0040521-91.2007.8.21.0030, foi mantido a sentença de primeiro grau e o réu pagou custas de R$166,55 (cento e sessenta e seis reais com cinquenta e cinco centavos) e extinguiu-se o processo.

No dia 22 de novembro de 2012 foi apresentado requerimento de solicitação de ato de tombamento à Superintendência do IPHAN no Rio Grande do Sul, onde o proponente requeria solicitação de estudos e posterior encaminhamento ao Conselho Consultivo do IPHAN, para a realização do Tombamento das Fontes Jesuíticas Missioneiras da cidade de São Borja – RS, e de todo o acervo de imaginária inventariado e demais resquícios do período reducional.

Conforme oficio nº 593/2014/IPHAN-RS o requerimento foi aceito e aberto o processo nº 01512.003248/2012-67, e para dar continuidade o proponente deveria apresentar uma série de documentações desde a identificação, a pesquisa histórica, a descrição e análise da edificação, levantamento fotográfico, incluindo a proposta de utilização de entorno quando fosse o caso. O proponente procurou auxilio junto a Prefeitura de São Borja, Câmara de Vereadores, Conselho Municipal de Políticas Culturais, para dar continuidade a instrução do processo, não obtendo sucesso, o mesmo foi arquivado junto ao IPHAN.

No ano de 2017 durante as atividades da Semana Acadêmica do Curso de Gestão de Turismo do Instituto Federal Farroupilha o assunto voltou a mesa de debates, e foi formado um grupo de trabalho formado por professores e acadêmicos, que conta com a assessoria de técnicos do IPHAN-RS e vem pesquisando e preenchendo as fichas solicitadas, para posterior envio ao IPHAN, para a reabertura do processo de tombamento, cabe ressaltar que o grupo focou seus esforços nas imaginárias e fontes jesuíticas de propriedade pública, o grupo de trabalho pretende entregar até o final do segundo semestre de 2018, o trabalho concluído para a Superintendência do IPHAN.

No dia 20 de junho de 2018, o site oficial do município noticiou que o acervo do museu Apparício Silva Rillo seria objeto de estudo de pesquisadores

internacionais. Onde os pesquisadores, conservadores-restauradores da Universidade Técnica de Munique na Alemanha, representado pelas alunas alemãs Julia Brandt e Isabel Wagner e pelos argentinos Fernando Franceschelli e Federico Lobera permaneceram três dias na cidade analisando as esculturas jesuíticas em madeira a fim de rastrear o trabalho ou influência de jesuítas nas oficinas locais. (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÂO BORJA, 2018)

O desconhecimento da sociedade sobre esse acervo coloca em risco sua integridade. Acrescenta-se a isso a sua rápida deterioração e a ignorância do real valor dessas peças por alguns detentores, o que provoca danos muitas vezes irreparáveis.

3.3 Peculiaridades da Identidade São-borjense

Como podemos perceber no desenvolvimento da pesquisa, a cidade de São Borja parece anular a suas representações identitárias do período reducional, pouco ou quase nada do patrimônio edificado foi preservado, a Fonte Missioneira de São Pedro que servia de local de reserva de água para a comunidade, durante a guerra do Paraguai foi totalmente destruída e até hoje não foi restaurada ou revitalizada, o pouco de patrimônio que restou deste período foi as imaginárias, que vem sendo preservada com muito esforço e pouco recurso pelo Museu local e por colecionadores particulares. Se analisarmos virtualmente a cidade de São Borja através do site institucional da Prefeitura somos apresentados à São Borja da Terra dos Presidentes, ou a São Borja Capital Gaúcha dos Fandangos, deixando de lado o legado originário, o missioneiro.

As questões jesuítico-missioneiras em São Borja, no decorrer destes últimos três séculos, apresentam uma invisibilidade, a cidade deixa transparecer não querer ter estas memórias deste período. O Poder Público não incentivou a valorização dos remanescentes missioneiros. Tivemos a oportunidade de confirmar analisando alguns folders turísticos produzidos no município desde a década de 1950, até os dias atuais, a cidade sempre buscou vender ou ser representada de uma forma imediatista e sem continuidade, sem planejamento, mas sempre criou slogans de impacto para tentar vender uma imagem que a representava em determinado período.

Fomos em busca de algumas explicações desta invisibilidade. Um dos pontos cruciais passa pela falta de educação patrimonial, a história da cidade é

ministrada como disciplina nas escolas do município na quarta série do ensino fundamental, a maioria dos estudantes chega ao ensino médio sem lembrar da história local. Somente agora a pouco, no ano de 2015 que surgiu um projeto específico de educação patrimonial e valorização da identidade missioneira, o "*Taji Poty*" que significa flor do Ipê, que é executado em setembro mês da floração dos Ipês árvore símbolo da cidade, junto ao Instituto Federal Farroupilha e neste ano de 2018, chegou a sua quarta edição.

Só os cidadãos que tem apreço pela leitura sobre a história missioneira que se identificam com estes patrimônios, para os demais, por não conhecerem esta história acabam não valorizando este legado.

Outro ponto motivador pode estar vinculado a etnia presente na fundação, os Charruas. Se voltarmos no tempo lá no período da guerra-guaranítica podemos perceber a primeira desvinculação da cidade com relação aos demais Povos Missioneiros, pois decidiu não participar da revolta dos indígenas guaranis, possivelmente por sua população na maioria ser da etnia Charrua. E desde então vem sempre procurando algo que a diferencie dos demais, na década de 1960 escolheu como a data de fundação o período da transmigração 1682, para assim ser considerado o primeiro dos sete povos da segunda fase jesuítica, embora os demais povos o considerem como 1690.

Na definição dos símbolos a cidade escolheu a representação da Cruz de Lorena, o que a diferencia dos demais seis povos que escolheram a Cruz Missioneira como seu elemento identificador. A Cruz de Lorena tem sua origem na cidade de Lorraine, na França e é o símbolo dos bispos da igreja católica, a Cruz Missioneira tem sua origem atribuída à Cruz de Caravaca, que tem seu surgimento na cidade espanhola de Caravaca de La Cruz, local onde boa parte dos Jesuítas partiram para a América.

Estes erros ou escolhas de compreensão histórica podem ser sintomas de uma causa maior, a falta de conhecimento desta história, é reflexo da falta de educação patrimonial na cidade. Somente agora, após a década de 2000 que a comunidade despertou para a valorização deste legado, possivelmente embalados pelo surgimento de duas instituições educacionais públicas na cidade, a Universidade Federal do Pampa e o Instituto Federal Farroupilha. No ano de 2007 foi descoberto as bases da antiga igreja jesuítica, o que levou a uma mobilização na cidade, teve dois seminários conhecidos como "Semana Missioneira" coordenados

pala Câmara de Vereadores, em um deles no ano de 2012 foi colocado a primeira cruz missioneira na cidade. E tanto a Unipampa quanto o IFFAR desenvolvem projetos de extensão e cursos que valorizam a educação patrimonial o que vem ajudando a despertar para a valorização e pesquisa deste legado.

Neste ano de 2018 foi descoberto em uma construção no perímetro da Redução uma casa toda de pedra com paredes e pisos originais do período missioneiro, o IPHAN vistoriou e sugeriu algumas medidas de valorização deste patrimônio, como a decapagem do reboco e confecção de janelas arqueológicas, também sugeriu uma poligonal de preservação permanente e solicitou ao Conselho Nacional de Arqueologia a inscrição de São Borja como sítio arqueológico, fato que foi aceito no dia 03 de outubro e ficou registrado com o número CNSA RS03814 junto ao cadastro nacional de sítios arqueológicos do IPHAN.

Nos últimos anos a valorização do legado patrimonial jesuítico da Redução de São Francisco de Borja vem em um crescente, com iniciativas isoladas partindo de parte da população e assim forçando as instituições públicas, educacionais e até particulares, proporem medidas preservacionistas. Esperamos que no futuro estas medidas venham ajudar difundir o legado missioneiro e assim anular a invisibilidade identitária até aqui evidenciada.

4 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento do percurso metodológico, nos baseamos no estudo de Raymond Willians (2003), “El análisis de la cultura”, que utilizamos como método de abordagem, de forma que a análise cultural se constitui na base metodológica.

A análise cultural desloca a centralidade da investigação da estruturação política, econômica, para buscar contextualizar essa estruturação na “vida real expressa pelo conjunto da organização” social (WILLIAMS, 2003, p. 58).

Neste sentido, Williams (2003) na definição de cultura distingue três categorias gerais: em primeiro lugar a “ideal” a cultura em um processo de estado de perfeição humana, em termos de valores absolutos e universais. A segunda categoria é chamada de “documental”, nela a cultura é a massa de obra intelectual e imaginativa e se registram de diversas maneiras tanto pelo pensamento quanto expressões da humanidade. A terceira definição da cultura é a denominada “social”, cuja a descrição reflete um modo determinado de vida, ou seja, expressam certos significados e valores, não só da arte e do aprendizado, mas também em instituições e o comportamento ordinário. De acordo com estas definições, a “análise da cultura é o esclarecimento dos significados e valores implícitos e explícitos em um modo específico de vida, em uma cultura a especificar” (WILLIAMS, 2003, p. 51 -52).

Willians (2003, p. 58) apresenta três níveis de cultura: a primeira é a cultura vivida em um determinado período e lugar, que apenas se encontra totalmente acessível para aqueles que vivem ou viveram em tal espaço-tempo; a segunda é a cultura registrada, desde a arte até os fatos mais cotidianos, isto é, a cultura documentada de um período; e a terceira é a cultura da tradição seletiva, fator vinculante entre a cultura vivida e os registros da cultura em distintos períodos. Ele observa que quando a cultura de um período já não é presente, ou seja, não é mais uma cultura vivida, o passado sobrevive, ainda que de maneira mais restrita, nos documentos deixados por essa e/ou acerca dessa cultura. E, através da cultura registrada, é possível obter uma ideia razoavelmente clara sobre o acervo cultural, os padrões gerais de atividade e os valores desse período.

Centramos nosso estudo para o entendimento de objeto de pesquisa, na concepção de cultura registrada, pois entendemos o período Reducional nas Missões, especialmente em São Francisco de Borja, como um documento, cujas impressões de um povo, sua cultura, que restaram materializadas e impressas em

cada peça de estatuária, lidas na talha, no semblante de cada representação e até na rebeldia ou ato demonstrativo de cultura milenar ante a aculturação imposta pelo colonizador. Assim fica expressa a definição de tempo e lugar especificada por Willians (2003) para compor o suporte documental dos historiadores.

A “análise da cultura, em um sentido documental, é de grande importância porque pode produzir provas específicas sobre a organização dentro da qual se expressa” (WILLIANS, 2003, p. 55). Assim, quando analisamos a arte jesuítico-missioneira produzida no período reducional como prova (documento) de um tempo, conseguimos verificar o sentido organizacional de uma sociedade, embora não tenhamos o contato com estes cidadãos que viveram neste período, por certo, entendemos a percepção passada por esta sociedade e registradas na imaginária.

Estes registros que vem passando de gerações em gerações, essa herança cultural que é cultuada em núcleos familiares, consiste em um patrimônio cultural tão importante quanto as ruínas missioneiras das antigas igrejas das Reduções. Esse patrimônio está presente no dia-a-dia de cada família detentora destes registros, em cada ritual, ou no simples fato de contemplar este passado materializado. Este legado que foi recebido do passado, perpetuado pelas mãos hábeis dos missioneiros é o patrimônio da humanidade retratado em cada altar, em cada estatuária espalhada pelas casas no Brasil. É um registro da história que documentalmente pede um socorro, que façamos algo pela valorização e reconhecimento universal deste patrimônio cultural.

Quanto ao percurso da pesquisa, inicialmente realizamos uma pesquisa bibliográfica e documental referente a Missões, especialmente a Redução de São Francisco de Borja, e a imaginária jesuítico-missioneira produzida na cidade. Também aprofundamos uma pesquisa bibliográfica de conceitos balizadores para o entendimento de nossa investigação entre eles, cultura e identidade pela perspectiva dos estudos culturais, patrimônio cultural e monumento histórico com noções de herança cultural e memória.

Buscamos contato junto aos órgãos públicos detentores de dados do inventário da estatuária missioneira. Conseguimos cópias em xerox do inventário junto à Biblioteca Pública Getúlio Vargas da cidade de São Borja, mas, como sua qualidade deixava a desejar, então contatamos o IPHAN, onde obtivemos as cópias digitalizadas dos originais em ótima resolução.

Entre as fichas de inventários produzidas em 1989/1992, separamos em públicas as pertencentes à municipalidade e em particulares as demais. Como focamos nossa pesquisa nas imaginárias de posse de particulares da cidade de São Borja, iniciamos a análise das fichas de inventário passiveis de serem localizadas para estudo de campo. Para posterior planejamento da exposição itinerante.

Em análise preliminar do inventário do Patrimônio Jesuítico-Missioneiro remanescente da Redução de São Francisco de Borja, identificamos as peças jesuíticas com dimensões de altura entre 09 cm à 450 cm. As imaginárias, pedras, sinos, e retábulo integram o inventário da imaginária missioneira no Brasil. Não se sabe se foram todas esculpidas em São Borja, nem se são obra de um só escultor ou produto de trabalho conjunto. Pela análise das fichas de inventário da Imaginária Missioneira de São Borja, assim estão representadas:

QUADRO 1 – Quadro da Imaginária jesuítica Inventariada da Redução de São Francisco de Borja

Imaginária Jesuítica Inventariada da Redução de São Francisco de Borja		
Local	**Unidade**	**Porcentagem**
Posse de Particulares	50	61,73%
Posse Pública	31	38,27%
TOTAL	81	100%

Fonte: Elaboração do autor, baseado no Inventário da Imaginária missioneira do Brasil

Imaginária Jesuítica Inventariada de posse de particulares

QUADRO 2 – Quadro da Imaginária jesuítica Inventariada da Redução de São Francisco de Borja de posse de particulares

Imaginária Jesuítica Inventariada da Redução de São Francisco de Borja de posse de particulares	
Proprietário	**Unidade**
Alcírio de Deus da Silva Pereira	01
Apparício Silva Rillo	08
Caio Escobar	02
Centro Espírita Pai Oxalá	02
Conceição Cidade de Almeida	02
Delfino Soares de Almeida	01
Delmira Soares de Almeida	01
Donatila Silva Pereira	01
Glaci Motta Aquino	02
Igreja Imaculada Conceição	03
Igreja Matriz São Francisco de Borja	03
João Dalenogare	01
José Adão Antunes	01
Leôncio Ayala Chagas	09
Maria José Falcão	01
Maria Tereza Veloso	01
Mario Souza Soares	01
Miguel Antônio Bica	O3
Padre Olmiro Edmundo Hartmann	01
Pedro Ivo da Rocha	02
Percy Andrade Necchi	03
Solange Pacheco de Oliveira	01
TOTAL	50

Fonte: Elaboração do autor, baseado no Inventário da Imaginária missioneira do Brasil

Aproximadamente 61,73% das estatuárias inventariadas em São Borja entre 1989 e 1992, estavam de posse de particulares. Muitas destas imaginárias vêm de geração em geração sendo cultuada em núcleos familiares, outras foram adquiridas como bens no último século. Apresentamos no Quadro 2 os nomes dos proprietários a época do inventário e as quantidades de peças que cada um possuía.

De posse de particulares estão:

1. Santa Luzia (RS92.0001.0503) [11];
2. Cristo Crucificado (RS92.0001.0501);
3. Nossa Senhora da Conceição (RS89.0001.0028);
4. Santo Antônio de Pádua (RS92.0001.0502);
5. Nossa Senhora da Conceição (RS89.0001.0039);
6. Santo Antônio de Pádua (RS89.0001.0029);
7. Nossa Senhora do Rosário (RS89.0001.0030);
8. Nossa Senhora do Loreto (RS91.0001.0060);
9. São Lourenço (RS89.0001.0061);
10. Santo Antônio de Pádua (RS89.0001.0062);
11. São Francisco de Assis (RS89.0001.0063);
12. Santo Antônio de Pádua (RS89.0001.0040);
13. Santo Isidro (RS91.0001.0059);
14. São Roque (RS92.0001.0504);
15. Tocheiro (luminária) (RS91.0001.0377);
16. São João Batista (RS91.0001.0378);
17. Cristo (RS91.0001.0379);
18. Santa Barbara ou Santa Rita (RS91.0001.0380);
19. Nossa Senhora da Conceição (RS91.0001.0381);
20. Querubins (placa de ferro com três) (RS91.0001.0382);
21. Querubim (madeira) (RS91.0001.0383);
22. São Francisco (RS91.0001.0384);
23. Santo Isidro (RS91.0001.0129);
24. São Francisco Xavier (RS91.0001.0130);
25. Santa Barbara (RS91.0001.0131);
26. Figura Infantil (RS89.0001.0041);
27. São Roque (RS89.0001.0132);
28. São Pedro (RS89.0001.0042);
29. Nossa Senhora da Conceição (RS89.0001.0043);
30. São Roque (RS89.0001.0044);
31. Nossa Senhora da Conceição (RS89.0001.0045;
32. São João (RS89.0001.0046);

[11] Nomenclatura utilizada pelo IPHAN, para o registro das peças jesuíticas.

33. Menino Jesus (RS89.0001.0047);
34. Figura infantil (RS89.0001.0048);
35. Figura Infantil (RS89.0001.0034);
36. São Pedro (RS91.0001.0052) (Foi queimada em um culto).
37. Santo Izidro (RS91.0001.0049);
38. Anjo (fragmento) (RS91.0001.0050);
39. Cabeça de Nossa Senhora do Socorro (RS91.0001.0051);
40. Pintura de Nossa Senhora do Socorro (RS91.0001.0054);
41. Cristo Crucificado (RS91.0001.0055);
42. Cristo na coluna (RS91.0001.0056);
43. São Miguel Arcanjo (fragmento queimado) (RS91.0001.0057).
44. Senhor Morto (RS91.0001.0053) (Foi queimada em um culto, restou parte do tronco),
45. Anjo do Altar-mor lado direito (RS92.0001.037);
46. Anjo do Altar-mor lado esquerdo (RS92.0001.0038);
47. Retábulo Missioneiro (Altar-mor) (RS92.0001.0036).
48. São Francisco de Borja (obra atribuída ao Jesuíta Brasanelli) (RS92.0001.0031);
49. Pia Batismal (RS92.0001.32);
50. Pedra fragmento da Pia Batismal (RS92.0001.033);

São públicas, de posse do Museu Municipal Apparício Silva Rillo:

1. São José (RS92.0001.0001); São Pedro (RS89.0001.0035);
2. São Miguel Arcanjo (RS92.0001.0002);
3. Santo Antônio de Pádua (RS92.0001.0003);
4. Nossa Senhora das Dores (RS92.0001.0004);
5. Santo Antônio de Pádua (RS92.0001.0005);
6. São Miguel Arcanjo (RS92.0001.0006);
7. Cristo (RS92.0001.0009);

8. São José (RS92.0001.0007);
9. Senhor dos Passos (RS92.0001.0008);
10. Santo Inácio de Loyola (RS92.0001.0010);
11. Cristo Crucificado (RS92.0001.0016);
12. Cristo Crucificado (RS92.0001.0015);
13. Cristo Crucificado (RS92.0001.0014);
14. Figura Pontifícia (RS92.0001.0013);
15. São João (menino) (RS92.0001.0012);
16. Arcanjo Rafael (RS92.0001.0011);
17. Querubim em madeira (RS92.0001.0020);
18. Sino da Matriz (RS92.0001.0026);
19. Sino da Redução (1724) (RS92.0001.0027);
20. Castiçal Missioneiro (RS92.0001.0500);
21. Gomil (fragmento) (RS92.0001.0498);
22. Coroa de Prata (RS92.0001.0499);
23. Nossa Senhora do Rosário (RS92.0001.0453)
24. Tocheiro (RS92.0001.0022);
25. Pedra Tumular (pedra grés esculpida) (RS92.0001.0023);
26. Quadrante Solar (relógio solar) (RS92.0001.0025);
27. Pedra Tumular (RS92.0001.0024);
28. Divino Espírito Santo (RS92.0001.0018);
29. Cristo Crucificado (RS92.0001.0017);
30. Cabeça do Profeta Elias (RS92.0001.0019);
31. Querubim (em madeira) (RS92.0001.0021);

Apresentadas as fichas do inventário, selecionamos as pertencentes a particulares, analisamos e identificamos as passiveis de ampliação da pesquisa para buscá-las junto aos familiares e atuais proprietários, agendamos visitas, para a execução da pesquisa de campo e coleta de dados e registro. Posteriormente, o resultado da pesquisa de campo irá compor a exposição itinerante, o produto cultural resultante deste trabalho.

5 RESULTADOS

Após a escolha das imaginárias, partimos para a realização da pesquisa de campo, coleta de dados e definição da composição da exposição, a fim de cumprir o disposto no objetivo da pesquisa.

Após separarmos as fichas de inventário procuramos identificar as imaginárias, das 50 peças inventariadas, inicialmente, como de posse de particulares. Sabemos que 08 delas passaram para o domínio público, através da doação efetuada ao Museu Municipal Apparício Silva Rillo pelos familiares do Sr. Leôncio Ayala Chagas. Deste mesmo acervo restou sumida uma imaginária que, possivelmente, foi queimada conforme já relatamos e computamos como de posse de particulares. O quadro a seguir, atualiza os dados.

QUADRO 3 – Quadro atual da Imaginária jesuítica Inventariada da Redução de São Francisco de Borja

Imaginária Jesuítica Inventariada da Redução de São Francisco de Borja, pela sua localização em 2018		
Local	**Unidade**	**Porcentagem**
Posse de Particulares	42	51,85%
Posse Pública	39	48,15%
TOTAL	81	100%

Fonte: Elaboração do autor, baseado no Inventário da Imaginária missioneira do Brasil

Atualmente, os percentuais de posse de particulares e públicas estão mais próximos. No Quadro 3 não computamos no somatório uma estatuária não inventariada que, em 2010, foi repatriada pela Igreja Matriz São Francisco de Borja.

Para cumprir nosso propósito, das 42 imaginárias em posse de particulares, nossa meta inicial era conseguir localizar e aprofundar o estudo em, no mínimo, 20% delas ou seja 07, conseguimos ir além pesquisamos 11 imaginárias. Para tanto, separamos as fichas, de acordo com seus proprietários, e fomos a campo, em busca da localização de endereço dos proprietários, para após confirmação do endereço, contatar com o proprietário, agendar visita para fotografar a imaginária e preencher uma ficha, que elaboramos com algumas informações que atualizam o inventário da Imaginária Missioneira

5.1 Imaginárias Inventariadas

As fotografias apresentadas nesta subseção, quando se referirem ao estado atual das estatuárias são de autoria do autor desta dissertação, José Fernando Rodrigues Correa, assim como o tratamento de imagem feito para recortar o entorno e manter o foco na imaginária.

5.1.1 Imaginária "São Francisco de Borja" - RS/89.0001.0031

A primeira imaginária que pesquisamos foi a de São Francisco de Borja. Obra que tem sua autoria atribuída ao jesuíta José Brasanelli. Praticamente todos os autores[12] que pesquisam o tema da estatuária jesuítico-missioneira abordaram algo sobre esta imaginária. Armindo Trevisan (1978, p. 68) assim destaca:

> Típica imagem barroca na qual os gestos apresentam-se arrebatados, pretendendo induzir estado semelhante no espectador. Umas das raras estátuas de atribuição indiscutível. Não revela, no estado atual, toda sua força. Sucessivas pinturas acabaram desfigurando-a. Mãos belamente trabalhadas.

Apresentamos a atualização de dados da imaginária de São Francisco de Borja dividida em quatro partes, distribuídas em: identificação (Quadro 4), localização (Quadro 5), características (Quadro 6) e dimensões (Quadro 7).

[12] Armindo Trevisan (1978), Bozidar Darko Sustersic (2012), Antônio Sepp (1972).

QUADRO 4 – Atualização de dados de identificação da estatuária de São Francisco de Borja

SÃO FRANCISCO DE BORJA			
IDENTIFICAÇÃO			
NOME DO BEM	**NOMES POPULARES DO BEM**	**BEM PERTENCE A**	**NÚMERO INVENTÁRIO**
São Francisco de Borja	São Francisco de Borja	Arquidiocese de São Borja	Original RS/89.0001.0031 Atualizado RS/92.0001.0031
ESPÉCIE	**NATUREZA**	**ÉPOCA**	**AUTORIA**
Imaginária	Escultura	Séculos XVII / XVIII	Atribuída a José Brasanelli
ORIGEM	**ESTADO DE CONSERVAÇÃO**	**MATERIAL**	**TÉCNICA**
Missioneira	Regular	Madeira	Escultura policromia

Fonte: Elaboração do autor

QUADRO 5 – Atualização de dados de localização da estatuária de São Francisco de Borja

LOCALIZAÇÃO			
UF	**MUNICÍPIO**	**LOCALIDADE**	**BAIRRO**
RS	São Borja		Centro
TIPO LOGRADOURO	**LOGRADOURO**	**NÚMERO**	**COMPLEMENTO**
Rua	Aparício Mariense	1111	Igreja Matriz
CEP	**LOCAL NO PRÉDIO**	**LATITUDE**	**LONGITUDE**
97670-000	Altar da Matriz	28.661325	56.005806

Fonte: Elaboração do autor

QUADRO 6 – Atualização de dados de característica da estatuária de São Francisco de Borja

CARACTERÍSTICAS DO BEM	
SÍNTESE DO BEM	**OBSERVAÇÕES**
Figura masculina, corpo inteiro, posição frontal em genuflexão. Cabeça voltada para a esquerda e para cima. Cabelos curtos ondulados e com calvície. Orelhas à mostra, sobrancelhas grossas. Olhos abertos, nariz aquilino, boca entreaberta, com dentes na arcada superior. Queixo em bola. Pescoço longo. Braços flexionados, sendo o direito aberto com mão de abençoar e o esquerdo junto ao corpo com manípulo. Túnica alva longa com gola alta redonda, bipartidas e franzida. Mangas longas ajustadas, com punho à mostra base quadrangular aposta. (Descrição do Inventário da Imaginária Missioneira)	A estatuária foi repintada nos anos 2000 e novamente em 2018 pela artista plástica Maria Thereza Salazar da cidade de São Borja. Seu estado de conservação é regular.
	
FOTOGRAFIA DO INVENTÁRIO	

Fonte: Elaboração do autor

QUADRO 7 – Atualização de dados das dimensões da estatuária de São Francisco de Borja

DIMENSÕES		
ALTURA	**LARGURA**	**PROFUNDIDADE**
147 cm	124 cm	72 cm

Fonte: Elaboração do autor

5.1.2 Imaginária “Pia Batismal” - RS/89.0001.0032

A segunda imaginária trata-se da pia batismal da redução de São Francisco de Borja. Apresentamos a atualização de dados dividida em quatro partes, distribuídas em: identificação (Quadro 8), localização (Quadro 9), características (Quadro 10) e dimensões (Quadro 11).

QUADRO 8 – Atualização de dados de identificação da imaginária Pia Batismal.

PIA BATISMAL			
IDENTIFICAÇÃO			
NOME DO BEM	**NOMES POPULARES DO BEM**	**BEM PERTENCE A**	**NÚMERO INVENTÁRIO**
Pia batismal	Pia batismal	Arquidiocese de São Borja	Original RS/89.0001.0032
ESPÉCIE	**NATUREZA**	**ÉPOCA**	**AUTORIA**
Móvel religioso	Escultura	Séculos XVII / XVIII	Desconhecida
ORIGEM	**ESTADO DE CONSERVAÇÃO**	**MATERIAL**	**TÉCNICA**
Missioneira	Regular	Pedra	Escultura / pedra

Fonte: Elaboração do autor

QUADRO 9 – Atualização de dados de localização da imaginária Pia Batismal

LOCALIZAÇÃO			
UF	**MUNICÍPIO**	**LOCALIDADE**	**BAIRRO**
RS	São Borja		Centro
TIPO LOGRADOURO	**LOGRADOURO**	**NÚMERO**	**COMPLEMENTO**
Rua	Aparício Mariense	1111	Igreja Matriz
CEP	**LOCAL NO PRÉDIO**	**LATITUDE**	**LONGITUDE**
97670-000	Altar da Matriz	28.661325	56.005806

Fonte: Elaboração do autor

QUADRO 10 – Atualização de dados de característica da estatuária de São Francisco de Borja

CARACTERÍSTICAS DO BEM	
SÍNTESE DO BEM	**OBSERVAÇÕES**
Pia em formato circular com borda em meia-cava, com reentrâncias regulares. Face externa com decoração fitomorfa (ramos de folhagem simétricos) unindo a bacia ao pé há um friso em meia-cava e no pé (cilíndrico), segue a decoração fitomorfa da bacia.	A imaginária foi pintada com verniz, possui partes descascadas. Recentemente a Igreja passou por reforma onde sua base foi desenterrada e apresenta decoração fitomorfa (ramos de folhagem). Toda peça foi esculpida em dois blocos de pedra grés.
	
FOTOGRAFIA DO INVENTÁRIO	

Fonte: Elaboração do autor

QUADRO 11 – Atualização de dados das dimensões da imaginária Pia Batismal

DIMENSÕES		
ALTURA	**DIÂMETRO**	**LARGURA**
80 cm	130 cm	130 cm

Fonte: Elaboração do autor

5.1.3 Imaginária “Retábulo Missioneiro” – RS/89.0001.0036

A terceira imaginária que pesquisamos trata-se do único Retábulo Jesuítico-Missioneiro, ainda em uso dos Sete Povos das Missões, localizada na Igreja Imaculada Conceição do Bairro do Passo, desde o final da década de 1960. Este retábulo é sempre confundido com o fotografado pelo arquiteto Lucio Costa em 1941, mas são bem diferentes.

FIGURA 11 – Detalhe do retábulo Missioneiro



Fonte: Fotografia do Acervo do Pesquisador

Um dos detalhes que diferencia é o mostrado na Figura 11, e que o relaciona a uma homenagem a São Francisco Xavier, pela simbologia esculpida, e conforme Rodrigues relata (2014, p.35):

> O pesquisador Darko Sustersic, atribui o retábulo jesuítico de São Borja, a uma homenagem a São Francisco Xavier, pois ele foi um dos fundadores da Companhia de Jesus, e sua simbologia na arte tem sua imagem associada a um caranguejo e um crucifixo [...].

Apresentamos a seguir a atualização de dados do Retábulo Missioneiro, seguindo o padrão estabelecido, dividido em quatro partes: identificação (Quadro 12), localização (Quadro 13), características (Quadro 14) e dimensões (Quadro 15).

QUADRO 12 – Atualização de dados de identificação do Retábulo Missioneiro

RETÁBULO			
IDENTIFICAÇÃO			
NOME DO BEM	**NOMES POPULARES DO BEM**	**BEM PERTENCE A**	**NÚMERO INVENTÁRIO**
Retábulo	Retábulo Missioneiro	Arquidiocese de São Borja	Original RS/89.0001.0036 Atualizado RS/92.0001.0036
ESPÉCIE	**NATUREZA**	**ÉPOCA**	**AUTORIA**
Imaginária	Mobiliário/Móvel Religioso	Séculos XVII / XVIII	Desconhecida
ORIGEM	**ESTADO DE CONSERVAÇÃO**	**MATERIAL**	**TÉCNICA**
Missioneira	Mau	Madeira	Escultura policromia

Fonte: Elaboração do autor

QUADRO 13 – Atualização de dados de localização do Retábulo Missioneiro

LOCALIZAÇÃO			
UF	**MUNICÍPIO**	**LOCALIDADE**	**BAIRRO**
RS	São Borja		Passo
TIPO LOGRADOURO	**LOGRADOURO**	**NÚMERO**	**COMPLEMENTO**
Rua	Monsenhor Patrício Petit Jean	2515	Igreja Imaculada Conceição
CEP	**LOCAL NO PRÉDIO**	**LATITUDE**	**LONGITUDE**
97670-000	Altar-mor	28.628039	56.028592

Fonte: Elaboração do autor

QUADRO 14 – Atualização de dados de característica do Retábulo Missioneiro

CARACTERÍSTICAS DO BEM	
SÍNTESE DO BEM	**OBSERVAÇÕES**
Retábulo frontal (mesa), decoração em alto relevo com colunas salomônicas, tendo no terço inferior um retângulo com decoração fitomorfa. Escadaria de quatro degraus, o segundo e o terceiro sustentam o sacrário em formato retangular. Na decoração da porta aparece um cálice, e a hóstia e a cruz. Os degraus são decorados com motivos fitomorfos (folhas), com partes apostas. Nas partes laterais, há dois anjos concêntricos segurando um escudo com cruz. O trono é uma base com parte frontal com sete retângulos: quatro com motivos fitomorfos (folhas) E dois com motivos antropomorfos e zoomorfos (Cristo crucificado e caranguejo). O retângulo central foi perdido. A moldura do camarim é aposta, ornada com curvas e contracurvas arrematadas por um cilindro com estrias. Não há fundo, há uma imagem de nossa Senhora da Conceição superdimensionada para o espaço. Há seis colunas salomônicas, concêntricas que sustentam o coroamento. Os arremates das colunas são em folhas de acanto. A parte inferior das colunas é mais grossa. As colunas menores que ladeiam a maior são sustentadas por uma base quadrangular. As de fora são lisas e as do lado interior (do camarim) são ornadas com motivos fitomorfos (folhas e flores) e uma barra com losango e círculos. Ao centro do coroamento há um escudo ovalado rodeado de decoração fitomorfa (folhas de acanto), volutas, semicírculos em sequência e bolas formando o entablamento. (Descrição do Inventário da Imaginária Missioneira)	O Retábulo foi repintado grosseiramente em 1990. Seu estado de conservação é precário, apresenta tábuas empenadas, muita sujeira, cheio de teias de aranha por dentro, e fios elétricos de pano cruzam seu interior. Ele corre sérios riscos.

	
FOTOGRAFIA DO INVENTÁRIO	

Fonte: Elaboração do autor

QUADRO 15 – Atualização de dados das dimensões do Retábulo Missioneiro

DIMENSÕES		
ALTURA	**LARGURA**	**PROFUNDIDADE**
450 cm	343 cm	227 cm

Fonte: Elaboração do autor

5.1.4 Imaginária “Figura infantil” – RS/89.0001.0034

A quarta imaginária que pesquisamos trata-se de uma “Figura infantil”, hoje pertencente a um Centro de Umbanda, e denominada pelos seus frequentadores de menino Jesus. A estatuária encontra-se em um altar preparado só para ela, separado dos demais que compõem um grande altar. A peça também fica vestida por um manto azul. Muito bem cuidada e aparentemente todos na casa sabem da sua importância enquanto patrimônio cultural, pois o seu registro foi mostrado por duas pessoas diferentes no local. Também foi explicado como é feito a limpeza e só uma pessoa pode retirar do seu altar na casa espiritualista.

Apresentamos a seguir a atualização de dados da Figura infantil.

QUADRO 16 – Atualização de dados de identificação da Figura infantil

FIGURA INFANTIL			
IDENTIFICAÇÃO			
NOME DO BEM	**NOMES POPULARES DO BEM**	**BEM PERTENCE A**	**NÚMERO INVENTÁRIO**
Figura infantil	Menino Jesus	Centro Espírita Pai Oxalá	Original RS/89.0001.0034
ESPÉCIE	**NATUREZA**	**ÉPOCA**	**AUTORIA**
Imaginária	Escultura	Séculos XVII / XVIII	Desconhecida
ORIGEM	**ESTADO DE CONSERVAÇÃO**	**MATERIAL**	**TÉCNICA**
Missioneira	Mau	Madeira	Escultura policromia

Fonte: Elaboração do autor

QUADRO 17 – Atualização de dados de localização da figura infantil

LOCALIZAÇÃO			
UF	**MUNICÍPIO**	**LOCALIDADE**	**BAIRRO**
RS	São Borja		Tiro
TIPO LOGRADOURO	**LOGRADOURO**	**NÚMERO**	**COMPLEMENTO**
Rua	Fausto Lourenço Aquino	663	Centro de Umbanda
CEP	**LOCAL NO PRÉDIO**	**LATITUDE**	**LONGITUDE**
97670-000	Altar	28.652849	55.996069

Fonte: Elaboração do autor

QUADRO 18 – Atualização de dados de característica da figura infantil

<table>
<tr><th colspan="2">CARACTERÍSTICAS DO BEM</th></tr>
<tr><th>SÍNTESE DO BEM</th><th>OBSERVAÇÕES</th></tr>
<tr><td>Figura infantil masculina, corpo inteiro, posição de movimento, cabeça grande, inclinada para a direita com tampão na nuca. Cabelos curtos, em mechas, encaracolados nas pontas. Sobrancelhas arqueadas, olhos abertos, nariz arrebitado, boca pequena e fechada. Rosto arredondado com pescoço curto. Braços flexionados, o direito para dentro e erguido até altura da cintura, com a mão segurando um objeto esférico. O esquerdo com movimento lateral para cima. Barriga proeminente. Pernas grossas com afastamento, flexionadas, a direita, para trás apoiada nos dedos dos pés, e a esquerda para frente, apoiada na ponta do pé. Tanga deixando as nádegas de fora. Pés descalços. (Descrição do Inventário da Imaginária Missioneira)</td><td>Apresenta diversas rachaduras, cotovelo e pé fixado com durepox, nos dedos faltam as pontas e foi repintado grosseiramente.
No altar junto a estatuária são acesas velas, o que é um risco.</td></tr>
<tr><td>
</td><td></td></tr>
<tr><td colspan="2">FOTOGRAFIA DO INVENTÁRIO</td></tr>
</table>

Fonte: Elaboração do autor

QUADRO 19 – Atualização de dados das dimensões da Figura infantil

DIMENSÕES		
ALTURA	**LARGURA**	**PROFUNDIDADE**
75 cm	26 cm	19 cm

Fonte: Elaboração do autor

5.1.5 Imaginária “Nossa Senhora da Conceição” – RS/89.0001.0028

A quinta imaginária que pesquisamos pertence ao mesmo proprietário da imaginária (RS/89.0001.0034), o Centro Espirita Pai Oxalá. Trata-se de uma “Nossa Senhora da Conceição”, chamada pelos seus frequentadores de Oxum. A estatuária encontra-se em um pequeno altar feito só para ela, separados dos demais que compõem um grande altar.

Apresentamos a seguir a atualização de dados da imaginária RS/89.0001.0034.

QUADRO 20 – Atualização de dados de identificação da imaginária de Nossa Senhora da Conceição

NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO			
IDENTIFICAÇÃO			
NOME DO BEM	**NOMES POPULARES DO BEM**	**BEM PERTENCE A**	**NÚMERO INVENTÁRIO**
Nossa Senhora da Conceição	Oxum	Centro Espírita Pai Oxalá	Original RS/89.0001.0028
ESPÉCIE	**NATUREZA**	**ÉPOCA**	**AUTORIA**
Imaginária	Escultura	Séculos XVII / XVIII	Desconhecida
ORIGEM	**ESTADO DE CONSERVAÇÃO**	**MATERIAL**	**TÉCNICA**
Missioneira	Mau	Madeira	Escultura policromia

Fonte: Elaboração do autor

QUADRO 21 – Atualização de dados de localização da imaginária de Nossa Senhora da Conceição

LOCALIZAÇÃO			
UF	**MUNICÍPIO**	**LOCALIDADE**	**BAIRRO**
RS	São Borja		Tiro
TIPO LOGRADOURO	**LOGRADOURO**	**NÚMERO**	**COMPLEMENTO**
Rua	Fausto Lourenço Aquino	663	Centro de Umbanda
CEP	**LOCAL NO PRÉDIO**	**LATITUDE**	**LONGITUDE**
97670-000	Altar	28.652849	55.996069

Fonte: Elaboração do autor

QUADRO 22 – Atualização de dados de característica da imaginária de Nossa Senhora da Conceição

CARACTERÍSTICAS DO BEM	
SÍNTESE DO BEM	**OBSERVAÇÕES**
Figura Feminina, de pé, posição frontal, em genuflexão, cabeça oval, levemente inclinada para frente, boca fechada, feições desgastadas. Cabelos repartidos ao meio, cobertos por um véu. Pescoço grosso. Braços flexionados para frente, sem mãos. Pernas em médio afastamento. Véu até abaixo dos ombros. Túnica longa. Manto envolvendo o corpo, caindo dos ombros. Pés descalços com sapatos. Base com formato irregular de nuvens. (Descrição do Inventário da Imaginária Missioneira)	Apresenta perda da policromia, e faltam as mãos.





FOTOGRAFIA DO INVENTÁRIO

Fonte: Elaboração do autor

QUADRO 23 – Atualização de dados das dimensões da imaginária de Nossa Senhora da Conceição

DIMENSÕES		
ALTURA	**LARGURA**	**PROFUNDIDADE**
17,5 cm	8 cm	7 cm

Fonte: Elaboração do autor

5.1.6 Imaginária “Santo Antônio de Pádua” – RS/89.0001.0062

A sexta imaginária que pesquisamos pertence a Percy Andrade Necchy, mesmo proprietário da imaginária (RS/89.0001.0063). Trata-se de um “Santo Antônio de Pádua”. A estatuária encontra-se em um pequeno altar no interior da residência.

Apresentamos a seguir a atualização de dados da imaginária RS/89.0001.0062.

QUADRO 24 – Atualização de dados de identificação da imaginária de Santo Antônio de Pádua

SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA			
IDENTIFICAÇÃO			
NOME DO BEM	**NOMES POPULARES DO BEM**	**BEM PERTENCE A**	**NÚMERO INVENTÁRIO**
Santo Antônio de Pádua	Santo Antônio	Percy Andrade Necchy	Original RS/89.0001.0062
ESPÉCIE	**NATUREZA**	**ÉPOCA**	**AUTORIA**
Imaginária	Escultura	Séculos XVII / XVIII	Desconhecida
ORIGEM	**ESTADO DE CONSERVAÇÃO**	**MATERIAL**	**TÉCNICA**
Missioneira	Péssimo	Madeira	Escultura policromia

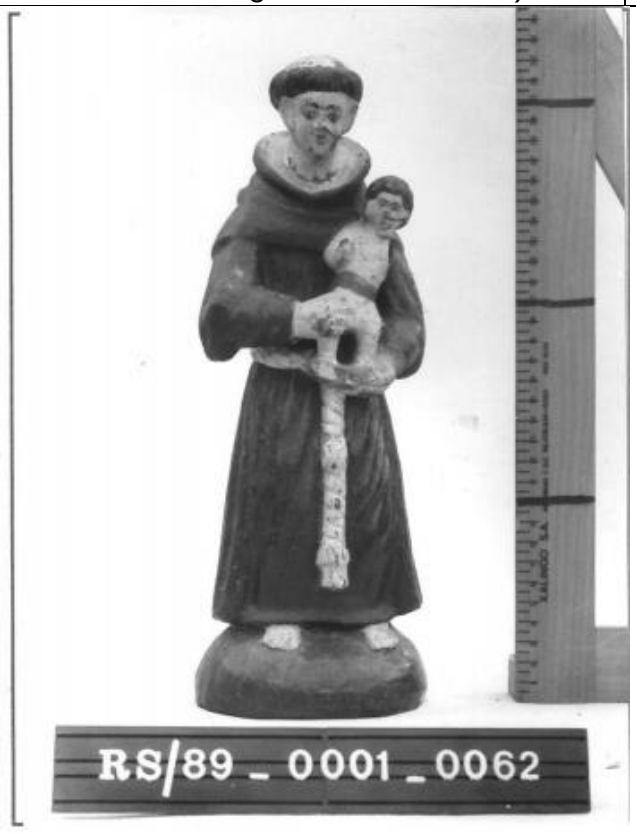
Fonte: Elaboração do autor

QUADRO 25 – Atualização de dados de localização da imaginária de Santo Antônia de Pádua

LOCALIZAÇÃO			
UF	**MUNICÍPIO**	**LOCALIDADE**	**BAIRRO**
RS	São Borja		Passo
TIPO LOGRADOURO	**LOGRADOURO**	**NÚMERO**	**COMPLEMENTO**
Rua	Nibsenhor Patrício Petit Jean	2305	Casa
CEP	**LOCAL NO PRÉDIO**	**LATITUDE**	**LONGITUDE**
97670-000	Altar	26.627213	56.026364

Fonte: Elaboração do autor

QUADRO 26 – Atualização de dados de característica da imaginária de Santo Antônia de Pádua

CARACTERÍSTICAS DO BEM	
SÍNTESE DO BEM	**OBSERVAÇÕES**
Figura masculina, de corpo inteiro, de pé, posição frontal, cabeça pequena, orelhas grandes, cabelos curtos com tonsura, olhos e sobrancelhas delineados, nariz pequeno, boca pequena e aberta. Pescoço largo, braços flexionados para frente, o esquerdo sustentando o menino Jesus, de pé sobre o livro, o direito com a mão segurando o menino na altura dos joelhos. Pernas em médio afastamento, pés descalço, cogula, cordão nodal com um só nó, figura infantil de cabeça pequena e feições delicadas, túnica até os joelhos com faixa delineada na direita, base arredondada. (Descrição do Inventário da Imaginária Missioneira)	Apresenta perda da policromia, sujidades, abrasões e rachaduras. Partes quebradas (ombro esquerdo), falta a mão direita e o braço esquerdo do menino Jesus.
	
FOTOGRAFIA DO INVENTÁRIO	

Fonte: Elaboração do autor

QUADRO 27 – Atualização de dados das dimensões da imaginária de Santo Antônio de Pádua

DIMENSÕES		
ALTURA	**LARGURA**	**PROFUNDIDADE**
31 cm	12 cm	10 cm

Fonte: Elaboração do autor

5.1.7 Imaginária “Figura infantil” – RS/89.0001.0048

A sétima imaginária pesquisada atualmente pertence a filha de Miguel Antônio Bicca, mesmo proprietário da imaginária (RS/89.0001.0046). Denominado pela família como um “anjo”, trata-se de uma figura infantil. A estatuária encontra-se em um quadro emoldurado na sala da residência de Fabiana Bicca, na cidade de Campo Grande - MS.

Apresentamos a seguir a atualização de dados da imaginária RS/89.0001.0048.

QUADRO 28 – Atualização de dados de identificação da imaginária de uma figura infantil

FIGURA INFANTIL			
IDENTIFICAÇÃO			
NOME DO BEM	**NOMES POPULARES DO BEM**	**BEM PERTENCE A**	**NÚMERO INVENTÁRIO**
Figura Infantil	Anjo	Fabiana Bicca	Original RS/89.0001.0048
ESPÉCIE	**NATUREZA**	**ÉPOCA**	**AUTORIA**
Imaginária	Escultura	Séculos XVII / XVIII	Desconhecida
ORIGEM	**ESTADO DE CONSERVAÇÃO**	**MATERIAL**	**TÉCNICA**
Missioneira	Péssimo	Madeira	Escultura policromia

Fonte: Elaboração do autor

QUADRO 29 – Atualização de dados de localização da imaginária de uma figura infantil

LOCALIZAÇÃO			
UF	**MUNICÍPIO**	**LOCALIDADE**	**BAIRRO**
MS	Campo Grande		Portal do Panamá
TIPO LOGRADOURO	**LOGRADOURO**	**NÚMERO**	**COMPLEMENTO**
Rua	Arancuan	103	Casa
CEP	**LOCAL NO PRÉDIO**	**LATITUDE**	**LONGITUDE**
97670-000	Parede	20.443009	54.669642

Fonte: Elaboração do autor

QUADRO 30 – Atualização de dados de característica da uma figura infantil

CARACTERÍSTICAS DO BEM	
SÍNTESE DO BEM	**OBSERVAÇÕES**
Figura infantil, posição frontal, de pé, mutilada, cabeça grande, cabelos bipartidos, em estrias, encaracolados nas pontas, rosto grande, feições delicadas. Braço direito cortado no antebraço e esquerdo no braço, pernas em afastamento médio, também cortadas na altura das coxas. Tanga amarrada com um nó no lado esquerdo (Descrição do Inventário da Imaginária Missioneira)	Apresenta sujidade, abrasões e partes faltantes, resquícios de pintura, alguns furos na cabeça, peça fixada pelo pescoço em uma madeira que forma um quadro com moldura.
	
FOTOGRAFIA DO INVENTÁRIO	**FOTOGRAFIA FABIANA BICCA**

Fonte: Elaboração do autor

QUADRO 31 – Atualização de dados das dimensões da imaginária de uma figura infantil

DIMENSÕES		
ALTURA	**LARGURA**	**PROFUNDIDADE**
13 cm	8 cm	4,5 cm

Fonte: Elaboração do autor

5.1.8 Imaginária "Anjo" – RS/89.0001.0037

A oitava imaginária que pesquisamos trata-se de um anjo que compõe as laterais do Retábulo Jesuítico-Missioneiro, que ainda é utilizado pela Igreja Imaculada Conceição do Bairro do Passo.

Apresentamos a seguir a atualização de dados da imaginária "Anjo".

QUADRO 32 – Atualização de dados de identificação do anjo do Retábulo Missioneiro

ANJO			
IDENTIFICAÇÃO			
NOME DO BEM	**NOMES POPULARES DO BEM**	**BEM PERTENCE A**	**NÚMERO INVENTÁRIO**
Anjo	Anjo do altar	Arquidiocese de São Borja	Original RS/89.0001.0037
ESPÉCIE	**NATUREZA**	**ÉPOCA**	**AUTORIA**
Imaginária	Escultura	Séculos XVII / XVIII	Desconhecida
ORIGEM	**ESTADO DE CONSERVAÇÃO**	**MATERIAL**	**TÉCNICA**
Missioneira	Regular	Madeira	Escultura policromia

Fonte: Elaboração do autor

QUADRO 33 – Atualização de dados de localização do anjo do Retábulo Missioneiro

LOCALIZAÇÃO			
UF	**MUNICÍPIO**	**LOCALIDADE**	**BAIRRO**
RS	São Borja		Passo
TIPO LOGRADOURO	**LOGRADOURO**	**NÚMERO**	**COMPLEMENTO**
Rua	Monsenhor Patrício Petit Jean	2515	Igreja Imaculada Conceição
CEP	**LOCAL NO PRÉDIO**	**LATITUDE**	**LONGITUDE**
97670-000	Altar-mor	28.628039	56.028592

Fonte: Elaboração do autor

QUADRO 34 – Atualização de dados de característica do anjo do Retábulo Missioneiro

CARACTERÍSTICAS DO BEM	
SÍNTESE DO BEM	**OBSERVAÇÕES**
Figura infantil, posição sentada, cabeça e tronco na posição frontal. Cabelos curtos encaracolados, sobrancelhas finas, olhar para a frente, nariz equilino, boca pequena, queixo marcado, braços flexionados acima do peito, do lado direito segurando um escudo apoiado na ponta do joelho. O escudo é de formato oval, com friso contornando-o, uma cruz central e uma espécie de alça na parte superior. Pernas flexionadas voltadas para o lado esquerdo, com a perna esquerda abaixo da base e o pé direito acima. Base escalonada assemelhando-se a um entablamento.	Apresenta raspagem da policromia original, repintura. Peça esculpida em um único bloco de madeira, carnação escura, cabelo ocre, manto e roupa azul, escudo azul e dourado. Peça com características primitivas, apresentando desproporção no corpo e feições europeizadas. Também há informações de que pertenceu a um carro fúnebre da cidade.

	
FOTOGRAFIA DO INVENTÁRIO	

Fonte: Elaboração do autor

QUADRO 35 – Atualização de dados das dimensões do Anjo do Retábulo Missioneiro

DIMENSÕES		
ALTURA	**LARGURA**	**PROFUNDIDADE**
55 cm	40 cm	40 cm

Fonte: Elaboração do autor

5.1.9 Imaginária “Anjo” – RS/89.0001.0038

A nona imaginária trata-se de um anjo que compõe as laterais do Retábulo Jesuítico-Missioneiro, que ainda é utilizado pela Igreja Imaculada Conceição do Bairro do Passo.

Apresentamos a seguir a atualização de dados da imaginária “Anjo”.

QUADRO 36 – Atualização de dados de identificação do anjo do Retábulo Missioneiro

ANJO			
IDENTIFICAÇÃO			
NOME DO BEM	**NOMES POPULARES DO BEM**	**BEM PERTENCE A**	**NÚMERO INVENTÁRIO**
Anjo	Anjo do altar	Arquidiocese de São Borja	Original RS/89.0001.0038
ESPÉCIE	**NATUREZA**	**ÉPOCA**	**AUTORIA**
Imaginária	Escultura	Séculos XVII / XVIII	Desconhecida
ORIGEM	**ESTADO DE CONSERVAÇÃO**	**MATERIAL**	**TÉCNICA**
Missioneira	Regular	Madeira	Escultura policromia

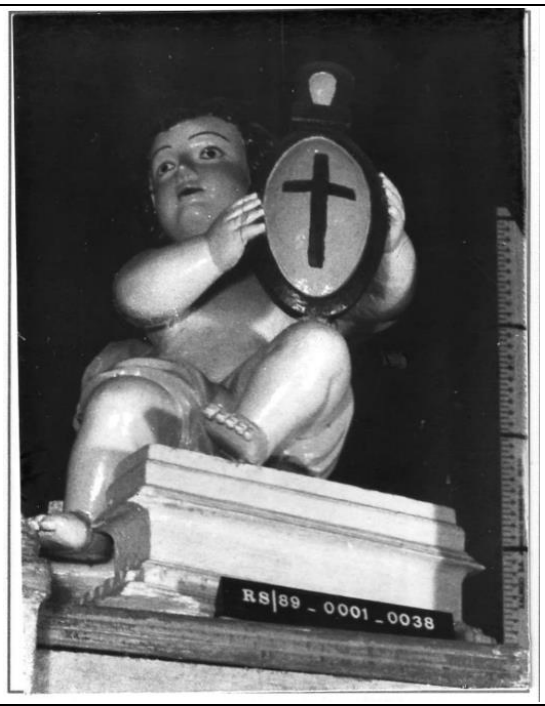
Fonte: Elaboração do autor

QUADRO 37 – Atualização de dados de localização do anjo do Retábulo Missioneiro

LOCALIZAÇÃO			
UF	**MUNICÍPIO**	**LOCALIDADE**	**BAIRRO**
RS	São Borja		Passo
TIPO LOGRADOURO	**LOGRADOURO**	**NÚMERO**	**COMPLEMENTO**
Rua	Monsenhor Patrício Petit Jean	2515	Igreja Imaculada Conceição
CEP	**LOCAL NO PRÉDIO**	**LATITUDE**	**LONGITUDE**
97670-000	Altar-mor	28.628039	56.028592

Fonte: Elaboração do autor

QUADRO 38 – Atualização de dados de característica do anjo do Retábulo Missioneiro

CARACTERÍSTICAS DO BEM	
SÍNTESE DO BEM	**OBSERVAÇÕES**
Figura infantil, posição sentada, cabeça e tronco na posição frontal. Cabelos curtos encaracolados, sobrancelhas finas, olhar para a frente, nariz equilino, boca pequena, queixo marcado, braços flexionados acima do peito, do lado esquerdo segurando um escudo apoiado na ponta do joelho. O escudo é de formato oval, com friso contornando-o, uma cruz central e uma espécie de alça na parte superior. Pernas flexionadas voltadas para o lado direito, com a perna direita abaixo da base e o pé esquerdo acima. Base escalonada assemelhando-se a um entablamento.	Apresenta raspagem da policromia original, repintura, peça esculpida em um único bloco de madeira, carnação escura, cabelo ocre, manto e roupa azul, escudo azul e dourado. Peça com características primitivas, apresentando desproporção no corpo e feições europeizadas. Também há informações de que pertenceu a um carro fúnebre da cidade.
	
FOTOGRAFIA DO INVENTÁRIO	

Fonte: Elaboração do autor

QUADRO 39 – Atualização de dados das dimensões do Anjo do Retábulo Missioneiro

DIMENSÕES		
ALTURA	**LARGURA**	**PROFUNDIDADE**
55 cm	40 cm	40 cm

Fonte: Elaboração do autor

5.1.10 Imaginária "São João" – RS/89.0001.0046

A décima imaginária pesquisada atualmente pertence a filha de Miguel Antônio Bicca, mesmo proprietário da imaginária (RS/89.0001.0048). Denominado de São João. A estatuária encontra-se em uma estante na sala da residência de Fabiana Bicca, na cidade de Campo Grande – MS.

Apresentamos a seguir a atualização de dados da imaginária RS/89.0001.0048.

QUADRO 40 – Atualização de dados de identificação da imaginária de São João

SÃO JOÃO			
IDENTIFICAÇÃO			
NOME DO BEM	**NOMES POPULARES DO BEM**	**BEM PERTENCE A**	**NÚMERO INVENTÁRIO**
São João	São João do Meriti	Fabiana Bicca	Original RS/89.0001.0046
ESPÉCIE	**NATUREZA**	**ÉPOCA**	**AUTORIA**
Imaginária	Escultura	Séculos XVII / XVIII	Desconhecida
ORIGEM	**ESTADO DE CONSERVAÇÃO**	**MATERIAL**	**TÉCNICA**
Missioneira	Mau	Madeira	Escultura policromia

Fonte: Elaboração do autor

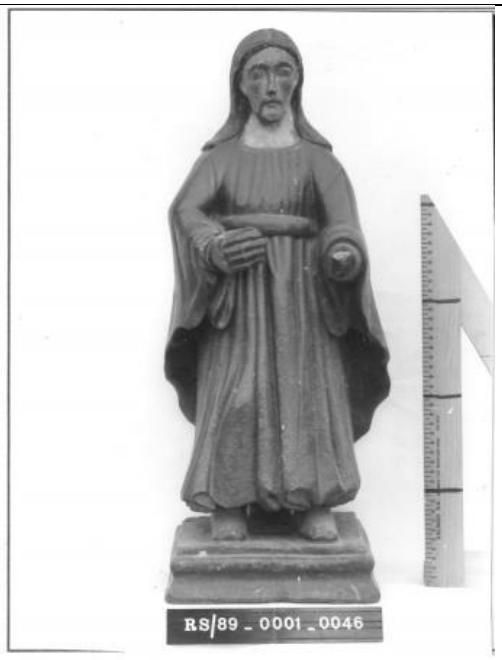
QUADRO 41 – Atualização de dados de localização da imaginária de São João

LOCALIZAÇÃO			
UF	**MUNICÍPIO**	**LOCALIDADE**	**BAIRRO**
MS	Campo Grande		Portal do Panamá
TIPO LOGRADOURO	**LOGRADOURO**	**NÚMERO**	**COMPLEMENTO**
Rua	Arancuan	103	Casa
CEP	**LOCAL NO PRÉDIO**	**LATITUDE**	**LONGITUDE**
97670-000	Parede	20.443009	54.669642

Fonte: Elaboração do autor

QUADRO 42 – Atualização de dados de característica da imaginária de São João.

CARACTERÍSTICAS DO BEM	
SÍNTESE DO BEM	**OBSERVAÇÕES**
Figura masculina, de corpo inteiro, de pé, cabeça levemente inclinada para baixo, cabelos frisados caindo sobre os ombros, rosto ovalado, maçãs salientes e faces encovadas. Sobrancelhas delicadas, olhos caídos e bem abertos, nariz reto, barba curta unida ao bigode. Pescoço longoe grosso, braços flexionados para frente, mão direita com dedos unidos em posição de segurar. Pernas retas em médio afastamento, joelho direito sugerido pelo planejamento. Tunica longa franzida com decote redondo, preza à cintura por faixa. Manto longo caindo dos ombros e passando sobre os braços, nas costas vai até o chão. Pés calçados com sapatos e base retangular. (Descrição do Inventário da Imaginária Missioneira)	Apresenta rachaduras e marcas de ataque de insetos xilófagos, mão encaixada. Falta a mão esquerda, possui somente o pulso. Pintura craquelada em descolamento. Repintura a base de óleo, camada grossa, mão encaixada e grande.

	
FOTOGRAFIA DO INVENTÁRIO	**FOTOGRAFIA FABIANA BICCA**

Fonte: Elaboração do autor

QUADRO 43 – Atualização de dados das dimensões da imaginária de São João

DIMENSÕES		
ALTURA	**LARGURA**	**PROFUNDIDADE**
58,5 cm	27 cm	23 cm

Fonte: Elaboração do autor

5.1.11 Imaginária “Figura infantil” – RS/89.0001.0041

A decima primeira imaginária que pesquisamos trata-se de uma “Figura infantil”, pertencente ao senhor Pedro Ivo da Rocha, e chamado popularmente de São Joãozinho Batista. Durante anos foi esta imagem banhada no ritual da centenária procissão, que é realizada anualmente no dia 23 de junho. A procissão de São Joãozinho Batista tem como ritual “banhar o santo”, que consiste em uma pessoa conduzir um andor com o santo por dentro de uma fonte jesuítica na cidade de São Borja, o ato final de toda a procissão é este.

FIGURA 12 – São Joãozinho Batista no andor



Fonte: Fotografia do Acervo de Clóvis Benevenuto

Apresentamos a seguir a atualização de dados da Figura infantil.

QUADRO 44 – Atualização de dados de identificação da Figura infantil

FIGURA INFANTIL			
IDENTIFICAÇÃO			
NOME DO BEM	**NOMES POPULARES DO BEM**	**BEM PERTENCE A**	**NÚMERO INVENTÁRIO**
Figura infantil	São Joãozinho Batista	Pedro Ivo da Rocha	Original RS/89.0001.0041
ESPÉCIE	**NATUREZA**	**ÉPOCA**	**AUTORIA**
Imaginária	Escultura	Séculos XVII / XVIII	Desconhecida
ORIGEM	**ESTADO DE CONSERVAÇÃO**	**MATERIAL**	**TÉCNICA**
Missioneira	Mau	Madeira	Escultura policromia

Fonte: Elaboração do autor

QUADRO 45 – Atualização de dados de localização da figura infantil

LOCALIZAÇÃO			
UF	**MUNICÍPIO**	**LOCALIDADE**	**BAIRRO**
RS	São Borja		Centro
TIPO LOGRADOURO	**LOGRADOURO**	**NÚMERO**	**COMPLEMENTO**
Rua	Riachuelo	1622	
CEP	**LOCAL NO PRÉDIO**	**LATITUDE**	**LONGITUDE**
97670-000	Altar	28.664420	56.007250

Fonte: Elaboração do autor

QUADRO 46 – Atualização de dados de característica da figura infantil

CARACTERÍSTICAS DO BEM	
SÍNTESE DO BEM	**OBSERVAÇÕES**
Figura infantil masculina, de pé, posição frontal, cabelos curtos, e encaracolados, rosto longo, orelhas aparentes, sobrancelhas delineadas, olhos grandes bem abertos, nariz fino e arrebitado, boca aberta. Pescoço grosso, braços abertos, fortes, flexionados para a frente, mão direita aberta e esquerda com palma para cima, sustentando objeto esférico. Tórax alongado, gordo com musculatura, e umbigo marcados por linhas. Pernas em afastamento regular, curtas, grossas, desproporcionais, com joelhos assinalados, por linhas. Tanga delineada, pés descalços, o esquerdo virado para dentro com a ponta levantada. (Descrição do Inventário da Imaginária Missioneira)	Apresenta sujidade, desgastes e rachaduras em ambos os braços na altura do cotovelo, sendo que o direito foi recolocado. Mão direita faltando metade do polegar e todos os demais dedos. Pé direito rachado e colado. Repintura a base de óleo, craquelada e em descolamento. Talha primitiva, desproporcional, rosto com feições bem marcadas, porém com pouco detalhe, cabelos e sobrancelhas pretas.





FOTOGRAFIA DO INVENTÁRIO

Fonte: Elaboração do autor

QUADRO 47 – Atualização de dados das dimensões da Figura infantil

DIMENSÕES		
ALTURA	**LARGURA**	**PROFUNDIDADE**
42 cm	27,5 cm	21 cm

Fonte: Elaboração do autor

5.2 Imaginárias Jesuíticas Não Inventariadas de Posse de Particulares

No decorrer da pesquisa nos deparamos com muitos relatos sobre imaginárias existentes em São Borja e que não foram inventariadas pelo IPHAN. Algumas não estão mais em solo missioneiro, encontram-se em São Paulo e Rio de Janeiro, outras ainda conseguimos levantar mais informações. Identificamos seus proprietários e fotografamos. Outras somente as fotografias chegaram até nós. Mesmo assim, registramos sua existência em nosso trabalho, dada a importância para o patrimônio cultural e para que no futuro possam ser melhor estudadas e catalogadas.

5.2.1 Imaginária de São Miguel Arcanjo

Proprietário Rossini Rodrigues. Pertenceu ao seu bisavô e recebeu de herança. Encontra-se em ótimo estado de conservação, apresenta policromia original com sinal de desgaste, é uma imaginária pequena possui 17 cm de altura, esculpida em um único bloco de madeira possivelmente cedro, talha primitiva, desproporcional, rosto com feições arredondadas, porém com poucos detalhes.

FIGURA 13 – São Miguel Arcanjo



Fonte: Fotografia do Acervo de Rossini Rodrigues

5.2.2 Imaginária Nossa Senhora imaculada Conceição

Propriedade da Arquidiocese de São Borja. Foi deixada no ano de 2017 na porta da Igreja, e posteriormente “restaurada” pela artista plástica Maria Thereza Salazar. Atualmente, encontra-se em exposição no altar principal da Igreja Matriz.

A escultura esbanja movimento, um belo exemplar da arte barroca, suas feições são cheias de detalhes, apresentando erudição em sua talha, bem proporcional. Sua altura é de aproximadamente 120 cm, esculpida em um único bloco de madeira, e apresenta nas costas uma cavidade oca, com uma porta na parte inferior, elemento típico muito utilizado nas imaginárias missioneiras.

QUADRO 48 – Fotos de Nossa Senhora imaculada Conceição antes do restauro

Antes do restauro – Fotos Padre Aodomar Wandescher	
	

Fonte: Elaboração do autor

QUADRO 49 – Fotos de Nossa Senhora imaculada Conceição depois do restauro

Depois do restauro – Fotos do autor	
	

Fonte: Elaboração do autor

5.2.3 Imaginária de São Francisco de Borja

Propriedade da Arquidiocese de São Borja, a imaginária foi doada pela família Goulart no ano de 2010. Encontra-se em exposição na parte lateral direita da Igreja Matriz em uma redoma de vidro.

A escultura apresenta movimento, talha simples, no entanto suas feições são cheias de detalhes, bem proporcional, um belo exemplar da imaginária missioneira. Sua altura é de aproximadamente 115 cm, esculpida em um único bloco de madeira, possui alguns detalhes em dourado na túnica, cabeça triangular. A imaginária teria sido retirada da cidade durante a Guerra do Paraguai (1865), embora no inventário de Zavala de 1768, não conste referência sobre ela.

QUADRO 50 – Fotos da imaginária de São Francisco de Borja





Fonte: Elaboração do autor

5.2.4 Imaginária Senhor Morto

Propriedade de Antônio Pinto. O proprietário é arquiteto na Prefeitura Municipal de São Borja e possui uma outra estatuária, uma Santa Barbara, a origem seria da capela da fazenda da família.

A imaginária denominada pelo proprietário como Senhor Morto, possivelmente seria originária de um crucifixo, pois apresenta um braço solto que formaria a cruz que possui um buraco na mão, possivelmente o local do cravo na cruz, e os pés estão sobrepostos. Possui 23 cm de altura, talha bem primitiva esculpida em duas partes, apresenta falta de um braço, não possui mais pigmentação original, seu estado de conservação é precário.

FIGURA 14 – Foto da imaginária de um Senhor Morto



Fonte: Elaboração do autor

5.2.5 Imaginária São Jorge Missioneiro

Propriedade de um Antiquário do Rio de Janeiro. A estatuária encontra-se em um antiquário e acompanha documento assinado por José Arnaldo Motta Trois, que afirma ser de origem missioneira oriunda de espólio da Guerra do Paraguai e na família Motta desde então. A peça foi presente do General Lima à sua filha Alda Sarmanho Motta. Popularmente chamada de “São Jorge” era conhecida por sua fama de “milagreira”.

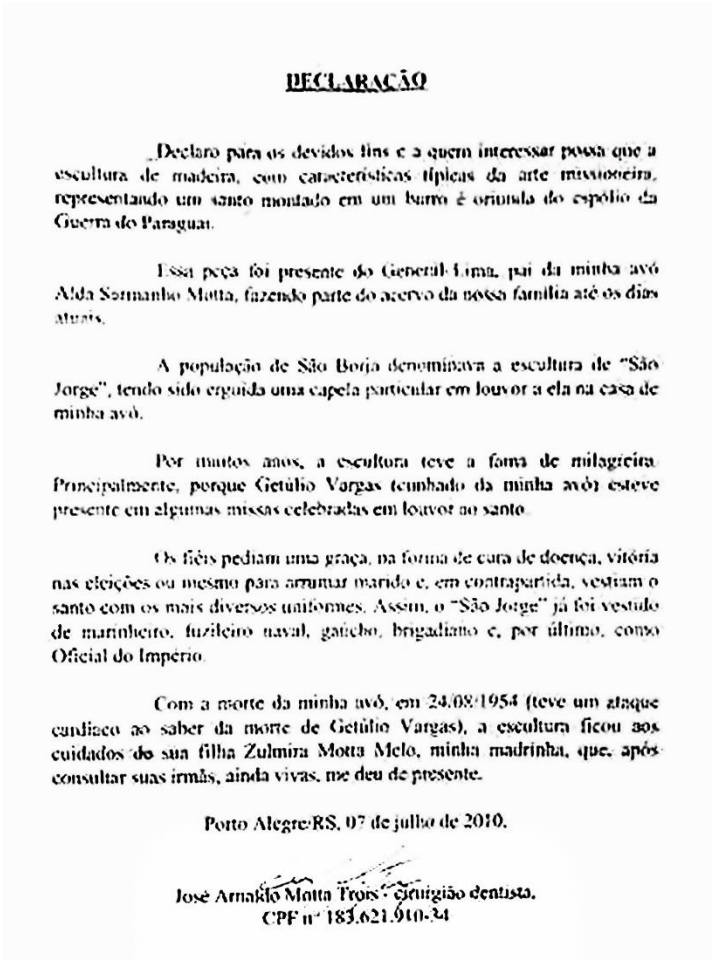
QUADRO 51 – Fotos da imaginária de um São Jorge Missioneiro





Fonte: Arquivo Clóvis Benevenuto

FIGURA 15 – Foto da declaração de origem do São Jorge Missioneiro



DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins e a quem interessar possa que a escultura de madeira, com características típicas da arte missioneira, representando um santo montado em um burro é oriunda do espólio da Guerra do Paraguai.

Essa peça foi presente do General Lima, pai da minha avó Alda Sarmanho Motta, fazendo parte do acervo da nossa família até os dias atuais.

A população de São Borja denominava a escultura de "São Jorge", tendo sido erguida uma capela particular em louvor a ela na casa de minha avó.

Por muitos anos, a escultura teve a fama de milagreira. Principalmente, porque Getúlio Vargas (cunhado da minha avó) esteve presente em algumas missas celebradas em louvor ao santo.

Os fiéis pediam uma graça, na forma de cura de doença, vitória nas eleições ou mesmo para arrumar marido e, em contrapartida, vestiam o santo com os mais diversos uniformes. Assim, o "São Jorge" já foi vestido de marinheiro, fuzileiro naval, gaúcho, brigadiano e, por último, como Oficial do Império.

Com a morte da minha avó, em 24/08/1954 (teve um ataque cardíaco ao saber da morte de Getúlio Vargas), a escultura ficou aos cuidados de sua filha Zulmira Motta Melo, minha madrinha, que, após consultar suas irmãs, ainda vivas, me deu de presente.

Porto Alegre/RS, 07 de julho de 2010.

José Arnaldo Motta Trois - cirurgião dentista.
CPF nº 183.621.910-34

Fonte: Arquivo pessoal de Clóvis Benevenuto

5.2.6 Diversas Imagináriass da Família Caillar

A família Caillar, proprietária de diversas imagináriass, atualmente mora em São Paulo e possuem um antiquário na cidade. Durante a Guerra do Paraguai o Consul Francês em São Borja era da família Caillar. Sua bisavó contava que foi neste período que estas estatuárias e diversos itens de prataria da Igreja foram parar em sua família, segundo ele as peças foram encontradas nas terras de sua família no interior do município. O proprietário pretende doar no futuro ao Museu Municipal as estatuárias.

Entre os itens pertencentes a família Caillar chama atenção uma pomba em prata, além da beleza, no inventário de Zavala de 1768 registrava a existência na cidade de uma pomba em prata pertencente à Igreja Matriz de São Borja.

QUADRO 52 – Fotos de um São Francisco de Borja





Fonte: Arquivo Clóvis Benevenuto

QUADRO 53 – Fotos de diversas imaginárias e pratarias eclesiásticas





Fonte: Arquivo Clóvis Benevenuto

5.2.7 Diversas Imaginárias do Acervo de Iberê Teixeira

O proprietário, Iberê Teixeira, mantém o acervo em sua fazenda no interior do município, e adquiriu estas três imaginárias por compra, elas são um Anjo Alado, um Crucifixo, e um São Miguel Arcanjo.

O São Miguel Arcanjo mede aproximadamente 60 cm, esculpido em madeira, talha primitiva, apresenta bastante movimento, um belo exemplar da imaginária missioneira. O crucifico apresenta desproporcionalidade, talha primitiva e o nó das vestes de Jesus está posto do lado esquerdo, diferente dos demais exemplares da imaginária missioneira que por regra são do lado direito, mede aproximadamente 66 cm, foi repintado grosseiramente, demanda mais estudo para constatar a sua autenticidade. O Anjo Alado mede aproximadamente 45 cm de altura, esculpido em um único bloco de madeira, talha bastante primitiva, foi repintado por inteiro na mesma cor, um verniz.

FIGURA 16 – Foto de diversas imaginárias missioneiras



Fonte: Arquivo pessoal de Iberê Teixeira

5.3 Algumas Considerações a Título de Análise

Inicialmente cabe destacar a importância dos inventários como instrumento de registro de uma época. Salientamos que tanto o inventário Zavala de 1768, quanto o Inventário da Imaginária Missioneira de 1989/1992 (IPHAN), são de uma importância

fundamental para a pesquisa, pois registraram em sua época a existência deste rico patrimônio cultural.

A análise de forma geral nos leva a algumas inquietações, pois as imaginárias jesuíticas consideradas aqui são de proprietários diferentes, todas em algum momento de sua existência passaram por intervenção para sua manutenção, e sempre por profissionais não qualificados para tal, o que provocou a descaracterização em alguns casos.

Os proprietários não possuem informações adequadas de como limpar, manter e até como proteger de eventuais infestações de fungos e insetos que possam vir atacar as peças. Fato que ficou comprovado quando da doação das estatuárias da família Ayala Chagas ao Museu Municipal Apparício Silva Rillo. As peças estavam infestadas por cupins, e tiveram que passar por um tratamento orientado por técnicos do IPHAN para restabelecer o acervo e assim poder compor a exposição permanente do Museu.

Por não possuírem proteção legal o risco de destruição, mutilação e comércio ilegal é enorme. O fato de não estarem tombadas em nenhum nível, as coloca sempre em risco, mesmo que sua existência tenha ultrapassado três séculos. É interessante registrar que na justificativa do relatório do inventário da imaginaria missioneira, falava que os dados ali levantados seriam utilizados para posterior tombamento das imaginárias, o que não ocorreu.

Analisando as peças individualmente chama atenção a descaracterização provocada por intervenção de “restauro” causada, por exemplo, na imaginária de São Francisco de Borja (RS/89.0001.0031). A intervenção sofrida deixou uma camada alta de tinta sobreposta, que acaba descaracterizando o patrimônio. No início da pesquisa, em 2017, o manto do santo era na cor vermelha bem viva, já agora em 2018 foi pintado em vermelho em um tom bordo, o que acabou descaracterizando uma das mais imponentes obras do período reducional.

O Retábulo da Igreja Imaculada Conceição do bairro do Passo (RS/89.0001.0036), foi pintada grosseiramente nos anos 1990. Atualmente, apresenta um estado de conservação muito precário. As tábuas que compõe o altar estão empenadas, muita sujeira acumulada em cima e no interior, apresenta bastante teias de aranha na parte interna, fios elétricos de pano cruzam seu interior,

uma lâmpada fica acessa junto ao patrimônio. Dentre as imaginárias pesquisadas a que mais levanta preocupação e cuja sua existência corre sério risco é esta.

A Pia Batismal (RS/89.0001.0032) foi pintada com uma camada de verniz e possui algumas partes descascadas. Fato positivo foi durante a última reforma executada na igreja ela foi toda desenterrada, e hoje os dois blocos de pedra grés que a compõem podem ser vistos na Igreja Matriz São Francisco de Borja.

Entre as imaginárias pesquisadas cinco são figuras infantis, que apresentam feições indígenas, bochechas salientes, cara arredondada e cada proprietário dá uma denominação diferente, mesmo que sejam muito parecidas, por exemplo, a estatuária RS89/0001-0034 identificada como um menino Jesus pertence a um Centro de Umbanda, e a RS89/0001-0041 um São Joãozinho Batista, pertencente a um cidadão são-borjense. Elas são bastante semelhantes, inclusive em uma das mãos as imaginárias apresentam esculpida um objeto esférico como se imitasse uma pedra, como se estivessem brincando ou buscando chamar a atenção para a origem da etnia dos Charruas que eram coletores e construíam seus artefatos com as pedras. Este fato também chama atenção para a relação humana nas Reduções, pois os indígenas escultores possivelmente procuraram retratar a imagem de seus entes queridos (crianças da redução) em seu cotidiano, brincando, quebrando pedras.

No decorrer da pesquisa tivemos contato com doze imaginárias não inventariadas, o que nos leva a crer que a cidade deve possuir muito mais e que no período reducional, possivelmente, foi um importante núcleo produtor de obras de arte. Outro fator importante, que contribui para que ainda hoje existam muitas estatuárias espalhadas pela cidade foi o fato de nunca elas terem sido recolhidas para compor coleções públicas, como o que aconteceu com a imaginária das outras reduções que foram recolhidas para a compor o acervo do Museu das Missões em São Miguel das Missões.

Também cabe destacar que buscamos contato com um proprietário de oito imaginárias inventariadas e que não conseguimos acesso. As imaginárias pertenciam originalmente a Apparício Silva Rillo e hoje estão de posse de seu neto Marco Antônio Rillo Loguercio.

As imaginárias mesmo expostas a riscos por seus proprietários, como roubo, fungos, insetos, intempéries, são cultuadas com muito zelo, talvez porque são

referenciadas dentro de suas religiões com muito respeito. Neste sentido, destacamos a estatuária RS89/0001-0034 identificada como um menino Jesus que atualmente pertence a um Centro de Umbanda e que era uma imaginária da Companhia de Jesus da Igreja Católica, ou seja, mudou a religião, mas o respeito por ela continua.

O que percebemos é uma falta de entendimento por parte da população local, que estas imaginárias são um patrimônio cultural e precisam ser respeitadas e preservadas, quer seja pela população ou pelos órgãos gestores do patrimônio. E por entendermos que o material resultante da pesquisa do inventário da imaginária missioneira é muito rico, e, ainda, que hoje o conhecimento deste acervo é restrito aos seus proprietários ou frequentadores dos altares onde estão localizadas.

Como a fotografia é uma forma de difundir o conhecimento histórico apresentamos em nosso produto fruto do resultado da pesquisa, uma exposição fotográfica itinerante. Com a intensão de circular pela cidade difundindo o conhecimento e a importância deste acervo como patrimônio cultural, responsável pela constituição identitária da cidade histórica de São Borja.

Também após o término da pesquisa e defesa da dissertação, pretendemos encaminhar uma cópia do trabalho para a Prefeitura de São Borja, IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e IPHAE – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado para que sirva de subsídios na elaboração de políticas públicas preservacionistas no futuro.

Nosso papel na criação da exposição além de autor será de curador, onde pretendemos executar a exposição através de quinze *banners* conectando fotografias com textos explicativos, interligando com os principais fatos históricos que as envolveram nestes três séculos de existência. Deverá ser uma exposição de fácil entendimento devido ao público ser muito variado. A linguagem clara e objetiva. Pretendemos como local de realização da exposição aberta a comunidade o Museu municipal Apparício Silva Rillo, posteriormente, passará circular pelas instituições de ensino local e por cidades que por ventura solicitarem.

O ser humano arca com as consequências de suas ações, e diante disso, não pode ficar somente lamentando fatos da história ou perdas irreparáveis, deve sim se apropriar destes fatos como exemplos para que não se repitam no futuro. Entendemos ser este o principal legado da pesquisa que estamos realizando,

conseguimos levantar verdadeiras riquezas do patrimônio nacional. Também é resultante do trabalho de pesquisa a desmistificação do conceito popular local, que São Borja pouco ou quase nada possui do período jesuítico.

O patrimônio cultural jesuítico-missioneiro da cidade de São Borja não está nas ruínas. Está presente nos “Santos”, no conjunto de imaginárias esculpidas na Redução de São Francisco de Borja, presente no Museu, nas Igrejas e em cada altar cultuado na cidade ou no interior. Está na imaterialidade da fé, resultante de anos de adoração de seus proprietários e, principalmente, na formação identitária dos são-borjenses.

Ressaltamos que o ideal para a preservação deste patrimônio seria o seu tombamento em nível nacional, e posterior restauro realizado por profissional técnico habilitado, além de uma melhor localização do museu municipal que hoje guarda o acervo público do período reducional na cidade de São Borja. Disponibilizá-lo em um local mais acessível ao público, de fácil acesso e apropriado tecnicamente para receber o acervo particular, seja por doação ou por permuta temporária. O ideal é que no futuro a população possa ter acesso a este acervo que é de todos e registra em cada talha um pouco do que foi nosso legado jesuítico-missioneiro.

5.4 O Produto: a exposição itinerante

A educação patrimonial, é uma ferramenta, importante na conscientização do passado histórico, capaz de estabelecer diálogos com o passado e proporcionar a inclusão de grupos excluídos. Bem pertinente ao caso de São Borja, onde entendemos que a educação patrimonial deixa uma lacuna que precisa ser preenchida a fim de se tornar um fator motivador para o entendimento e conhecimento do legado missioneiro e difusor do turismo regional.

Escolhemos como elemento propagador de nossa pesquisa e de apoio à educação patrimonial, a criação de uma exposição itinerante, voltada à valorização do legado jesuítico missioneiro de São Borja, que possa circular visitando cidades, escolas, associações, parques, praças, etc. democratizando assim o acesso à cultura e difundindo o conhecimento patrimonial. Além de uma ação paradidática, que será descrita em subseção específica.

5.4.1 Apresentação do produto

O produto que apresentamos como pré-requisito para a conclusão do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural é uma exposição itinerante, intitulada: “Identidade e imaginária jesuítico-missioneira da Redução de São Francisco de Borja: Altares particulares, da idolatria ao fogo.”, homônimo ao título desta dissertação.

Após a aprovação da banca de mestrado a exposição terá sua abertura oficial prevista para o ano de 2019, inicialmente junto ao Museu Municipal Apparício Silva Rillo (Museu Missioneiro de São Borja), e, posteriormente, após a abertura do ano letivo, percorrerá as instituições educacionais do município, difundindo a identidade e o patrimônio cultural são-borjense, além de outras cidades que solicitarem, em Santa Maria está prevista um período de exposição como contrapartida junto à Pró-Reitoria de Extensão da UFSM com data a ser confirmada para 2019.

Propomos uma exposição itinerante composta de quinze banners de lona, de fácil montagem, de um material resistente, o que garante, sem prejuízo de qualidade, o seu deslocamento e fácil montagem em diversos locais, visto que muitas das escolas ficam no interior do município.

Procuramos utilizar fontes padronizadas em todos os banners para facilitar a leitura, assim como a tonalidade da cor, lembrando o grés da pedra, o laranja da telha, assim como a cor vermelha da terra, elementos que, simbolicamente, remetem à origem missioneira.

Tivemos aprovado nosso projeto da exposição, junto à Universidade Federal de Santa Maria, através da Coordenadoria de Ações Regionais e Inovação da Pró-Reitoria de Extensão, em processo de concorrência pública de seleção de produtos desenvolvidos ou em desenvolvimento nos cursos de pós-graduação profissionalizantes da UFSM, para financiamento e disponibilização à comunidade, o que nos permite executar o planejado com sucesso.

O Instituto Federal Farroupilha de São Borja, também já demonstrou interesse em receber a exposição e se colocou à disposição para gerenciar a circulação da exposição itinerante nas instituições educacionais da cidade através de prática do curso técnico de eventos e do tecnólogo em gestão de turismo.

QUADRO 54 – Cronograma da exposição

TAREFA	PESSOAS ENVOLVIDAS	PERÍODO
1. Pesquisa	Autor e orientador	Janeiro a setembro de 2018
2. Planejamento	Autor e orientador	Outubro 2018
3. Discussão sobre a montagem	Autor e orientador	Outubro a dezembro 2018
4. Preparação do Projeto gráfico	Autor e profissional de comunicação	Outubro a dezembro 2018
5. Aprovação da Exposição	Autor, orientador e banca do mestrado	Fevereiro 2019
6. Produção do Material	Autor e gráfica UFSM	Fevereiro e março de 2019
7. Divulgação	Autor e UFSM	Março de 2019
8. Montagem da exposição	Autor	Março de 2019
9. Inauguração da exposição	Autor, UFSM	Março de 2019
10. Avaliação da Exposição	Autor	Após execução em 2019

Fonte: Elaboração do autor

O presente cronograma orienta os passos a serem realizados para a produção da exposição itinerante, permitindo sua realização efetiva. A exposição ainda apresenta um foco de atração turística e educacional, ao mesmo tempo que propaga o legado jesuítico-missioneiro.

5.4.2 Produção da exposição

A exposição está prevista para ser inaugurada em março de 2019, no município de São Borja, inserida nas atividades do Museu Apparício Silva Rillo, e tendo como curador o autor da pesquisa José Fernando Corrêa Rodrigues. Para a produção da arte dos *banners* e demais peças, foi necessário o auxílio de um profissional de comunicação.

Os banners da exposição foram confeccionados com base na pesquisa realizada para esta dissertação de mestrado. O histórico abordou desde a fundação da cidade passando pelo percurso da imaginária missioneira nestes mais de 300 anos de existência, comparando fotograficamente as imaginárias atuais com as fotografadas para o inventário da imaginária missioneira de 1989/1992, e ainda apresentou algumas imaginárias inéditas, não inventariadas, bem como no final algumas danificadas pelo descaso de seus proprietários.

No banner 01 apresenta a abertura da exposição com foto da família Ayala Chagas junto ao seu altar em sua residência. No banner 02, situa São Borja no contexto histórico e identitário junto aos 30 Povos Missioneiros. No banner 03 apresenta a redução de São Francisco de Borja. O banner 04 mostra a importância do escultor Brasanelli para a arte em São Borja. O banner 05 chama atenção para a etnia primitiva da redução e sua influência na produção da arte escultórica denominada arte jesuítico-charrua.

O banner 06 a imaginária virou notícia, mostra algumas reportagens de jornais e revistas em que as imaginárias de São Borja estiveram no centro das discussões e principalmente sua luta pela permanência em solo missioneiro. O banner 07 Inventário da Imaginária Missioneira, mostra uma ficha do inventário como modelo e explica o que ele foi, quem produziu e executou.

A partir do banner 08 estão os comparativos fotográficos, iniciando pelo Retábulo Missioneiro com texto explicativo do próprio inventário, assim como os banners 09 São Francisco de Borja, 10 Menino Jesus, 11 Santo Antônio de Pádua, 12 São João, e 13 São Joãozinho Batista.

No banner 14 que chamamos de “Imaginárias não inventariadas – Idolatria”, procuramos mostrar algumas imagens de estatuárias que chegaram até nós durante a pesquisa e que no período da execução do inventário da estatuária missioneira não forma inventariadas. No banner 15, último da exposição, intitulado de “Reflexão identitária – Ao fogo”, buscamos chamar a atenção para preservação deste patrimônio cultural dos são-borjenses, colocando imagens de estatuárias que no decorrer dos anos sofreram mutilações, no caso queimadas, a fim de propiciar uma reflexão de sua importância para a preservação deste patrimônio cultural local.

Neste contexto, a exposição itinerante ficou assim representada:

Banner 1: Abertura

Banner 2: 30 Povos Missioneiros

Banner 3: Redução de São Francisco de Borja

Banner 4: O escultor Brasanelli

Banner 5: Arte Jesuítico-Charrua

Banner 6: Imaginária virou notícia

Banner 7: Inventário da Imaginária Missioneira

Banner 8: Retábulo Missioneiro

Banner 9: São Francisco de Borja

Banner 10: Menino Jesus

Banner 11: Santo Antônio de Pádua

Banner 12: São João

Banner 13: São Joãozinho Batista

Banner 14: Imaginárias não inventariadas - Idolatria

Banner 15: Reflexão identitária – Ao fogo

FIGURA 17 – Foto banner de abertura da exposição



Fonte: Elaboração do autor

FIGURA 18 – Foto banner 30 Povos Missioneiros



Fonte: Elaboração do autor

FIGURA 19 – Foto banner Redução de São Francisco de Borja



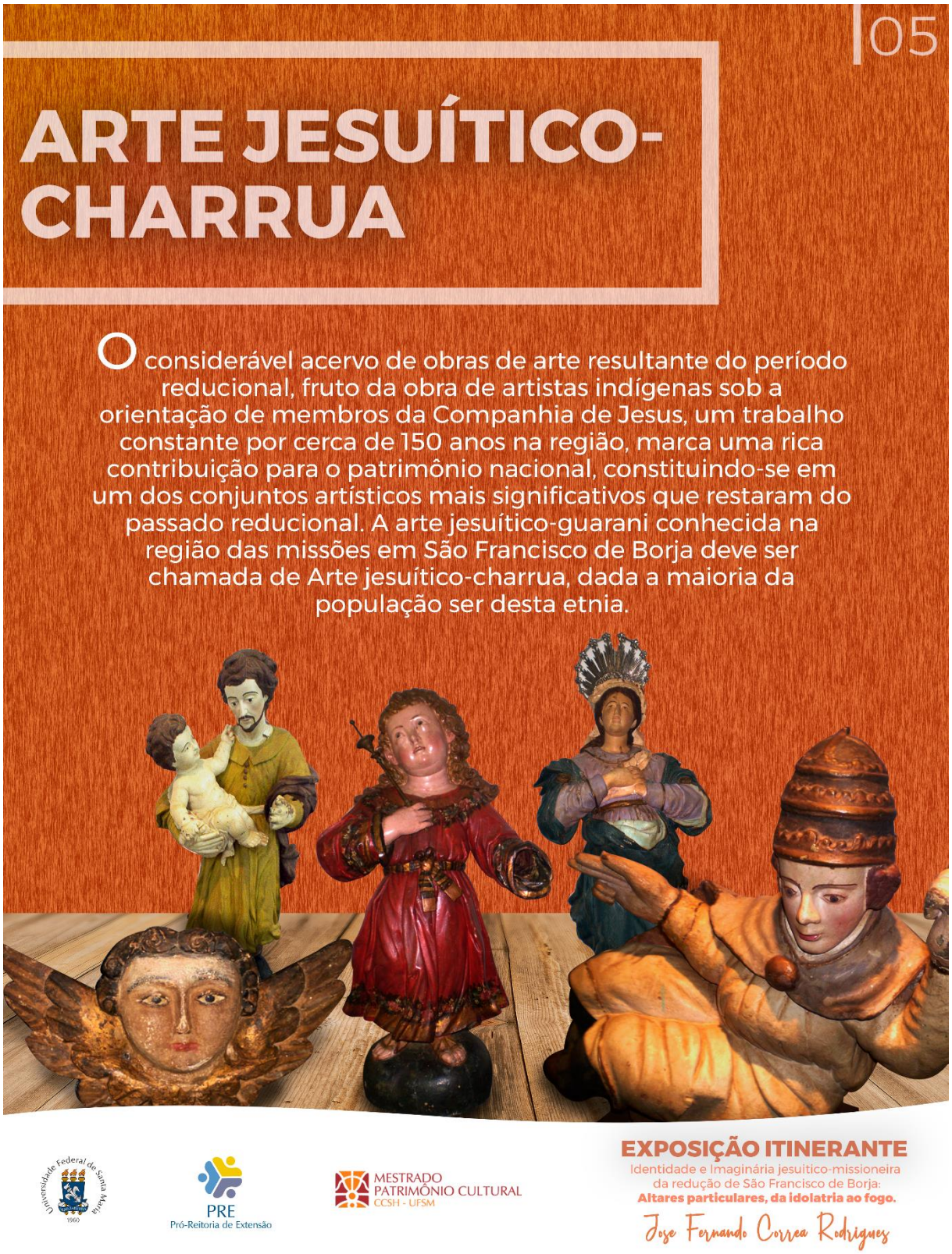
Fonte: Elaboração do autor

FIGURA 20 – Foto banner escultor Brasanelli



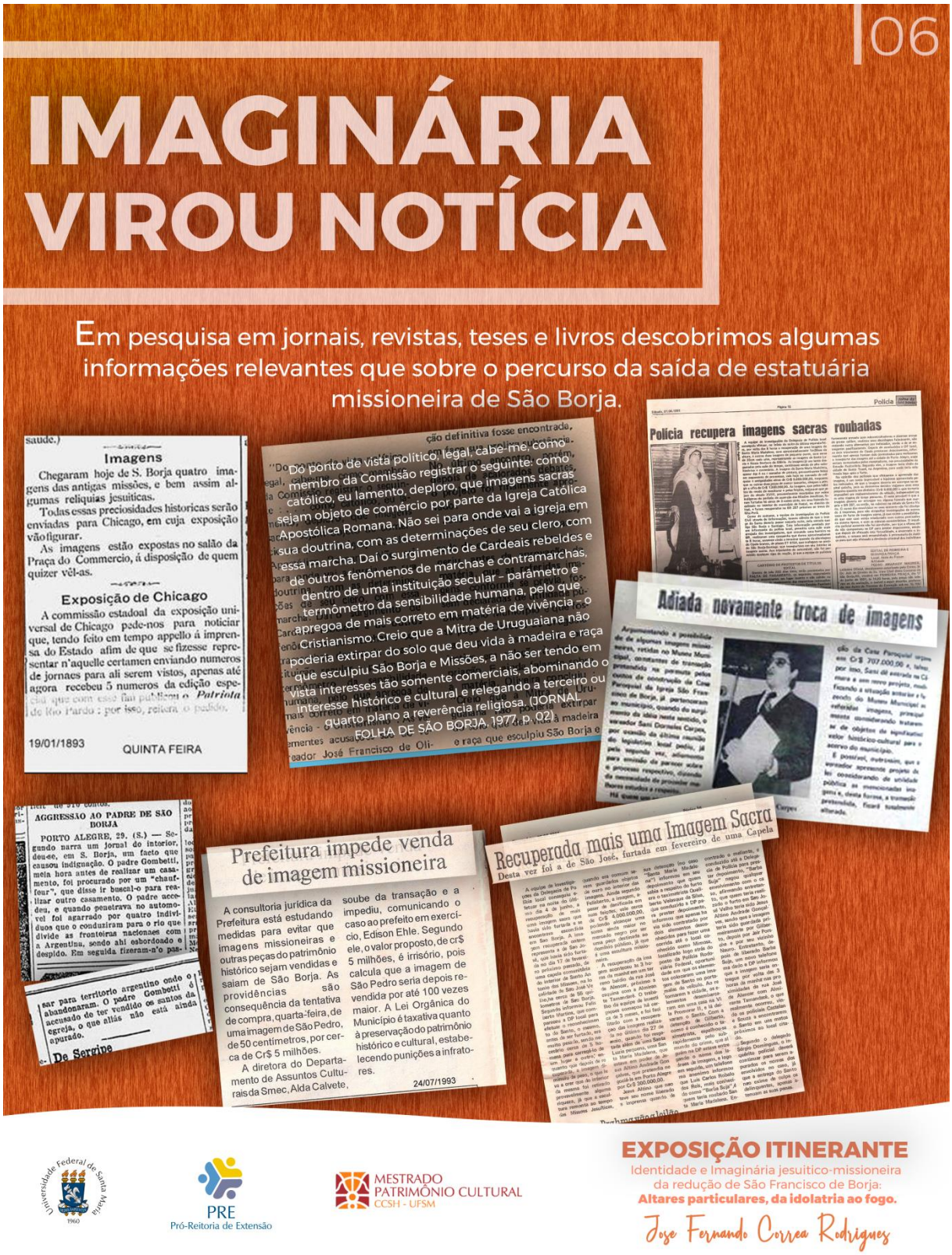
Fonte: Elaboração do autor

FIGURA 21 – Foto banner Arte Jesuítico-Charrua



Fonte: Elaboração do autor

FIGURA 22 – Foto banner Imaginária virou notícia



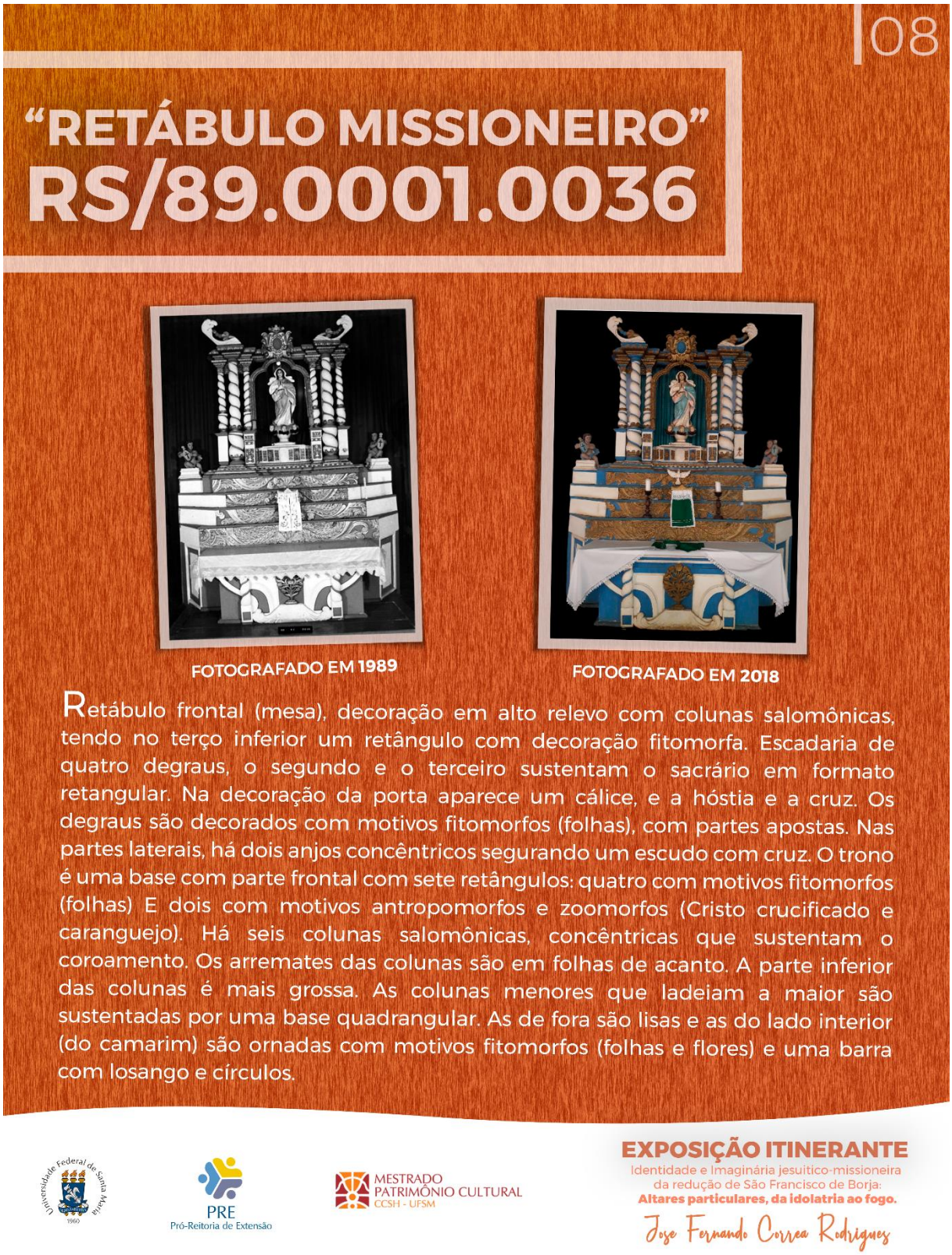
Fonte: Elaboração do autor

FIGURA 23 – Foto banner Inventário da Imaginária Missioneira



Fonte: Elaboração do autor

FIGURA 24 – Foto banner Retábulo Missioneiro



Fonte: Elaboração do autor

FIGURA 25 – Foto banner São Francisco de Borja



Fonte: Elaboração do autor

FIGURA 26 – Foto banner Menino Jesus



Fonte: Elaboração do autor

FIGURA 27 – Foto banner Santo Antônio de Pádua



Fonte: Elaboração do autor

FIGURA 28 – Foto banner São João



Fonte: Elaboração do autor

FIGURA 29 – Foto banner São Joãozinho Batista



Fonte: Elaboração do autor

FIGURA 30 – Foto banner Imaginárias não inventariadas – Idolatria



Fonte: Elaboração do autor

FIGURA 31 – Foto banner Reflexão identitária – Ao fogo



Fonte: Elaboração do autor

FIGURA 32 – Foto representativa do folder da exposição frente



Fonte: Elaboração do autor

FIGURA 33 – Foto representativa do folder da exposição verso



Fonte: Elaboração do autor

FIGURA 34 – Foto representativa do folder da exposição completo



Fonte: Elaboração do autor

5.4.3 Proposta de ação paradidática

Em cada local que a exposição estiver montada, terá um espaço destinado à criação, uma oficina de produção escultórica, os educandos serão convidados a esculpir em argila uma miniatura de uma imaginária que eles mais se identificaram durante a visitação à exposição.

Os trabalhos poderão compor uma nova ação de educação patrimonial, dependendo do interesse das instituições educacionais que receberem a exposição itinerante. O resultado desta oficina pode gerar, por exemplo, uma mostra com os trabalhos dos alunos.

O objetivo desta ação é chamar a atenção para a dificuldade em esculpir na argila, levando o educando a pensar sobre a complexidade em produzir arte em madeira ou em pedra a cerca de 300 anos atrás sem a tecnologia atual. Esta ação pretende ajudar no despertar para a valorização da arte jesuítico-missioneira produzida na cidade, incentivando o sentido de pertencimento cultural missioneiro.

Cada tijolo de argila de um quilo será dividido em cinco pedaços de 200 gramas, que será entregue um a cada estudante que desejar praticar, juntamente com um palito de picolé que será a sua ferramenta de auxílio à produção de sua escultura.

CONCLUSÕES

Ao encerrar esta etapa do estudo, nos permitimos entender que a busca pelo conhecimento é uma constante na vida de um pesquisador e deve sempre ser aprimorada. Cada pesquisador contribui com sua bagagem intelectual para o aprofundamento de certos temas em determinado momento. Algumas considerações apontadas aqui, tem forma conclusiva, outras ainda demandam aprofundamento, suscitando novas pesquisas e questionamentos.

Esta dissertação foi produzida com o intuito de analisar as imaginárias jesuítico-missioneiras oriundas da Redução de São Francisco de Borja, comparando fotograficamente alguns exemplares de imaginárias de posse de particulares catalogados em 1989/1992, cujos inventários originais encontram-se de posse do IPHAN, para desenvolver uma exposição itinerante com o resultado da pesquisa.

O acervo pertencente a particulares na cidade de São Borja, é dotado de uma iconografia de valor histórico e artístico incalculável, formam uma fonte documental riquíssima. A história das reduções jesuítico-guaranis que se desenvolveram no Sul da América nos séculos XVII e XVIII, ganham um novo contexto em São Francisco de Borja, pois poderia ser chamada de redução jesuítico-charrua, dada a etnia preponderante na cidade.

Buscamos compreender na dinâmica cultural do município de São Borja, no sentido de conhecer e analisar a imaginaria como patrimônio cultural da forma como vem sendo usado para fomentar processos de identidade, colocando em evidência alguns aspectos do seu passado histórico em detrimento de outros, produzindo invisibilidades e exclusões identitárias. A execução da pesquisa levou-nos, assim, a compreender muitos aspectos da cultura são-borjense. Destacamos que este estudo buscou mostrar um passado praticamente esquecido pela cidade, que atualmente ostenta a referência a “Terra dos Presidentes” e, por consequência, acaba ofuscando suas heranças históricas.

Em relação ao conceito de identidade a cidade de São Borja, que parece invisibilizar a sua identidade primeira, quando analisamos as influências culturais sofridas nos seus três séculos de existência, concluímos que o choque de etnias entre Charruas e Guaranis foi um fator influenciador e que contribuiu para que a

cidade se afastasse, do ponto de vista identitário dos missioneiros de outras Reduções, que na sua imensa maioria eram povoados por indígenas da etnia guarani, ao contrário de São Francisco de Borja em que a maioria de seus habitantes eram Charruas. Cabe ressaltar que só nos últimos 10 anos que a governança cultural buscou fomentar ações de valorização da identidade jesuítico-missioneira de São Borja, e muito em função da visibilidade de políticas fomentada pela UNESCO e BID.

Em observação aos aspectos relativos ao conceito de patrimônio cultural em que a própria UNESCO, define o Patrimônio Cultural como “o legado que recebemos do passado, vivemos no presente e transmitimos às futuras gerações”[13], podemos afirmar que as imaginárias missioneiras preenchem todos os pré-requisitos conceituais de um patrimônio cultural. Afinal, recebemos como herança cultural de gerações passadas, vivemos, valorizamos e desejamos transmitir às nossas gerações futuras.

As estatuárias analisadas, em algum momento, passaram por intervenções para sua manutenção, e sempre por profissionais não habilitados tecnicamente para a execução do restauro, o que ocasionou a descaracterização de algumas peças. Isto ocorre, por que as imaginárias não estão protegidas legalmente, falta o ato de tombamento. Faz-se necessário a tramitação do processo de tombamento de todas as imaginárias junto ao Conselho Consultivo do IPHAN, para assim, após aprovado parecer, ser salvaguardada com o ato de tombamento, e, assim, valorizando este rico patrimônio cultural.

Constatamos que a falta de conhecimento da população em relação à sua história, cultura e patrimônio, prejudica ações de valoração patrimonial. Neste sentido, se faz necessária a realização de ações de educação patrimonial, oficinas, cursos, seminários, exposições que fomentem a história e despertem o pertencimento da população local no que diz respeito às suas raízes. A valorização do imaginário são-borjense ajuda evitar que tenhamos repetidos outros casos de estatuárias queimadas, vendidas, furtadas, doadas ou mutiladas.

Cabe registrar que consideramos necessário que a governança cultural local, desenvolva ações de valorização deste patrimônio, proporcionando campanhas de

[13] UNESCO. Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e a Cultura. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasilia/culture/world-heritage/heritage-legacy-from-past-to-the-future/> Acesso em: 20 de mai. 2018.

empréstimo e doação com o Museu Municipal Apparício Silva Rillo. Também se faz premente um novo local para o Museu, a fim de que possa receber o acervo e disponibilizar dentro da rota turística municipal. Indicamos que, preferencialmente, deva se localizar no perímetro da Antiga Redução.

Para ajudar a difundir e valorizar o patrimônio escultórico produzido em São Borja, e assim fomentar uma ação de desenvolvimento do turismo, iremos propor para a gestão cultural do município, a realização de um concurso de esculturas em pedra grés que seria executado anualmente na cidade. As obras resultantes do concurso seriam distribuídas pela cidade como forma de qualificar os espaços de atrativos turísticos, e a longo prazo a cidade poderia tornar-se uma “cidade patrimônio”. Os escultores seriam convidados para participar do concurso que teria a temática “Missões” como foco a ser desenvolvida. Com esta ação teríamos a valorização da arte originária produzida na cidade e assim fomentada a sua existência.

A exposição itinerante produto resultante desta dissertação, apresentada no capítulo V, preocupou-se em ser o veículo de difusão dessa história com papel primordial na educação patrimonial da população, difundindo o legado histórico e valorizando o patrimônio cultural. A educação patrimonial sempre foi uma preocupação que tivemos desde a concepção do projeto e, posteriormente, na definição do material a ser utilizado na exposição.

Quando a exposição começar a visitar as escolas e atingir os estudantes, especialmente os adolescentes, ela será uma ferramenta de apoio aos professores, podendo dar suporte as aulas da história do município assim como as de cultura e patrimônio.

A partir do momento que a exposição for inaugurada ela também será uma difusora do patrimônio local, podendo ajudar na captação de turistas para a cidade. E, neste momento, que as cidades com afinidades culturais dos chamados 30 Povos Missioneiros, buscam sua integração regional, e até ampliando integrando-se com outros países como Bolívia e Uruguai a fim de desenvolver turisticamente um corredor cultural, a cidade de São Borja agora terá um produto a ser mostrado.

No decorrer da pesquisa nos deparamos com diversas imaginárias não inventariadas e que, possivelmente, sejam do período reducional. Este acervo ficou registrado na dissertação para que no futuro outros pesquisadores possam

aprofundar e desenvolver trabalhos nesta direção.

Por fim, esta Dissertação apresentada no Mestrado em Patrimônio Cultural buscou contribuir para a sociedade, trazendo um estudo de interesse social e cultural, pautado em uma pesquisa de cunho científico, com um produto que oferece um retorno para a comunidade.

REFERÊNCIAS

AGUILAR, Ramão. **Andrés Guacurarí y Artigas e outros temas São-borjenses**. São Borja. Editor F. Neu. 2016

AHLERT, Jacqueline. **As miniaturas na imaginária missioneira –** O acervo do Museu Monsenhor Estanislau Wolski. Dissertação de Mestrado em História. Passo Fundo: 2008. Universidade de Passo Fundo. 198 p.

_____. **Estátuas andarilhas –** As miniaturas na imaginária missioneira: Sentidos e remanescências. Tese de doutorado em História. Porto Alegre: 2012. PUCRS / FFCH. 368 p.

BACHETTINI, Andréia Lacerda. **A imaginária missioneira:** Estudo sobre o acervo escultórico do Museu das Missões. Dissertação de Mestrado em História. Porto Alegre:2002. PUCRS / FFCH. 365 p.

BAPTISTA, Maria Manuel. Estudos culturais: o quê e o como da investigação. **Carnets, cultures littéraires**: nouvelles performances et développment. Aveiro, 2009. Disponível em: <http://mariamanuelbaptista.com/pdf/EstudosCulturais.pdf > Acesso em 12 de março de 2018

BAUER, Letícia Brandt. **Patrimônio Cultural, História e Memória:** O arquiteto e o zelador – São Miguel das Missões (1937 – 1960). Dissertação de Mestrado em Educação. Porto Alegre: 2006. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 168 p.

BIESEK, Ana Solange. **Turismo e interpretação do patrimônio cultural -** São Miguel das Missões - Rio Grande do Sul – Brasil. Dissertação de mestrado em Turismo. Caxias do Sul: 2004. Universidade de Caxias do Sul. 214 p.

BISONHIM, Kelli. **Em busca da estrutura sócio-espacial da Redução de San Francisco de Borja:** A sobrevivência do Patrimônio Arqueológico. Dissertação de Mestrado em História. Porto Alegre: 2011. PUCRS / FFCH. 122 p.

BOFF, Claudete. **A imaginária guarani:** O acervo do museu das Missões. Dissertação de Mestrado em História. São Leopoldo: 2002. Universidade do Vale do Rio dos Sinos.184 p.

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRASIL. Constituição (1988) **Constituição da República do Brasil**. Brasília, 2003

CAVALCANTI, Lauro, **As preocupações do Belo:** Monumentos do futuro e do passado na implantação da arquitetura moderna brasileira. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1993

CHEREM, Gabriel J. ***Interpretación de la comunidad: la chave para el turismo adequado*** (“historias nuevas e historias velhas, historias guardadas e historias contadas”). In MacIntosch, Robert W; Goeldner, Charles R; Ritchie, Brent J. R. *Turismo planeación, administración y perspectives.* 2. Ed. México: Limusa Wiley, 2000.

CHOAY, Françoise, **A Alegoria do Patrimônio**, UNESP, 2006.

CHUVA, Márcia Regina Romeiro. **Os arquitetos da memória:** sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (anos 1930 – 1940). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009

COSTA, Alfredo R. da. **O Rio Grande do Sul**. Ed. Livraria do Globo, 1922

COSTA, Lucio. **Arquitetura Jesuítica no Brasil**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, n. 5, p.09 – 103, 1941

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002.

DALMASES, Candido de. **El Padre Francisco de Borja**, Editora BAC popular, Madrid, p.244, 1983.

DORFMAN, Gabriel; STENZEL, Emília. **Gestão Cultural – Conceitos Básicos – Patrimônio**. SENAC – DF. Brasília, v.2, p. 01 – 20, 2013

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador** – Uma história de costumes**.** 2.ed. V.1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994

FAVRE, Oscar Padrón. Êxodos missioneiros – Al território oriental del rio uruguay. In: QUEVEDO, Júlio (Org). **Missões**: reflexões e questionamentos. Santa Maria: Editora Caxias, 2016 p. 177 – 232.

FONSECA, Maria Cecília Londres, **O Patrimônio em Processo.** Trajetória da Política Federal de Preservação no Brasil, Editora UFRJ / MinC-IPHAN, Rio de Janeiro, 1997.

FURLONG, Guilhermo. **Missiones y sus pueblos de guaraníes.** Buenos Aires: Imprenta Balmes.1962

GAY, Cônego João Pedro. **História da Republica Jesuítica do Paraguai** – desde o descobrimento do Rio da Prata até aos nossos dias, ano de 1861. Rio de Janeiro: Typ. De Domingos Luiz dos Santos, 1863. 342 p.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Monumentalidade e cotidiano:** os patrimônios culturais como gênero de discurso. In: OLIVEIRA, Lucia Lippi de. (Org.). *Cidade*: história e desafios. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. p. 108-123.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 10ª Ed. Rio de Janeiro: Ed DP&A, 2005

_____. **Da diáspora:** Identidades e mediações culturais. 2ª Ed. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2013

ISABELLE, Arsénne. **Viagem ao Rio Grande do Sul (1833/1834)**. 2ª ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983.

JORNAL A FEDERAÇÃO. Porto Alegre. 05 jun. 1893.

_____. Porto Alegre. 19 jan. 1893.

_____. Porto Alegre. 19 jan. 1922, p.12

_____. Porto Alegre. 17 mar. 1885.

JORNAL FOLHA DE SÃO BORJA. **Aberto inquérito policial no caso do pastor que queimou imagem missioneira.** 02 set. 2007

_____. **Mitra querer leiloar as imagens missioneiras da Igreja Matriz São Francisco de Borja**. 15 dez. 1977, p. 02

_____. **Polícia recupera imagens sacras roubadas.** 01 jun. 1991, p. 01

_____. **Prefeitura impede venda de imagem missioneira.** 24 jun. 1993

_____. **Recuperada mais uma imagem sacra**. 07 jun. 1991, p. 09

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, **Após 145 anos, santo volta à terra de Jango.** 25 dez. 2009, p. 15

KARSBURG, Alexandre. **O eremita das Américas:** a Odisseia de Um Peregrino Italiano no Século XIX. 1ªEd. Santa Maria: Editora UFSM, 2014

KÜHL; Beatriz Mugayar, A restauração de monumentos históricos na França após a Revolução Francesa e durante o século XIX: um período crucial para o amadurecimento teórico (parte 2). **Revista CPC**, São Paulo, n. 3, p. 110-144, 2007.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória - História e Memória** / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

LEITE, Bazilisso. **Generalidade das missões jesuíticas 1531 – 1759 – Roteiro Histórico e Turístico das ruínas dos Sete Povos das Missões**. Vol I. 2ª Edição. Editora A4 LTDA. 1973 Porto Alegre

MAEDER, Ernesto J. A. **Cartas Ânuas de la Província del Paraguai 1637 -1639.** Buenos Aires: Fundación para la Educación, la Ciencia y la Cultura 1989.

MAESTRI, Mario. **A invasão de São Borja**. Jornal correio do Povo. Porto Alegre, 06 jun. 2015, p. 02

MAURER, Rodrigo e COLVERO, Ronaldo. As possibilidades na análise das fontes: a redução de São Francisco de Borja a partir do Inventário de Bruno de Zavala. In: Anna Olívia do Nascimento; Maria Ivone de Avila Oliveira. (Org.). **Bens e Riquezas das Missões.** Porto Alegre: Martins Livreiro, 2008. p. 46-60.

_____, UM CASO MAL RESOLVIDO: OS SETE POVOS DAS MISSÕES E O JULGAMENTO DE 1759. **Revista Estudos Históricos** – CDHRP. ISSN: 1688 5313. Ago. 2009. Disponível em: < http://www.estudioshistoricos.org/edicion_2/ferreira_maurer_colvero.pdf> Acesso em 20 abr. 2018

MONTOYA, Antonio Ruiz de. **Conquista Espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape**. 2ª ed. Porto Alegre: Martins Livreiro Ed., 1997.

NASCIMENTO, Ana Ollivia do e OLIVEIRA, Maria Ivone de Ávila (Org.) **Bens e Riquezas das Missões**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2008

O'DONNELL, Fernando Otávio Miranda. **Elementos da história política de São Borja (1889/1947)**, Editora Edigal, Porto Alegre, 2014

OLIVEIRA, José Roberto de. **Experiências Utópicas no Território Fronteiriço do Mercosul e as Alternativas de Sustentabilidade e Desenvolvimento para o Terceiro Milênio/Desenvolvimento em Questão** [On-line] 2012, Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=75223635003> Acesso em 10 abr. 2018.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. **Identidade e interculturalidade história e arte guarani.** 2ª Edição. Editora UFSM. 2013. Santa Maria

ORTIZ, Renato. **Sobre o relativismo cultural**. São Paulo, 2008

PINTO, Muriel. Revista Eletrônica de Turismo Cultural, Vol 04, Ano 02. (artigo) **Turismo cultural na Fronteira Missioneira Brasil-Argentina**: Patrimônio, Identidade como atrativos Turísticos, 2010. Disponível em : < http://www.eca.usp.br/turismocultural/8.04_Muriel_Pinto.pdf>. Acesso em 29 abr. 2018.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO BORJA. **Acervo do Museu Apparício Silva Rillo será objeto de estudo de pesquisadores internacionais** [On-line] 2018, Disponível em: <http://www.saoborja.rs.gov.br/index.php/ultimas-noticias/1035-acervo-do-museu-apparicio-silva-rillo-sera-objeto-de-estudo-de-pesquisadores-internacionais> Acesso em 15 ago. 2018

PLÁ, Josefina. **El Barroco hispano guarani**. Asunción, Paraguay : Editorial del Centenário S.R.L.,1975.

PORTO, Aurélio. **História das Missões Orientais do Uruguai**. Porto Alegre, Livraria Selbach,1954.

REVISTA ARMAZÉM DA CULTURA, São Borja. Editora Conceito, 2008

REVISTA DO PATRIMONIO, Brasília, n. 36, p. 01 – 201, 2017

REVISTA HISTÓRIA UNISINOS. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/5102/2358> Acesso em: 29 mar. 2018

RILLO, Apparício Silva e O'DONNELL, Fernando O.M. **Populário são-borjense.** Ed. Nova Prova, São Borja, 2ª Ed. 2004.

RILLO, Apparício Silva. **São Borja em perguntas e respostas.** Monografia histórica e de costumes. Coleção Tricentenário,1982.

RIO GRANDE DO SUL. Decreto Nº 35.580, de 11 de outubro de 1994. Declara São Borja "Cidade Histórica" e dá outras providências. Disponível em <http://www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100099.ASP?Hid_Tipo=TEXTO&Hid_TodasNormas=12649&hTexto=&Hid_IDNorma=12649> Acesso em 15 de mar. 2018

_____. Lei Nº 15093, de 02 de janeiro de 2018. Declara São Borja "Capital Gaúcha dos Fandangos" e dá outras providências. Disponível em <http://leisestaduais.com.br/rs/lei-ordinaria-n-15093-2018-rio-grande-do-sul-declara-o-municipio-de-sao-borja-capital-gaucha-do-fandango> Acesso em 15 mar. 2018

RODRIGUES, José Fernando Corrêa. **Resquícios Jesuíticos e Missioneiros na Terra dos Presidentes e a potencialização para o desenvolvimento do turismo.** Especialização em imagem, história e memória das Missões: Educação para o patrimônio. São Borja: 2014, Universidade Federal do Pampa. 83 p.

SAINT-HILAIRE, August. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Martins Livreiro, 1997

SANTANA, Agustín. **Antropologia do turismo** - Analogias, encontros e relações. Tradução: Eleonora Frenkel Barreto. São Paulo: ALEPH, 2009.

SÃO BORJA. In: **WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre.** Flórida: Wikimedia Foundation, 2018. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=S%C3%A3o_Borja&oldid=51940993>. Acesso em: 29 abr. 2018.

SEMPÉ, Moarcy Matheus. **O primeiro dos Sete Povos das Missões**. Jornal Folha de São Borja, 07 out. 1981. Coluna da cidade, p. 08

SEPP, Antonio. **Viagem às Missões Jesuíticas e Trabalhos apostólicos**, 1655 -

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. In: SILVA, T. T. da. (Org.) Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

SILVA. René Maré da Costa. **Cultura Popular e Educação.** Salto para o futuro. Brasília: MEC, 2008.

SUSTERSIC, Bozidar. **El “insigne artífice” Jose Brasanelli**. Su paticipacion en la con-formacion de un nuevo lenguaje figurativo en las misiones jesuíticas-guaranies. Uni-versidad de Buenos Aires. Argentina (artigo). 2012 p 533 - 549

THIELKE, Natalia. **O percurso das imagens:** a estatuária missioneira no Museu Júlio de Castilhos e no Museu das Missões (1903 - 1940). Dissertação de Mestrado em Educação. Porto Alegre: 2014. Universidade Federal do rio Grande do Sul. **216 p.**

TREVISAN, Armindo. **A escultura dos Sete Povos**. 1ª Edição. Editora Movimento. 1978. Porto Alegre

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasilia/culture/world-heritage/heritage-legacy-from-past-to-the-future/> Acesso em: 20 de mai. 2018.

_____. **Convenção sobre a Diversidade Cultural** 33ª. Conferência Geral da Unesco. Paris, out. 2005B. Disponível em: <http://unesco.org> Acesso em: 12 abr. 2018.

VIEIRA, Mabel Leal e COUTINHO, Maria Inês. **Inventário da imaginária missioneira**. Canoas: La Salle, 1993

WILLIAMS, Raymond. **La larga revolución.** 1.Ed. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003

_____. **Palavra-chave**: um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007.